

O Caniço Ferido

Richard Sibbes



Monergismo.com

“Ao Senhor Pertence a Salvação”

Traduzido do original em inglês
The Bruised Reed

Tradução: Vanderson Moura da Silva

Edição e Projeto Gráfico: Felipe Sabino de Araújo Neto

Primeira edição em português: 2007

Salvo indicação em contrário, os textos escriturísticos empregados são sempre oriundos da versão da Bíblia de Almeida Revista e Corrigida, da Imprensa Bíblica Brasileira.

SUMÁRIO

PREFÁCIO À EDIÇÃO INGLESA	5
1. O CANIÇO E O FERIMENTO	8
COMO CRISTO É CHAMADO	8
COMO CRISTO SEGUE AQUILO POR QUE É CHAMADO	9
O QUE DEVE SER FERIDO	9
OS BONS EFEITOS DO FERIR	10
2. CRISTO NÃO QUEBRARÁ O CANIÇO FERIDO	12
OS PROCEDIMENTOS DE CRISTO COM O CANIÇO FERIDO	12
PARA NÓS MESMOS	13
QUEM SÃO OS CANIÇOS FERIDOS?	14
3. O PAVIO QUE FUMEGA.....	18
A GRAÇA É PEQUENA NO COMEÇO	18
A GRAÇA ESTÁ MISTURADA COM CORRUPÇÃO	19
4. CRISTO NÃO APAGARÁ O PAVIO QUE FUMEGA.....	21
A MENOR FAGULHA DE GRAÇA É PRECIOSA	21
SUSTENTA O FRACO.....	22
5. O ESPÍRITO DE MISERICÓRDIA DEVE NOS MOVER	25
SIMPLICIDADE E HUMILDADE	25
JULGAMENTO SÃO	27
COMO DEVEM AGIR AQUELES COM AUTORIDADE	28
SOMOS DEVEDORES AOS FRACOS	29
6. MARCAS DO PAVIO QUE FUMEGA	32
NOSSA REGRA É O PACTO DA GRAÇA.....	32
A PRESENÇA DO FOGO CELESTIAL	34
7. AJUDA PARA O FRACO	39
TENTAÇÕES QUE IMPEDEM O CONSOLO	39
A FRAQUEZA NÃO DEVE NOS AFASTAR DO DEVER.....	42
8. DEVERES E DESENCORAJAMENTOS	45
DEVEMOS PERSISTIR NOS DEVERES	45
VENCENDO OS DESENCORAJAMENTOS	46
À FONTE DOS DESENCORAJAMENTOS.....	47
ALGUNS ESCRÚPULOS REMOVIDOS	48
QUAIS SÃO OS PECADOS DE FRAQUEZA?	49
9. CREIA EM CRISTO, NÃO EM SATANÁS	52
COMO DEVEMOS PENSAR EM CRISTO.....	52
QUANDO CRISTO PARECE SER UM INIMIGO	53
QUANDO A DÚVIDA NOS ASSALTA.....	53
10. NÃO EXTINGAIS O ESPÍRITO.....	56
FALSO DESESPERO QUANTO À MISERICÓRDIA DE CRISTO	56
FALSA ESPERANÇA QUANTO À MISERICÓRDIA DE CRISTO	56
RESISTINDO À MISERICÓRDIA DE CRISTO	56
ABUSANDO A MISERICÓRDIA DE CRISTO	57
BUSCANDO UMA OUTRA FONTE DE MISERICÓRDIA	59

MALTRATANDO OS HERDEIROS DA MISERICÓRDIA	60
CONTENDA ENTRE OS HERDEIROS DA MISERICÓRDIA	60
APROVEITANDO-SE DO FERIDO	61
DESPREZANDO OS MEIOS SIMPLES SE MISERICÓRDIA	62
II. O JULGAMENTO E A VITÓRIA DE CRISTO.....	63
O JUÍZO DE CRISTO DEMONSTRADO EM NÓS	63
A BRANDURA DE CRISTO E SEU GOVERNO.....	64
O PERDÃO LEVA À OBEDIÊNCIA.....	65
A JUSTIFICAÇÃO LEVA À SANTIFICAÇÃO	65
12. O SÁBIO GOVERNO DE CRISTO.....	67
JULGAMENTO E SABEDORIA	67
À NECESSIDADE DA LUZ CELESTIAL	68
ONDE O GOVERNO DE CRISTO ESTÁ ESTABELECIDO.....	69
COMO CRISTO NOS GOVERNA	70
OS EFEITOS DISSO NA PRÁTICA	71
13. A GRAÇA REINARÁ	72
POR QUE O REINO DE CRISTO TEM QUE DOMINAR	72
POR QUE O INIMIGO PARECE VITORIOSO	74
CONSOLO PARA OS CRISTÃOS FRACOS	76
EVIDÊNCIAS DA REGRA DE CRISTO EM NÓS	76
14. MEIOS PARA TORNAR A GRAÇA VITORIOSA.....	79
REGRAS PARA O RETO JULGAMENTO	79
MANTENDO O NOSSO JULGAMENTO PURO.....	79
RAZÕES PARA A APARENTE FALTA DE PROGRESSO	82
TODOS DEVEM ADERIR A CRISTO.....	83
15. O PÚBLICO TRIUNFO DE CRISTO.....	85
A GLÓRIA EVIDENTE DE CRISTO EM SEUS MEMBROS	85
SIGA A SINCERIDADE E A VERDADE	86
SÓ CRISTO FAZ AVANÇAR ESSE GOVERNO	87
NÃO DEVEMOS OLHAR PARA NÓS MESMOS.....	88
CRISTO FAZ-NOS SENTIR NOSSA DEPENDÊNCIA	89
O TRIUNFO DA GRAÇA	90
16. DO CONFLITO À VITÓRIA.....	91
PORQUE O GOVERNO DE CRISTO SOFRE OPOSIÇÃO	91
DEVEMOS ESPERAR POR OPOSIÇÃO	92
NOSSA VITÓRIA EM CRISTO É CERTA	93
ENTESOURE O MENOR GRAU DE GRAÇA	95
ENCORAJAMENTO PARA VIR A CRISTO.....	95
CRISTO É A ESPERANÇA DA IGREJA.....	96
A FÉ PREVALECERÁ.....	97

PREFÁCIO À EDIÇÃO INGLESA

“Nossos livros podem vir a ser vistos de onde nós mesmos nunca ouviremos falar. Esses conseguem pregar onde o autor não consegue, e (mais ainda) quando ele não estiver presente”. Tal predição, feita por um grande puritano, teve muitos cumprimentos. Um clérigo galês ímpio, fazendo compras numa feira no século dezoito, adquiriu um artigo que veio a ser embrulhado numa página rasgada de um velho fólio puritano. A leitura daquela página o levou à conversão sadia. Como disse Lutero: “Satanás odeia o uso das penas de escrever”, e nunca as penas foram mais poderosamente manejadas na causa de Deus do que pelos teólogos puritanos do século dezessete. Nem seus livros viveram mais do que sua utilidade. Ainda que os volumes originais estejam gastos pela idade, as verdades neles encontradas são tão novas quanto os novos formatos nos quais estão eles agora aparecendo.

Não há introdução melhor aos puritanos do que os escritos de Richard Sibbes, que é, em muitas maneiras, um puritano típico. “Sibbes nunca desperdiça o tempo do estudante”, escreveu C. H. Spurgeon, “ele espalha pérolas e diamantes com ambas as mãos”.

Os fatos a respeito da vida de Sibbes podem ser brevemente narrados (há um relato completo no Volume 1 da edição de suas Obras pela “Banner of Truth Trust”). Nasceu em Tostock, Suffolk, em 1577, e ingressou na escola em Bury St. Edmunds. Seu pai queria que Richard tivesse seu próprio ofício como carpinteiro de carros e rodas, porém, com a ajuda de amigos, ele foi para a Faculdade de S. João, de Cambridge, em 1595. Ali ele foi convertido sob a poderosa pregação de Paul Bayne, o sucessor de William Perkins no púlpito da Grande Igreja de S. André. Após ganhar seu B. D.* em 1610, ele foi designado conferencista na Igreja da Trindade Santa, em Cambridge. Ele foi removido desse posto cinco anos depois, contudo, devido a suas tendências puritanas. Através da influência de amigos poderosos, ele foi escolhido para ser o pregador em Gray’s Inn[†], em Londres, em 1617, e permaneceu ali até 1626. Naquele ano, retornou a Cambridge como Mestre do Santa Catarina Hall, e mais tarde retornou à Trindade Santa, dessa vez como o seu vigário. Recebeu um Doutorado em Teologia em 1627, e a partir daí frequentemente se alude a ele como “o celestial Doutor Sibbes”, devido tanto à matéria quanto ao modo de sua pregação. Ele continuou a exercer seu ministério, em Gray’s Inn, em Londres, tanto quanto em Trindade Santa, em Cambridge, permanecendo, ao mesmo tempo, como Mestre do Santa Catarina, até sua morte em 6 de

* Sigla inglesa de *Bachelor Degree* (bacharelado) (N. do T.)

[†] *Inn*, no presente contexto, refere-se a um prédio para reuniões estudantis, principalmente de alunos de direito, em Londres, termo que, no inglês moderno, caiu em desuso (N. do T.)

julho de 1635, ao 58 anos de idade. Dele Izaak Walton posteriormente escreveu: “Desse homem bendito, que lhe seja dado apenas esse elogio: o céu estava nele, antes que ele estivesse no céu”.

“O Senhor o tomou”, escreveu um contemporâneo, “para que seus olhos não pudessem ver os grandes males que estavam para irromper sobre a terra”. Tais males chegaram a um ponto crítico na Guerra Civil da década de 1640. Por trás daquele evento estava um movimento para fora das doutrinas e práticas da Reforma por parte de uma poderosa facção da Igreja Anglicana, encabeçada por William Laud, Arcebispo de Canterbury, e apoiado pela proteção real. Foram os puritanos que se ajuntaram para arrostar tais investidas hostis. Para eles, a moderação em sustentar a verdade da Palavra de Deus era senão tibieza pecaminosa. “Uma maldição jaz sobre aqueles”, dizia Sibbes, “que, quando a verdade sofre, não têm uma palavra para defendê-la”. Por sua ousadia, Sibbes foi censurado em 1627 e, em 1632, junto com onze outros ministros puritanos, foi sentenciado ao banimento. A sentença nunca foi levada a efeito, porém, Sibbes viveu para ver muitos de seus queridos amigos, como Samuel Ward, Thomas Goodwin, John Cotton, Thomas Hooker e outros, aprisionados ou forçados ao exílio na Holanda ou na Nova Inglaterra. Com respeito à questão final desse conflito, Sibbes não tinha dúvida alguma. Gardner, em sua História da Revolução Puritana, escreve: “Sibbes distinguia-se por sua triunfante confiança... [enquanto] mesmo Laud e Wentworth reconheceram que as chances lhes eram contrárias. Eliot em sua prisão, e Sibbes em seu púlpito, estão jubilosos e exultantes”.

O próprio Sibbes diz:

Um cristão é uma pessoa inexpugnável. Ele é alguém que nunca pode ser conquistado. Emanuel tornou-se homem para fazer a igreja e todo cristão serem um consigo. A natureza de Cristo está a salvo de tudo que seja prejudicial. O sol não brilhará, o vento não soprará para fazerem dano à igreja. Pois o Cabeça da igreja rege sobre todas as coisas e tem-nas todas sob sujeição. Portanto, que todos os inimigos consultem-se juntamente, este rei e esse poder, há um conselho no céu que perturbará e frustrará todos os seus conselhos. Emanuel, no céu, ri deles com desdém. E, como disse Lutero, “choraremos e berraremos quando Deus ri?”

Desde sua primeira publicação em 1630, “O Caniço Ferido” tem sido notavelmente frutífera como fonte de ajuda e conforto espiritual. Richard Baxter relata: “Um pobre vendedor ambulante veio à porta... e meu pai comprou dele “O Caniço Ferido” de Sibbes... Ele se adequava ao meu estado... e me deu uma apreensão mais viva do mistério da redenção e de quanto eu era contemplado por Jesus Cristo... Sem outro meio qualquer que não os livros, Deus se agradou de me explicar a mim mesmo”. Tais testemunhos poderiam ser multiplicados. Falando da necessidade do

pregador de adequar sua leitura às condições variáveis que acha dentro de si, Dr. Martyn Lloyd-Jones diz em seu livro “Pregação e Pregadores”:

Você achará, penso, que, em geral, os puritanos são, quase sempre, invariavelmente úteis... Nunca cessarei de ser grato a um deles, chamado Richard Sibbes, que foi bálsamo para a minha alma num período da vida quando eu estava sobrecarregado no trabalho e gravemente mui cansado e, por conseguinte, sujeito, de um modo incomum, às investidas do diabo. Naquele estado e naquela condição... o que você precisa é de algum tratamento gentil e terno para a sua alma. Descobri naquela época que Richard Sibbes, que era conhecido em Londres no início do século dezessete como “o celestial Doutor Sibbes”, era um remédio infalível. Seus livros “O Caniço Ferido” e “O Conflito da Alma”^{*} serenaram, acalmaram, confortaram, encorajaram e curaram a mim.

As obras completas de Sibbes foram publicadas em sete volumes na “Nichol Series” entre 1862 e 1864, e novamente pela “Banner of Truth Trust”, entre 1973 e 1982. O presente livro é tirado do primeiro volume daquela série e é o primeiro dos escritos de Sibbes a ser publicado separadamente na presente série. Algo da linguagem e da pontuação da edição primitiva foi modernizado e os cabeçalhos foram introduzidos com a intenção de tornar a obra mais acessível aos leitores dos dias correntes.

Sibbes disse uma vez a Thomas Goodwin: “Jovem, se você quiser fazer uma boa coisa, deve pregar o evangelho e a livre graça de Deus em Cristo Jesus”. “O Caniço Ferido” nos mostra como Sibbes mesmo fez isso. Possa ele, por sua obra, ainda que morto, falar (Hb 11.4), tanto aos leitores que já estão familiarizados com seus escritos como àqueles que ainda têm que descobri-lo.

Janeiro de 1998

^{*} Esse último, ainda sem tradução conhecida em português (no original, *The Soul's Conflict*) (N. do T.)

I. O CANIÇO E O FERIMENTO

O profeta Isaías, sendo elevado e carregado com a asa de um espírito profético, atravessa todo o tempo entre ele e o aparecimento de Jesus Cristo na carne. Vendo com o olho da profecia, e com o olho da fé, Cristo como presente, ele o apresenta, no nome de Deus, ao olho espiritual de outros, nestas palavras: “Eis o meu servo, a quem sustenho; o meu eleito, em que a minha alma se deleita; pus o meu espírito sobre ele; produzirá juízo entre os gentios. Não clamará, não se exaltará, nem fará com que a sua voz seja ouvida na rua. O caniço ferido não quebrará, nem apagará o pavio que fumega; produzirá julgamento em verdade” (Is 42.1-3, KJV[†]). Tais palavras são afirmadas por Mateus como já cumpridas em Cristo (Mt 12.18-20). Nelas são expostos, primeiro, o chamado de Cristo ao seu ofício; segundo, a maneira pela qual ele o leva a efeito.

COMO CRISTO É CHAMADO

Deus o chama aqui de seu servo. Cristo era o servo de Deus no melhor serviço que já teve, um servo escolhido e seletivo que fez e sofreu tudo por comissão do Pai. Nisso podemos ver o doce amor de Deus para conosco, em que ele reputa a obra de nossa salvação por Cristo seu maior serviço, e naquela ele porá seu amado Filho único para tal serviço. Ele bem pode ser chamado de “Amado” para elevar nossos pensamentos ao mais alto grau de atenção e admiração. Na hora da tentação, as consciências apreensivas olham tanto para o problema presente em que estão, que precisam ser incitadas para contemplar a ele, em quem podem encontrar repouso para suas almas aflitas. Nas tentações, é mais seguro olhar para coisa nenhuma, a não ser Cristo, a verdadeira serpente de bronze, o verdadeiro “Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (João 1.29). Esse objeto salvífico tem uma especial influência consoladora para a alma, especialmente se olharmos atentamente não apenas para Cristo, mas para a autoridade do Pai e seu amor nele. Pois em tudo que Cristo fez e sofreu como Mediador, devemos ver nele Deus reconciliando o mundo consigo (2 Co 5.19).

Que apoio esse para a nossa fé, que Deus Pai, a parte ofendida por nossos pecados, seja assim agradado com a obra de redenção! E que conforto esse, que, vendo o amor de Deus repousar sobre Cristo, que tanto se apraz nele, podemos inferir que ele também se agrada conosco, se estivermos em Cristo! Pois seu amor repousa num Cristo inteiro, no Cristo místico, tanto quanto no Cristo natural, porque ele o ama e a nós com um amor. Que abracemos, portanto, Cristo, e nele o amor divino, e edifiquemos

[†] Para o correto entendimento da obra, optamos por fazer a tradução direta da versão inglesa *King James* (N. do T.)

nossa fé com segurança em um tal Salvador que foi provido com uma tão alta comissão.

Vejamos aqui, para nosso conforto, uma doce concordância de todas as três pessoas: o Pai dá uma comissão a Cristo; o Espírito o provê e o santifica para isso, e Cristo mesmo executa o ofício de Mediador. Nossa redenção está fundamentada sobre a concordância conjunta de todas as três pessoas da Trindade.

COMO CRISTO SEGUE AQUILO POR QUE É CHAMADO

Isso é dito aqui para ser feito com modéstia, sem fazer nenhum barulho, ou levantar poeira por qualquer vinda pomposa, como os príncipes estão acostumados a fazer. “[Não] fará ouvir a sua voz”. Sua voz de fato foi ouvida, mas qual voz? “Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos” (Mt 11.28). Ele clamou, mas como? “Ó vós, todos os que tendes sede, vinde às águas” (Is 55.1). E sua vinda foi tanto modesta quanto meiga, o que é posto nestas palavras: “O caniço ferido não quebrará, nem apagará o pavio que fumega”.

Vemos, por conseguinte, qual a condição daqueles com quem ele teve que lidar, caniços feridos e pavios fumegantes; não árvores, mas caniços; e não caniços sãos, mas feridos. A igreja é comparada a coisas fracas: a uma pomba entre as aves; a uma videira entre as plantas; a carneiros entre as feras; a uma mulher, que é o vaso mais fraco.

Os filhos de Deus são canas trilhadas antes de suas conversões e, com frequência, também depois. Antes da conversão, todos (exceto os tais que, sendo criados na igreja, Deus se deleitou em se mostrar gracioso desde a infância) são caniços feridos, ainda que em diferentes graus, tal como Deus considera adequado. E, como há diferenças com respeito a temperamento, dons e modo de viver, assim também há no propósito divino de usar homens no tempo vindouro; pois comumente ele esvazia os tais de si próprios, e os torna em nada, antes de usá-los em quaisquer grandes serviços.

O QUE DEVE SER FERIDO

O caniço ferido é um homem que, na maioria das vezes, está em alguma miséria, como estavam aqueles que vieram a Cristo para obtenção de ajuda, e pela miséria é levado a ver o pecado como a causa daquela, pois, sejam quais forem os pretextos que o pecado dá, eles chegam a um término quando ficamos feridos e quebrados. Ele fica sensível quanto ao pecado e a miséria, mesmo da ferida; e, não vendo nenhum auxílio em si próprio, é levado com incansável desejo de ter suprimento de um outro, com alguma

esperança, a qual, pouca, o eleva para fora de si mesmo a Cristo, ainda que não ouse alegar qualquer direito presente à misericórdia. Essa fagulha de esperança, tendo a oposição de dúvidas e temores que nascem da corrupção, torna-o como pavio que fumega; de modo que os dois em conjunto, um caniço ferido e o pavio que fumega, compõem o estado de um pobre homem angustiado. Esse é um tal a quem o nosso Salvador Cristo dá o termo de “pobre de espírito” (Mt 5.3), que vê suas necessidades, e também vê a si próprio devedor à justiça divina. Ele não tem meio nenhum de prover por si mesmo ou pela criatura, e sobre isso chora, e, sobre alguma esperança de misericórdia da promessa e dos exemplos daqueles que obtiveram misericórdia, é excitado a ter fome e sede por ela.

OS BONS EFEITOS DO FERIR

Esse ato de ferir é exigido antes da conversão para que assim o Espírito possa abrir caminho para si mesmo dentro do coração ao arrasar todo orgulho, pensamentos altivos, e para que possamos entender a nós mesmos como sendo o que de fato somos por natureza. Amamos nos apartar por nós próprios e a ser estranho em casa, até Deus nos ferir por uma ou outra cruz, e então caímos em nós mesmos, e voltamo-nos ao lar como o pródigo (Lucas 15.17). É duríssima coisa trazer um coração estúpido e intencionalmente ambíguo a clamar de modo sentido por misericórdia. Nossos corações, como criminosos, até que sejam derrotados em todos os seus subterfúgios, nunca bradam pela misericórdia do juiz.

Outra vez, esse ferir nos leva a dar um alto preço a Cristo. Então o evangelho se torna de fato o evangelho; então as folhas de figo da moralidade não nos farão bem algum. E ele nos torna mais gratos, e, da gratidão, passamos a ser mais frutíferos em nossas vidas; pois o que torna muitos tão frios e estéreis, senão por aquele ferimento pelo pecado, que nunca fazia com que eles estimassem a graça de Deus?

Semelhantemente, esse lidar de Deus estabelece-nos o mais possível em seus caminhos, tendo tido pancadas e ferimentos em nossos próprios caminhos. Esse é, amiúde, a causa de relaxamentos e apostasia, porque os homens nunca sentem a dor pelo pecado de início; eles não estiveram tempo bastante sob o açoite da lei. Aqui, essa obra inferior do Espírito em abater os pensamentos altivos (2 Co 10.5) é necessária antes da conversão. E, no mais das vezes, o Espírito Santo, para promover a obra de convicção, junta a ela alguma aflição, a qual, quando santificada, tem um poder de curar e purgar.

Depois da conversão, precisamos ser feridos de modo que os caniços possam saber por si próprios que são caniços, não carvalhos. Mesmo caniços precisam ser feridos, devido ao resto de orgulho em nossa natureza,

e nos levar a ver que vivemos por misericórdia. Tal ferimento pode ajudar os cristãos mais fracos a não ficarem por demais desencorajados, quando virem os mais fortes abalados e feridos. Assim foi Pedro ferido quando chorou amargamente (Mt 26.75). Esse caniço, até encontrar com sua ferida, tinha em si mais vento do que seiva quando disse: “Ainda que todos te abandonem, eu nunca te abandonarei” (Mt 26.33, NVI). O povo de Deus não pode ficar sem esses exemplos. Os feitos heróicos daqueles grandes notáveis não confortam a igreja tanto quanto suas quedas e feridas. Assim foi Davi ferido até que chegasse a uma livre confissão, sem espírito ardiloso (Sl 32.3,5); pelo contrário, suas tristezas fizeram surgir em seu próprio sentimento até a intensa dor de quebra dos ossos (Sl 51.8). Assim Ezequias se queixa de que Deus “como um leão” quebrou todos os seus ossos (Is 38.13). Assim precisou o vaso escolhido Paulo do mensageiro de Satanás para o esbofetear para que não devesse se gabar além da conta (2 Co 12.7).

Aqui aprendemos que não devemos ser rígidos em demasia ao julgarmos a nós e a outros quando Deus nos exercita com ferimento sobre ferimento. Deve haver uma conformidade com a nossa cabeça, Cristo, que “foi ferido” por nós (Is 53.5) para que possamos conhecer quanto estamos ligados a ele.

Espíritos ímpios, ignorantes quanto aos caminhos de Deus em levar seus filhos ao céu, censuram os cristãos esmagados pela dor como pessoas miseráveis, sendo que Deus está operando neles uma obra boa, graciosa. Não é questão fácil trazer um homem da natureza para a graça, e da graça à glória, tão inflexíveis e intratáveis que são nossos corações.

2. CRISTO NÃO QUEBRARÁ O CANIÇO FERIDO

Seguindo seu chamado, Cristo não quebrará o caniço ferido, nem apagará o pavio fumegante, que tem mais significado do que o falado, pois não só quebrará nem apagará, mas tratará com carinho aqueles com quem assim ele lida.

OS PROCEDIMENTOS DE CRISTO COM O CANIÇO FERIDO

Os médicos, ainda que levem seus pacientes a ter muita dor, não destruirão a natureza, mas a vivificarão gradualmente. Os cirurgiões lancetarão e cortarão, mas não desmembrarão. Uma mãe que tenha uma criança doente e teimosa, portanto, não a rejeitará. E não haverá mais misericórdia na torrente do que no manancial? Pensaremos que há mais misericórdia em nós mesmos do que em Deus, que planta esse sentimento em nós?

Mas, para favorecer a declaração da misericórdia de Cristo a todos os caniços feridos, considere as confortadoras relações de marido, pastor e irmão que tomou ele sobre si, as quais desempenhará por completo. Cumprirão isso outros, pela graça dele, a que ele os convoca, ou ele que, de seu amor, tomou sobre tais relações, tão perfeitamente fundadas sobre a incumbência do Pai, e sua própria empresa? Considere os nomes que ele tomou emprestado das mais indulgentes criaturas, tais como cordeiro e galinha, para mostrar seu terno cuidado. Considere o próprio nome dele, Jesus, um Salvador, dado pelo próprio Deus. Considere seu ofício, correspondente ao seu nome, o qual é que ele deveria “restaurar os contritos” (Is 61.1). Em seu batismo, o Espírito Santo repousou sobre si na forma de uma pomba, para mostrar que ele deveria ser como ela, um gentil Mediador.

Veja o modo gracioso como que ele executa seus ofícios. Como profeta, ele veio com bênção em sua boca: “Bem-aventurados os pobres de espírito” (Mt 5.3), e convidou para vir a si aqueles cujos corações sugeriam as maiores objeções contra eles mesmos: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos” (Mt 11.28). Como o seu coração ficou comovido quando viu o povo “como ovelhas que não têm pastor” (Mt 9.36)! Nunca, em momento algum, deu as costas àquelas que vieram a ele, ainda que algumas, por si mesmas, apartassem. Ele veio para morrer como sacerdote por seus inimigos. Nos dias de sua carne, ele ditou uma forma de oração a seus discípulos, e pôs petições a Deus dentro de suas bocas, e seu Espírito para interceder em seus corações. Ele verteu lágrimas por aqueles que derramaram seu sangue, e agora ele faz intercessão no céu pelos cristãos fracos, pondo-se entre eles e a ira de Deus. Ele é um rei meigo; ele admitirá

os entristecidos em sua presença, rei das pessoas pobres e aflitas que é. Assim como tem ele raios luminosos de majestade, tem também um coração com misericórdia e compaixão. É o príncipe da paz (Is 9.6). Por que foi ele tentado, senão para que pudesse “socorrer aos que são tentados” (Hb 2.18)? Que misericórdia não podemos esperar de um tão gracioso Mediador (1 Tm 2.5) que tomou sobre si a nossa natureza para que pudesse ser gracioso? Ele é um médico bom em todas as doenças, em especial ao rejuntar as partes de um coração quebrado. Ele morreu para que pudesse curar nossas almas com emplastro de seu próprio sangue, e nos salvar por tal morte, da qual fomos mesmo os causadores, por nossos próprios pecados. E ele não tem o mesmo coração no céu? “Saulo, Saulo, por que me persegues?”, exclamou o Cabeça no céu, quando o pé era na terra pisado (Atos 9.4). Sua subida não o fez esquecer de sua própria carne. Ainda que esteja liberta da paixão, todavia, não o está da compaixão para conosco. O leão da tribo de Judá somente estraçalhará aqueles que não querem que ele os governe (Lucas 19.14). Ele não mostrará sua força contra aqueles que se prostram perante si.

PARA NÓS MESMOS

1. O que devemos aprender disso, senão a chegar “com confiança ao trono da graça” (Hb 4.16) em todas as nossas ofensas? Desencorajar-nos-ão nossos pecados, quando ele lá comparece apenas pelos pecadores? Tu estás ferido? Tenhas bom consolo, ele te chama. Não escondas tuas feridas, exponhas tudo perante ele e não aceites o conselho de Satanás. Vá a Cristo, ainda que tremendo, como a pobre mulher que disse: “Se eu tão-somente tocar o seu vestido” (Mt 9.21). Seremos curados e receberemos uma resposta graciosa. Vamos com confiança a Deus em nossa carne; ele é carne da nossa carne, e osso do nosso osso por esta razão, para que possamos ir com segurança a ele. Nunca temas ir a Deus, visto que temos com ele um tal Mediador, que não apenas é nosso amigo, mas nosso irmão e marido. Bem podia o anjo proclamar do céu: “Eis aqui vos trago novas de grande alegria” (Lucas 2.10). Bem podia o apóstolo nos incitar a regozijar sempre no Senhor; “outra vez digo, regozijai-vos” (Fp 4.4). Paulo estava bem informado sobre as bases nas quais ele assim se portava. Paz e gozo são dois dos principais frutos do reino de Cristo. Que o mundo seja como quiser, se não pudermos regozijar no mundo, todavia podemos regozijar no Senhor. Sua presença faz de qualquer condição passível de consolo. “Não temais”, diz ele aos discípulos, quando ficaram com medo, como se tivessem visto um fantasma: “Sou eu” (Mt 14.27), como se não houvesse causa alguma para pavor onde estivesse ele presente.

2. Que isso seja nosso apoio quando nos sentimos feridos. O modo de Cristo é, primeiramente, ferir, depois curar. Nenhuma alma saudável, sã,

entrará jamais no céu. Pense que, quando em tentação, Cristo foi tentado por mim; conforme minhas provações serão minhas graças e consolos. Se Cristo é tão misericordioso que não me quebra, não quebrarei a mim mesmo pelo desespero, nem me renderei ao leão rugidor, Satanás, para me fazer em pedaços.

3. Veja a disposição contrária de Cristo de um lado e Satanás e seus instrumentos de outro. Satanás nos ataca quando estamos mais fracos, como Simeão e Levi contra os siquemitas, “quando os homens estavam doridos” (Gn 34.25, ARA), mas Cristo consertará em nós todas as brechas que Satanás e o pecado fizeram. Ele restaurará “os contritos de coração” (Is 61.1). Como uma mãe se torna mais terna para com o filho mais enfermo e fraco, assim também Cristo, misericordiosamente, inclina-se para o mais enfraquecido. Da mesma forma, ele põe nas coisas mais fracas um instinto para que ponham sua confiança em algo mais forte do que elas mesmas para se apoiarem. A videira se escora no olmeiro, e as criaturas mais fracas, amiúde, têm os mais fortes abrigos. A consciência da fraqueza da igreja a faz desejar de se recostar sobre seu amado, e a se esconder sob sua asa.

QUEM SÃO OS CANIÇOS FERIDOS?

Mas como saberemos se nós somos os tais que podem esperar misericórdia? Resposta: (1) Por ferido aqui não se quer dizer aqueles que são humilhados apenas pelas cruces, mas os tais que, por elas, são levados a verem o próprio pecado, o qual fere mais do que tudo. Quando a consciência está sob a culpa do pecado, então todo julgamento traz um relato da ira divina à alma, e todos os problemas menores entram nessa grande tribulação de consciência causada pelo pecado. Como todos os humores corruptos correm às partes mais enfermas e feridas do corpo, e como todo credor vai para cima do devedor sempre que esse é aprisionado, assim, quando a consciência é uma vez despertada, todos os pecados de outrora e as cruces do presente ajuntam-se para fazer com que a machucadura fique mais dolorida. Ora, aquele que está ferido desse jeito não se contentará com nada senão com a misericórdia de quem o feriu. Ele feriu, e ele deve curar (Os 6.1). O Senhor que me feriu merecidamente por meus pecados deve restaurar meu coração. (2) De novo, um homem ferido de verdade julga o pecado como o maior mal, e o favor divino, o maior bem. (3) Ele preferiria antes ouvir sobre a misericórdia a ouvir a respeito de um reino. (4) Ele tem baixas opiniões a respeito de si mesmo, e acha não ser digno da terra onde pisa. (5) Para com os outros, ele não se sente à vontade para adotar uma atitude de censura, porém, é cheio de simpatia e compaixão àqueles que estão debaixo da mão de Deus. (6) Ele julga que aqueles que andam nas consolações do Espírito de Deus são os homens mais felizes do mundo. (7) Ele treme diante da Palavra de Deus (Is 66.2), e

honra os próprios pés daqueles benditos instrumentos que lhe trazem a paz (Rm 10.15). (8) Ele está mais ocupado com os exercícios íntimos de um coração quebrantado do que com formalismo, e, todavia, é cauteloso ao empregar todos os santificados meios de trazer consolo.

Contudo, como chegaremos a esse estado mental?

Resposta: Em primeiro lugar, devemos ter o conceito de ferir, tanto como um estado para o qual Deus nos traz, como uma obrigação a ser por nós executada. As duas coisas têm o mesmo sentido aqui. Devemos nos juntar a Deus em ferir a nós mesmos. Quando ele nos humilha, que nos humilhemos a nós próprios, e não nos ergamos contra, porque, então, ele redobrará seus golpes. Que justifiquemos a Cristo em todos os seus castigos, sabendo que todo seu lidar para conosco é para nos fazer retornar dentro de nossos próprios corações. Sua obra em ferir acompanha a nossa obra em ferir a nós mesmos. Que lamentemos nossa própria perversidade, e digamos: Senhor, que coração tenho eu, que carece disso tudo, que nada disso possa ser poupado! Devemos levantar um cerco contra a dureza de nossos próprios corações, e dar ao pecado toda a gravidade que pudermos. Devemos olhar a Cristo, que foi ferido por nós, olhar a ele, que foi traspassado pelos nossos próprios pecados. Mas todas essas instruções não prevalecerão, a menos que Deus, por seu Espírito, nos convença profundamente, pondo nossos pecados diante de nós, e nos conduzindo a uma paralisação. Então clamaremos por misericórdia. A convicção gerará a contrição, e essa leva à humilhação. Por conseguinte, que seja do desejo de Deus que ele traga uma clara e forte luz para todos os cantos de nossas almas, e a acompanhe com um espírito de poder para deixar nossos corações abatidos.

Não pode ser prescrita uma dada medida de ferir de nós mesmos, mas deve ela ser tal que (1) possamos apreciar Cristo acima de tudo, e ver que tinha que haver um Salvador; e (2) que reformemos aquilo que está errado, ainda que isso seja decepar nossa mão direita, ou arrancar nosso olho direito. Há uma perigosa atenuação da obra de humilhação, alguns alegando isso como pretexto para seu negligente trato com seus próprios corações, pois que Cristo não quebrará o canço ferido; mas os tais devem saber que todo terror momentâneo e toda tristeza passageira não são os que nos fazem ser canços feridos; não inclinar a cabeça “como um junco” (Is 58.5), mas um trabalhar nossos corações para uma tal tristeza de modo a tornar o pecado mais odioso a nós do que a sua punição, até que ofereçamos uma “santa violência” contra ele. Mas, ao sermos favoráveis a nós mesmos, trabalhamos para que Deus nos fira, e para um contundente arrependimento posterior. É perigoso, confesso, em alguns casos, com alguns espíritos, pressionar demais e por tempo excessivo esse ferir, porque eles podem morrer sob a ferida e o fardo antes que possam se erguer

novamente. Logo, é bom, nas assembléias mistas, misturar consolo para que toda alma possa ter a sua devida porção. Porém, se temos isso por verdade fundamental, que há mais misericórdia em Cristo do que pecado em nós, não pode haver perigo algum no trato completo. É melhor ir ferido para o céu do que são para o inferno. Portanto, que não tiremos cedo demais, nem arranquemos o emplastro antes que a cura seja operada, mas que nos mantenhamos debaixo dessa obra até o pecado se tornar o mais amargo, e Cristo, o mais doce, entre todas as coisas. E, quando a mão de Deus está sobre nós de qualquer modo, é bom desviar nosso pecado para outras coisas até a raiz de tudo, que é o pecado. Que nossa tristeza corra o mais das vezes naquele canal, para que, assim como pecado gera tristeza, também essa possa consumi-lo.

Mas não somos feridos a não ser que entristeçamos-nos mais pelo pecado do que pela punição? Resposta: Algumas vezes, nossa aflição, vinda de causas externas, pode ficar mais pesada à alma do que a tristeza pelo descontentamento de Deus, porque, em tais casos, a angústia opera sobre o homem todo, tanto externa quanto internamente, e nada tem para apoiá-la, senão uma pequena centelha de fé. Tal fé, devido à violenta impressão causada pela tristeza, suspende seus exercícios. Isso é mais sentido em súbitas angústias que sobrevêm à alma como uma torrente ou enxurrada de terra, e especialmente em enfermidades do corpo, o qual, devido à empatia entre ele e a alma, opera sobre essa até o ponto de obstar não somente os atos espirituais, mas ainda os naturais. Por conseguinte, Tiago deseja que, quando em aflição, roguemos por nós mesmos, mas, em caso de enfermidade, que chamemos “os presbíteros” (Tiago 5.14). Esses podem, como aquelas pessoas nos Evangelhos, levar a Deus em suas orações a pessoa enferma que é incapaz de apresentar seu próprio caso. Nisso, Deus admite uma tal escusa, pela agudez e amargura da aflição, como com Davi (Sl 6). O Senhor conhece nossa estrutura; lembra-se de que somos pó (Sl 103.14), que nossa resistência não é a do aço.

Esse é um ramo de sua fidelidade a nós como suas criaturas, daí a razão por que é ele chamado “fiel Criador” (1 Pe 4.19). “Fiel é Deus, que não vos deixará tentar acima do que podeis” (1 Co 10.13). Havia certos mandamentos que os judeus chamavam de as sebes da lei. A fim de impedir os homens de cometerem crueldade, Deus ordenou que não deveriam eles pegar a fêmea com seu filhote, nem cozer “o cabrito no leite de sua mãe” (Ex 23.19), nem atar “a boca ao boi” (1 Co 9.9). Deus cuida das bestas, e não de sua mais nobre criatura? E, por isso, devemos julgar com caridade as queixas do povo de Deus que estão assim apertados em tais casos. Já era por Deus reputado por homem paciente, não obstante aquelas apaixonadas lamentações. A fé que sobrepuja no presente lançará bases para a próxima vez; e o pesar pelo pecado, ainda que seja inferior em violência ao pesar pela

miséria, todavia, vai além dela com constância; como um arroio, alimentado por uma nascente, continua correndo, quando um córrego cheio subitamente pára.

Para concluir este ponto, e para nos encorajar a uma obra de ferir que seja cabal, e à paciência sob o ferir de Deus para conosco, que saibam todos que ninguém é mais apropriado ao conforto do que aqueles que julgam a si mesmos serem os mais distantes dele. Os homens, no mais das vezes, não se sentem suficientemente perdidos para terem um Salvador. Um santo desespero em nós mesmos é a base da verdadeira esperança. Em Deus os órfãos acham a misericórdia (Os 14.3); se os homens fossem mais órfãos, eles sentiriam mais afeição paternal de Deus vinda do céu, pois o Deus que habita nos mais altos céus também habita com a alma mais humilde (Is 57.15). As ovelhas de Cristo são ovelhas fracas, e são carentes de uma coisa ou outra; portanto, ele se dirige às necessidades de cada uma delas. Ele busca aquela que estava perdida, e traz de volta aquela que se perdeu no caminho, e liga aquela que estava quebrada, e fortalece a enferma (Ez 34.16). Seu mais terno cuidado está sobre a mais fraca. Os cordeiros ele leva no seu regaço (Is 40.11). Ele diz a Pedro: “Apascenta as minhas ovelhas” (João 21.15). Ele era o mais familiar e suave possível às almas atribuladas. Era tão cuidadoso que Pedro e o restante dos apóstolos não ficariam por muito tempo desalentados após sua ressurreição! “Ide, dissei a seus discípulos, e a Pedro” (Marcos 16.7). Cristo sabia que a culpa da maldade deles em abandoná-lo havia abatido seus espíritos. Quão gentilmente ele suportou a incredulidade de Tomé e quanto se rebaixou à fraqueza dele, ao conceder-lhe que lançasse sua mão no seu lado.

3. O PAVIO QUE FUMEGA

Ao levar adiante seu chamado, Cristo não apagará o pavio, ou morrão, que fumega, mas soprá-lo-á até inflamar. No pavio que fumega há senão um pouco de luz, e essa, fraca, estando como que incapaz de brilhar suas chamas, e esse pouco misturado com fumaça. As observações daí tiradas são que, nos filhos de Deus, especialmente em sua primeira conversão, há senão uma pouca medida de graça, e isso mesclado com muita corrupção, que, como a fumaça, é ofensiva; mas que Cristo não apagará esse pavio que fumega.

A GRAÇA É PEQUENA NO COMEÇO

Há várias épocas nos cristãos, alguns bebês, alguns jovens. A fé pode ser “um grão de mostarda” (Mt 17.20). Nada tão pequeno quanto a graça no início, e nada mais glorioso que ela depois. As coisas da maior perfeição são as que mais demoram em seu crescimento. O homem, a criatura mais perfeita, vem à perfeição de pouco em pouco; coisas sem valor, como cogumelos e quejandos, semelhantemente à aboboreira de Jonas, logo brotam, e logo desvanecem. Uma nova criatura é a mais excelente criatura de todo o mundo, portanto, cresce em degraus. Vemos na natureza que um poderoso carvalho surge de uma bolota. Dá-se com o cristão o que se deu com Cristo, que brotou da raiz de terra seca de Jessé, da família de Davi (Is 53.2), quando ela era a mais humilde, mas cresceu mais alta que os céus. Não se dá com as árvores da justiça como com as do paraíso, que, desde o início, foram criadas todas perfeitas. As sementes de todas as criaturas na atraente forma atual do mundo estavam ocultas no caos, naquela confusa massa inicial, da qual Deus ordenou que todas as criaturas surgissem. Nas sementinhas das plantas estão escondidos tanto o tronco quanto os ramos, tanto a flor quanto o fruto. Em uns poucos princípios jazem ocultos todas as consoladoras conclusões da verdade santa. Todos esses gloriosos fogos de zelo e santidade nos santos tiveram seus começos de umas poucas faíscas.

Não nos desencorajemos, portanto, nos pequenos inícios da graça, mas vejamos a nós mesmos como eleitos para ser “santos e irrepreensíveis” (Ef 1.4). Consideremos nosso começo imperfeito somente para forçar a posterior luta à perfeição, e nos manter numa baixa opinião de nós mesmos. De outro modo, em caso de desencorajamento, devemos nos considerar como Cristo o faz, que nos reputa como aqueles que ele intenciona adequar a si mesmo. Cristo nos avalia pelo que seremos, e por aquilo pelo qual somos eleitos. Ele chama a uma plantinha árvore, porque está ela crescendo para assim ser. “Quem despreza o dia das coisas pequenas?” (Zc 4.10). Cristo não quer que desprezemos as coisas pequenas.

Os anjos gloriosos não desdenham atender aos pequeninos — pequeninos aos seus próprios olhos, e pequenos aos olhos do mundo. A graça, ainda que pequena em quantidade, todavia, é muita em vigor e valor. É Cristo quem aumenta o valor dos lugares e pessoas pequenos e desprezíveis. Belém era a menor (Mq 5.2; Mt 2.6) e, todavia, não o era; a menor em si mesma, não a menor, já que Cristo ali nasceu. Ao segundo templo (Ag 2.9) faltava a magnificência externa do primeiro; todavia, foi mais glorioso do que o anterior, porque Cristo lá adentrou. O Senhor do templo entrou no seu próprio templo. A pupila do olho é mui pequena, todavia vê, de uma só feita, uma grande parte do céu. Uma pérola, embora pequena, todavia é mui estimada. Nada no mundo é de tão bom uso quanto o menor grão da graça.

A GRAÇA ESTÁ MISTURADA COM CORRUPÇÃO

Porém, a graça não é somente pequena, mas misturada com corrupção; por conseguinte, diz-se que o cristão é um pavio que fumega. Vemos, assim, que a graça não elimina a corrupção toda de uma vez, mas algo é deixado para que os crentes a combatam. As mais puras ações dos mais puros homens precisam de Cristo para perfumá-las; e tal é o seu ofício. Quando oramos, temos que orar outra vez para Cristo nos perdoar pelos defeitos de nossas orações. Considere alguns exemplos desse pavio que fumega:

Moisés no Mar Vermelho, estando numa grande perplexidade, e não sabendo o que dizer, ou para que caminho se voltar, queixou-se a Deus. Não há dúvida de que foi isso um grande conflito para ele. Em grande angústia, não sabemos o que orar, mas o Espírito faz petições com gemidos inexprimíveis (Rm 8.26). Corações quebrantados não podem senão produzir orações quebrantadas.

Quando Davi esteve diante do rei de Gate (1 Sm 21.13) e se desfigurou de modo a ficar de uma maneira desagradável, naquela fumaça havia algum fogo também. Tu podes ver que Salmo excelente ele compõe sobre aquela ocasião, o 34, no qual, baseado na experiência, ele diz: “Perto está o Senhor dos que têm o coração quebrantado” (Sl 34.18). “Eu dizia na minha pressa: Estou cortado de diante dos teus olhos”. Há fumaça. “Não obstante, tu ouviste a voz das minhas súplicas” (Sl 31.22). Há fogo. “Senhor, salva-nos, que perecemos” (Mt 8.25), gritam os discípulos. Aqui há fumaça de infidelidade, todavia, tanta luz da fé que os incitou a orar a Cristo. “Eu creio, Senhor”. Há luz.

“Ajuda a minha incredulidade”. Há fumaça (Marcos 9.24). Jonas clama: “Lançado estou de diante dos teus olhos”. Há fumaça. “Todavia, tornarei a ver o templo da tua santidade”. Há luz (Jn 2.4).

“Miserável homem que eu sou!”, diz Paulo, com senso de sua corrupção. Todavia, ele irrompe em ações de graças a Deus por Jesus Cristo nosso Senhor (Rm 7.24).

“Eu dormia”, diz a igreja em Cantares de Salomão, “mas o meu coração velava” (Ct 5.2). Nas sete igrejas, as quais por suas luzes são chamadas “os sete castiçais de ouro” (Ap 2 e 3), a maioria delas tinha muita fumaça junto com suas luzes.

A razão de tal mistura é que trazemos em nós um duplo princípio, graça e natureza. A finalidade disso em especial é nos preservar daquelas duas perigosas rochas contra as quais as nossas naturezas têm propensão a se chocar, a segurança e o orgulho, e a nos forçar a pôr nosso descanso sobre a justificação, não sobre a santificação, a qual tem, além da imperfeição, algumas manchas. Nosso fogo espiritual é como nosso fogo vulgar aqui embaixo, ou seja, misturado. Em cima, o fogo fica puríssimo em seu próprio elemento; assim serão todas as nossas graças quando estivermos onde vamos estar, no céu, que é o seu próprio elemento.

De tal mistura surge o fato de que os do povo de Deus têm julgamentos tão diferentes de si próprios, olhando por vezes a obra da graça, por outras o resto de corrupção, e quando eles consideram isso, pensam então que não têm graça alguma. Embora amem Cristo em suas ordenanças e seus filhos, todavia, não ousam pretender familiaridade tão próxima quanto a dele. Exatamente como uma vela no pedestal algumas vezes mostra sua luz, e algumas vezes a luz mostrada se perde; assim, por vezes ficam bem persuadidos de si mesmos e, por vezes, perplexos.

4. CRISTO NÃO APAGARÁ O PAVIO QUE FUMEGA

A segunda observação concernente aos inícios fracos e pequenos da graça é que Cristo não apagará o pavio que fumeça. Isso é assim por duas razões principais. A primeira, porque essa fagulha é do céu; é dele próprio, é acesa por seu próprio Espírito. E a segunda, é que ela tende à glória de sua poderosa graça em seus filhos para que ele preserve a luz no meio das trevas, uma fagulha no meio das crescentes águas da corrupção.

A MENOR FAGULHA DE GRAÇA É PRECIOSA

Há uma especial bênção naquela pequena centelha. “Como quando se acha mosto num cacho de uvas, dizem: Não o desperdices, pois há bênção nele; assim farei por amor de meus servos” (Is 65.8). Vemos como nosso Salvador Cristo suportou Tomé em sua dúvida (João 20.27), e os dois discípulos que iam a Emaús, que vacilavam quanto a se ele veio para redimir a Israel ou não (Lucas 24.21). Ele não apagou aquela luz em Pedro, o qual não foi suprimido: esse o negou, mas ele não negou a Pedro (Lucas 22.61). “Se quiseres, podes”, disse um pobre homem no Evangelho (Mt 8.2). “Se tu podes fazer alguma coisa”, disse um outro (Marcos 9.22). Ambos eram pavios que fumegavam. Nenhum deles foi apagado. Se Cristo houvesse permanecido em sua grandeza, ele teria rejeitado aquele que veio com o seu “se”. Porém, ele responde ao “se” dele com uma concessão graciosa e absoluta, “Quero; sê limpo”. A mulher que estava enferma de um fluxo não fez senão tocar, com uma mão trêmula, e só na orla de seu vestido, mas foi embora curada e consolada ao mesmo tempo. Nas sete igrejas (Ap 2 e 3), vemos que Cristo reconhece e acalenta tudo que era bom nelas. Porque os discípulos dormiram devido à enfermidade, estando oprimidos pela tristeza, nosso Salvador, Cristo, prepara-lhes uma confortável desculpa: “o espírito está pronto, mas a carne é fraca” (Mt 26.41).

Se Cristo não fosse misericordioso, ele malograria em seus próprios objetivos: “Mas contigo está o perdão, para que sejas temido” (Sl 130.4). Agora todos somos bem-vindos para vir sob aquele pendão de amor que ele espalha sobre os seus: “A ti virá toda a carne” (Sl 65.2). Ele usa de moderação e cuidado, “porque o espírito perante a minha face se desfaleceria, e as almas que eu fiz” (Is 57.16). O coração de Cristo se compadeceu, diz o texto, quando ele viu o povo sem comida, “para que não desfaleça no caminho” (Mt 15.32); muito mais ele terá consideração ao impedir nossos desfalecimentos espirituais.

SUSTENTA O FRACO

Aqui vemos as disposições opostas da santa natureza de Cristo e da natureza impura do homem. Esse, por um pouco de fumaça, apagará a luz. Cristo, nós vemos, sempre trata com carinho mesmo nos mais ínfimos começos. Como ele agüentou as muitas imperfeições de seus pobres discípulos! Se ele asperamente os confrontava, era em amor, e para que pudessem eles brilhar com mais intensidade. Podemos nós ter um melhor padrão para seguir do que esse dele, por quem esperamos ser salvos? “Mas nós, que somos fortes, devemos suportar as fraquezas dos fracos” (Rm 15.1). “Fiz-me tudo para todos, para por todos os meios chegar a salvar alguns” (I Co 9.22). Ó, que houvesse mais dessa disposição para ganhar e vencer em alguns! Muitos, no que depende de nós, estão perdidos por falta de encorajamento. Veja como aquele fiel pescador de homens, o Apóstolo Paulo, labuta para conquistar seu juiz: “Sei que crês [nos profetas]” (Atos 26.27), e então lhe deseja todo bem salvífico, com exceção das cadeias. Ele podia tê-las acrescentado também, mas não queria desencorajar aquele a quem respondeu. Ele, portanto, desejava a Agripa somente aquilo que era bom na religião. Quão cuidadoso era nosso bendito Salvador para com os pequeninos, para que não fossem eles ofendidos! Como ele defende seus discípulos das maliciosas acusações dos fariseus! Quão cuidadoso era para não pôr vinho novo em odres velhos (Mt 9.17), para não alienar os noviços por causa das austeridades da religião (como alguns o fazem sem prudência). Ó, diz ele, eles terão tempo para jejuar quando eu tiver ido, e vigor para fazerem jejuns quando o Espírito Santo estiver sobre eles.

Não é o melhor caminho assaltar os novos iniciados com questões menores, mas mostrar-lhes um mais excelente caminho e treiná-los nos pontos fundamentais. Depois, não acreditarão em outras coisas. Não é errado esconder seus defeitos, desculpar algumas falhas, recomendar suas ações, encorajar seu progresso, remover-lhes todas as dificuldades do caminho, auxiliá-los de toda maneira para suportarem o jugo da religião com maior facilidade, trazê-los ao amor de Deus e ao seu serviço, para que eles não adquiram desgosto por ela antes que a conheçam. Na maior parte, vemos que Cristo implanta nos novos crentes um amor que chamamos “o primeiro amor” deles (Ap 2.4), para levá-los ao longo de sua profissão de fé com maior deleite, e não expô-los às cruzes antes que tenham reunido forças; como nós enterramos mudas e as cercamos do clima até que tenham raízes. Misericórdia para com outros deve nos mover a negar a nós mesmos em nossas liberdades com freqüência, caso ofendam os fracos. São os “pequeninos” que são ofendidos (Mt 18.6). Os mais fracos são mais prontos a se julgarem desprezados; portanto, devemos ser mais cuidadosos para lhes dar satisfação.

Seria uma boa disputa entre os cristãos, entre labutar para não cometer ofensa alguma, e a outra para não levar em conta nenhuma. Os melhores homens são severos para consigo mesmos, mas compassivos para com os outros. Todavia, as pessoas não devem se cansar e consumir a paciência dos outros: nem deve o mais fraco exigir moderação dos outros de modo a confiar na indulgência deles e assim descansar em suas próprias fraquezas, com perigo para suas próprias almas e escândalo à igreja.

Nem devem eles desprezar os dons de Deus nos outros, os quais a graça ensina honrar seja onde forem encontrados, mas saibam suas partes e lugar, e não se encarreguem de coisa alguma além de sua medida, as quais podem tornar suas pessoas e seu caso obnoxios ao ponto de desdém. Quando a cegueira e o atrevimento, a ignorância e a arrogância, a fraqueza e a obstinação, encontram-se nos homens, isso os torna odiosos a Deus, opressivos em sociedade, perigoso em seus conselhos, perturbadores dos melhores intentos, intratáveis e incapazes de melhor orientação, miseráveis no resultado. Onde Cristo mostra seu gracioso poder na fraqueza, ele o faz deixando que os homens entendam a si mesmos para que gerem humildade, e exaltem o amor de Deus a tais como eles o são. Ele o faz como um preservativo contra os desencorajamentos da fraqueza, para trazer os homens a uma menor distância da graça, como uma vantagem à pobreza de espírito, em vez da grandeza de condição e talentos, que dão à natureza corrupta combustível para o orgulho. Cristo a ninguém recusa pela fraqueza de talentos, para que ninguém fique descorçoado, mas a ninguém aceita pela grandeza, a fim de que ninguém seja elevado com aquilo que é de tão pouca estima para Deus. Não é grande coisa quão estulto o erudito fica quando Cristo assume a responsabilidade de ser o professor dele, ele que, assim como prescreve o que é para compreender, assim também dá a compreensão mesma, até ao mais simples.

A igreja sofre muito por parte dos fracos, portanto, podemos defender nossa liberdade para lidar com eles, ainda que com indulgência, todavia, amiúde diretamente. O escopo do verdadeiro amor é melhorar a outra parte, algo que o encobrimento freqüentemente impede. Com alguns, um espírito de docilidade persuade na maioria das vezes, mas com outros, um cajado. Alguns têm de ser arrebatados do fogo (Judas 23) com violência, e bendirão a Deus por nós no dia da visitação. Vemos que nosso Salvador multiplica desgraça sobre desgraça quando tem de tratar com hipócritas de corações endurecidos (Mt 23.13), pois eles necessitam de convicção mais forte do que os pecadores desabridos, porque sua vontade é má e, por conseguinte, comumente sua conversão é violenta. Um nó duro deve ter uma cunha correspondente, de outro modo, em cruel lástima, traímos suas almas. Uma reprimenda severa por vezes é uma preciosa pérola e um doce bálsamo. As feridas dos pecadores cheios de confiança não serão curadas

com palavras doces. O Espírito Santo veio tanto em línguas de fogo quanto na semelhança de pomba, e o mesmo Espírito concederá um espírito de prudência e circunspeção, que é o sal para temperar todas as nossas palavras e ações. E tal sabedoria ensinar-nos-á “a dizer a seu tempo uma boa palavra” (Is 50.4), tanto à alma fatigada quanto à autoconfiante igualmente. E, de fato, ele carece de “uma língua erudita” a qual, ou levantará ou lançará ao chão, ainda que aqui fale eu de docilidade para com aqueles que estão fracos e sensíveis a ela. Esses, devemos levar com gentileza, e guiar suavemente, como Jacó fazia com seu gado (Gn 33.14), de acordo com os passos deles, e na medida que suas crianças eram aptas a agüentar.

Os cristãos fracos são como copos que, em uso, quebram-se com a menor violência, contudo, se delicadamente manejados, continuarão por um longo tempo. Essa honra do uso com delicadeza nós damos aos vasos mais fracos (1 Pe 3.7), pelos quais preservaremos ambos e, da mesma forma, tornamo-los úteis à igreja e a nós mesmos.

Em corpos enfermos, se todos os maus humores forem purgados, você purgará a vida e tudo o mais. Logo, embora Deus diga “purificarei [a eles], como se purifica a prata” (Zc 13.9), também disse “te purifiquei, mas não como a prata” (Is 48.10), isto é, não com tanta exatidão de modo a não deixar nenhum refugo remanescente, pois que tem respeito pela nossa fraqueza. O refinamento perfeito é para o outro mundo, para o mundo das almas dos homens perfeitos.

5. O ESPÍRITO DE MISERICÓRDIA DEVE NOS MOVER

Os pregadores devem, pois, tomar cuidado sobre como lidam os novos crentes. Que tomem cuidado para não pôr matérias por demais elevadas, fazendo de certas coisas demonstrações necessárias de graça, mas que não concordam com a experiência de muitos bons cristãos, e pondo a salvação e a condenação sobre coisas que não são apropriadas para levar um tão grande peso. Dessa forma, os homens são desnecessariamente derrubados e não podem logo ser levantados outra vez por si mesmos ou por outros. Os embaixadores de um tão gentil Salvador não devem ser ditatoriais, estabelecendo-se nos corações do povo onde Cristo apenas deve nele assentar como em seu próprio templo. Consideração em demasia para com o homem foi uma das portas de entrada do papado. “Que os homens nos considerem como ministros de Cristo” (1 Co 4.1), nem mais nem menos, somente isso. Quão cuidadoso foi Paulo nos casos de consciência para não colocar uma armadilha sobre qualquer consciência fraca.

SIMPLICIDADE E HUMILDADE

Os pregadores devem, da mesma maneira, atentar para que não escondam o que querem dizer com palavras obscuras, falando nas sombras. A verdade nada teme tanto quanto a dissimulação, e nada deseja tanto quanto claramente ser aberta à vista de todos. Quando fica sem qualquer adorno, é a mais amável e poderosa. Nosso bendito Salvador, quando tomou sobre si a nossa natureza, também o fez quanto à nossa maneira familiar de falar, a qual foi parte de seu voluntário rebaixamento. Paulo era um homem profundo, todavia, veio como uma ama para os mais fracos (1 Ts 2.7).

Aquele espírito de misericórdia que esteve em Cristo deve mover seus servos a se alegrarem em humilhar a si próprios para o bem dos mais fracos. O que fez o reino dos céus sofrer violência (Mt 11.12) após a época de João Batista, senão aquelas consoladoras verdades que foram abertas com tanta clareza e evidência, de modo que o povo foi por elas tão afetado, que oferecem uma santa violência para obtê-las?

Cristo escolheu, para pregar misericórdia, aqueles que experimentaram a maior misericórdia, como Pedro e Paulo, para que pudessem ser eles exemplos do que ensinavam. Paulo tornou-se tudo para todos (1 Co 9.22), rebaixando-se até eles para o seu bem. Cristo desceu do céu e esvaziou-se da majestade em terno amor pelas almas. Não desceremos nós de nosso elevado amor-próprio para fazer o bem a qualquer pobre alma? Devem os homens ser orgulhosos depois de Deus ter sido humilde? Vemos os ministros de Satanás tomarem todas as formas para “fazer um

prosélito” (Mt 23.15). Vemos homens ambiciosos estudarem a acomodação de si mesmos aos humores daqueles por quem esperam ser levantados, e não estudaremos a aplicação de nós mesmos a Cristo, por quem esperamos ser promovidos [ao céu], ou melhor, com quem já estamos sentados nas regiões celestiais? Após sermos ganhos nós mesmos para Cristo, devemos laborar para ganhar outros a ele. A ambição e cobiça santas nos moverão a nos pôr à disposição de Cristo. Mas devemos nos despir primeiro.

Repetindo, não devemos atormentar suas imaginações com curiosidades ou “contendas sobre dúvidas” (Rm 14.1), pois assim os perturbaremos e os aborreceremos, e daremos ocasião para fazer com que eles cessem de, em tudo, ter cuidado. Aquela época da igreja que foi a mais fértil em questões sutis foi [também] a mais estéril em religião; pois ela leva o povo a pensar que a religião é somente uma questão de inteligência, de se criar e resolver problemas teóricos. Os cérebros dos homens que se inclinam a esse caminho são, comumente, mais quentes que seus corações.

Não obstante, quando somos lançados em épocas e lugares onde surgem dúvidas acerca dos pontos principais, aqui as pessoas devem labutar para ficarem firmadas. Deus permite amiúde que apareçam questões para prova de nosso amor e exercício de nossas capacidades. Nada fica tão certo quanto aquilo que fica certo após dúvidas. Estremecendo as coisas estabelecidas e suas raízes. Em uma era contenciosa, é sábia coisa ser um cristão, e saber sobre o que lançar nossas almas. É um ofício do amor aqui tirar as pedras, e aplanar o caminho para o céu. Portanto, devemos tomar cuidado para que, sob o pretexto de evitar disputas, não permitamos a um adversário ganhar terreno em cima da verdade; pois, desse modo, facilmente traímos tanto a verdade de Deus quanto as almas dos homens.

E semelhantemente aqueles que, por excessiva austeridade, estão fracassando ao afastarem do conforto as almas atribuladas, pois, como resultado disso, muitos sufocam suas tentações, e se abrasam internamente, porque não têm em seus seios nada por onde fazer sair a tristeza e aliviar suas almas.

Não devemos apertar onde Deus afrouxa, nem afrouxar onde Deus aperta, não abrir onde Deus fecha, nem fechar onde Deus abre. O uso certo das chaves sempre alcança êxito. Na aplicação pessoal, grande cuidado deve ser adotado; pois um homem pode ser um falso profeta e, no entanto, falar a verdade. Se não for uma verdade à pessoa a quem ele fala, se entristece aqueles a quem Deus não entristece com verdades intempestivas, ou se pode fortalecer os corações dos ímpios, de uma maneira maléfica, com confortos. A comida de um homem pode ser o veneno de um outro.

Se olharmos para a índole geral desses tempos, avivar e guardar as Escrituras são as coisas mais apropriadas; todavia, há muitos espíritos quebrantados que precisam de palavras suaves e confortadoras. Até na pior época, os profetas misturavam o doce conforto ao remanescente oculto do povo fiel. Deus tem consolação. Do profeta é dito: “Consolai o meu povo” (Is 40.1), tanto quanto: “Levanta a tua voz como a trombeta” (Is 58.1).

JULGAMENTO SÃO

E tanto aqui como ali é preciso cautela. A misericórdia não nos rouba nosso reto julgamento, de modo a confundir o ferrete em brasa e seu mau cheiro com o pavio que fuma. Ninguém pretenderá mais misericórdia de outros do que aqueles que merecem a devida severidade. Esse exemplo não protege a mornidão, nem tem indulgência demais por aqueles que necessitam ser vivificados. Males do frio devem ter remédios quentes. Isso levou à justa recomendação da igreja de Éfeso, que não podia suportar aqueles que eram maus (Ap 2.2). Devemos tolerar os outros [mas] de modo a também manifestar um desprazer pelo mal. Nosso Salvador Jesus Cristo não se abstinha de censurar com contundência perigosas enfermidades nos seus mui amados discípulos. Fazer o trabalho do Senhor fraudulentamente é ficar sob maldição (Jr 48.10, KJV), onde for de justiça uma obra severa, mesmo se se tratar de enfiar a espada nas entranhas do inimigo. E aqueles a quem permitimos ser traídos por seus piores inimigos, seus pecados, terão justa causa para nos amaldiçoar um dia.

É difícil preservar os limites justos da misericórdia e da severidade sem um espírito acima do nosso próprio, pelo qual devemos desejar ser conduzido em todas as coisas. Aquela sabedoria que habita com a prudência (Pv 8.12) guiar-nos-á nesses particulares, sem a qual a virtude não é virtude, a verdade não é verdade. A regra e a circunstância devem ser postas juntamente pois, se não houver uma aguda percepção, a falsa semelhança das condições dará ensejo a erros em nossas opiniões sobre eles. Aquelles espíritos ardentes, tempestuosos e destrutivos no papismo, que procuram promover sua religião pela crueldade, mostram que são estranhos àquela sabedoria que é de cima, que torna os homens gentis, pacíficos e prontos a exhibir aquela misericórdia que eles mesmos sentem. Prevaler por alguma indulgência e moderação é um meio de sobrepujar agradável tanto a Cristo quanto à natureza do homem.

E, todavia, amiúde vemos um falso espírito naqueles que clamam por moderação. Seu agir assim não é senão para levar seus próprios projetos com o maior vigor; e se prevalecem, dificilmente demonstram tal moderação a outros, moderação que ora exigem deles. E, do mesmo modo, há uma orgulhosa espécie de moderação, quando os homens passam a censurar ambas as partes, como se fossem mais sábios que elas, ainda que,

se tiver um espírito correto, um espectador possa ver mais do que aqueles que estão em conflito.

COMO DEVEM AGIR AQUELES COM AUTORIDADE

Nas censuras eclesiásticas, é mais adequado ao espírito de Cristo inclinar-se à parte mais fraca, e não matar uma mosca na testa com um malho, nem afastar os homens do céu por uma ninharia. Os próprios espevitadores (aparadores de pavio) do tabernáculo eram feitos de ouro puro, para mostrar a pureza daquelas censuras pelas quais a luz da igreja é mantida brilhando. O poder que é dado à igreja é para edificação, não destruição. Quão cuidadosamente Paulo agiu para que o coríntio incestuoso (2 Co 2.7), caso se arrependesse, não fosse tragado com tristeza em demasia. Os magistrados civis, pelas exigências civis e pelas razões de estado, devem deixar que a lei tenha seu curso; todavia, devem assim imitar esse meigo rei, quanto a não misturar amargura e paixão com a autoridade derivada de Deus. Autoridade é um raio da majestade divina, e prevalece, na maioria das vezes, onde há a menor mistura daquilo que é do homem. Ela exige mais do que a sabedoria ordinária para se conduzir corretamente. Essa corda não deve ser muito apertada, nem muito frouxa. A justiça é uma coisa harmoniosa. Ervas quentes ou frias além de um certo grau, matam. Vemos até elementos contrários preservados em um corpo por sabiamente serem misturados juntos. Justiça com rigor é, com freqüência, extrema injustiça, onde algumas circunstâncias dignas de consideração devem inclinar à moderação; e o calcular da pena ficará mais fácil ao se inclinar à moderação e não ao rigor.

O comportamento insolente para com as pessoas miseráveis, se humilhadas, é indecorosa naqueles que buscam misericórdia para si próprios. A miséria deve ser pedra ímã da misericórdia, não um escabelo para o orgulho nela pôr os pés. Algumas vezes ocorre que aqueles que estão sob o governo de outros se tornam os mais perniciosos pela perversidade e pelas censuras ásperas, nisso depreciando e desencorajando os esforços dos superiores pelo bem público. Com tão grande fraqueza da natureza do homem, e em especial nessa louca era do mundo, devemos ter em boa conta qualquer felicidade moderada que desfrutemos pelo governo, e não ser todos juntos como uma unha na ferida, exasperando as coisas pela errônea interpretação. Aqui, o amor deve ter um manto para lançar sobre os erros menores daqueles acima de nós. Frequentemente, o homem pobre é o opressor por seus injustos clamores. Devemos labutar para dar a melhor interpretação às ações dos governantes que a natureza das ações possivelmente suportarão.

SOMOS DEVEDORES AOS FRACOS

Em último lugar, há algo para os cristãos individuais, para nós todos, mesmo em nossas relações em comum, observar: somos devedores aos fracos em muitas coisas:

1. Sejamos vigilantes no uso de nossa liberdade, e trabalhem para ser inofensivos em nosso comportamento, para que nosso exemplo não os force. Há uma força imperiosa em um exemplo, como havia em Pedro (Gl 2). A lassidão de vida é crueldade para nós mesmos e às almas alheias. Ainda que não possamos evitar aqueles que perecerão de perecerem, todavia, se fazemos aquilo que, por si mesmo, é capaz de destruir as almas dos outros, a ruína deles é imputável a nós.

2. Que os homens atentem para não tomarem o ofício que é de Satanás, ao deturparem as boas ações dos outros, como ele o fez no caso de Jó: “Teme Jó a Deus debalde?” (Jó 1.9), ou ao caluniar as suas pessoas, julgando-os de acordo com a maldade que está em seus próprios corações. O diabo ganha mais com tais desencorajamentos e vitupérios que são lançados sobre a religião do que pelo fogo e pela lenha. Os tais, como geadas fora de época, queimam todas as graciosas inclinações em flor e, quanto neles está, com Herodes, labutam para matar Cristo nos novos professos. Um cristão é uma coisa santificada e sagrada, o templo de Cristo; e aquele que destrói seu templo, Cristo o destruirá (1 Co 3.17).

3. Entre as coisas de que se deve tomar cuidado, há, entre os cristãos comuns, uma arrojada usurpação de censura para com os outros, não levando em conta suas tentações. Alguns excomungarão e cortarão os laços fraternais num furor. Mas os maus humores não alteram as relações verdadeiras; ainda que o filho, em um acesso, negue a mãe, contudo, a mãe nunca negará o filho.

Há, por conseguinte, nestes tempos de julgamento, boa base para o alerta de Tiago de que não deve haver “muitos... mestres” (Tiago 3.1), para que não nos golpeemos uns aos outros com censuras apressadas, especialmente em coisas indiferentes por natureza; algumas são como a mente dele as faz, ou não; pois ambas podem ser para o Senhor.

Uma santa meta nas coisas que não são, nem claramente certas nem claramente erradas, faz dos julgamentos dos homens, ainda que aparentemente contrário, todavia, não tão condenável. Cristo, pelos bons desígnios que vê em nós, passa por cima de qualquer mal [que haja] neles, de modo a não lançá-lo em nosso débito. Os homens não devem ficar curiosos demais em espreitar as fraquezas alheias. Devemos antes labutar para ver o que eles têm que é para a eternidade, para inclinar nosso coração de modo a amá-los, do que naquela fraqueza que o Espírito de Deus

consumirá com o tempo, para nos afastar. Alguns pensam que é vigor da graça o nada suportar no mais fraco, ao passo que os mais fortes estão prontos a carregar as enfermidades dos fracos.

Onde mais santidade há, mais moderação há, onde ela pode estar sem prejuízo da piedade a Deus e ao bem dos outros. Vemos em Cristo uma maravilhosa combinação de absoluta santidade com grande moderação. O que teria se tornado nossa salvação, se ele tivesse estabelecido condições, e não se rebaixado tanto para conosco? Não temos que afetar ser mais santos do que Cristo. Não é bajulação agir como ele agiu, contanto que o seja para edificação.

O Espírito Santo fica contente ao morar em almas fumegantes, repulsivas. Ó, que esse Espírito sobre em nossos espíritos a mesma disposição misericordiosa! Suportamos a amargura do absinto, e de outras plantas e ervas de sabor desagradável, só porque temos alguma experiência com alguma qualidade sã nelas; e por que devemos rejeitar homens de partes e graças úteis, apenas por uma severidade de disposição, a qual, visto que nos é ofensiva, também entristece a eles mesmos?

A graça, enquanto vivemos aqui, está em almas que, por serem imperfeitamente renovadas, habita em corpos sujeitos a humores severos, e os tais inclinarão a alma por vezes ao excesso em uma paixão e por vezes em uma outra. Bucer era um teólogo profundo e moderado. Após longa experiência, resolveu não recusar ninguém em quem ele via *aliquid Christi*, algo de Cristo. Os melhores cristãos, nesse estado de imperfeição, são como ouro que é um pouco leve demais, que necessita que se tolerem alguns grãos para fazê-lo passar. Você deve lhes conceder a melhor tolerância.

Devemos suprir, do nosso amor e misericórdia, aquilo que vemos em carência neles. A igreja de Cristo é um hospital comum, no qual todos estão, em alguma medida, doentes de um ou outro mal espiritual, de modo que todos têm ocasião de exercitar o espírito de sabedoria e ternura.

Para que façamos isso da melhor forma, ponhamos sobre nós próprios o Espírito de Deus. A corrupção dificilmente cederá à corrupção em um outro. O orgulho é intolerável ao orgulho. As armas dessa batalha não devem ser carnis (2 Co 10.4, KJV). Os grandes apóstolos não se dispuseram à obra do ministério até que fossem “capacitados com poder do alto” (Lucas 24.49, KJV). O Espírito somente trabalhará com seus próprios instrumentos. E devemos pensar em qual afeto Cristo levará à parte nesse caso. Aquele grande médico, tanto tinha um olhar penetrante e uma língua que curava, quanto uma mão gentil e um coração terno.

E, também, tomemos para nós mesmos a condição daquele com quem lidamos. Estamos, ou temos estado, ou podemos estar nós próprios naquela

condição. Façamos do caso o nosso próprio, e também consideremos em que relação próxima um cristão está para nós, justamente como um irmão, um membro da mesma igreja, herdeiro da mesma salvação. E, portanto, adotemos nós mesmos um terno cuidado deles em toda maneira; e, especialmente, em acalantar a paz de suas consciências. Consciência é uma coisa tenra e delicada, e deve ser assim tratada. É como uma fechadura: se sua fabricação é defeituosa, será problemática sua abertura.

6. MARCAS DO PAVIO QUE FUMEGA

Para determinar se somos esse pavio que fumege, o qual Cristo não apagará, devemos nos lembrar destas regras:

Devemos ter dois olhos, um para ver as imperfeições em nós mesmos e nos outros, o outro, para ver o que é bom. “Eu sou negra”, diz a igreja, “mas graciosa” (Ct 1.5, KJV). Àqueles que são dados a disputar consigo mesmos, sempre falta consolo e, por causa de suas enfermidades, ficam propensos a se alimentar de coisas amargas tais que fomentará ao máximo aquela doença que os afligem. Esses se deleitam em olhar somente para o lado escuro da nuvem.

Não devemos julgar a nós mesmos sempre de acordo com o sentimento presente, pois, nas tentações, não veremos nada senão a fumaça de pensamentos suspeitosos. O fogo pode ser buscado nas cinzas, ainda que não visto. A vida no inverno fica escondida na raiz.

Devemos tomar cuidado com o falso raciocínio, tal como: porque nosso fogo não inflama como o dos outros, logo, não temos fogo em absoluto. Por falsas conclusões, podemos vir a pecar contra o mandamento ao trazer falso testemunho contra nós mesmos. O pródigo não dizia que não era filho, mas que não era digno de ser chamado filho (Lucas 15.19). Não devemos, nem confiar na falsa evidência, nem negar a verdade; pois, desse modo, desonraremos a obra do Espírito de Deus em nós, e perderemos o auxílio daquela evidência que acalentaria nosso amor a Cristo, e nos arma contra os desencorajamentos de Satanás. Alguns são tão culpados desse modo como se fossem assalariados por Satanás, o “acusador de nossos irmãos” (Ap 12.10), para litigar por ele ao acusar a si próprios.

NOSSA REGRA É O PACTO DA GRAÇA

Devemos reconhecer que, na aliança da graça, Deus requer a verdade da graça, não uma dada medida qualquer; e uma fagulha de fogo é fogo, tanto quanto o é o elemento todo. Portanto, devemos olhar a graça na fagulha tanto quanto na chama. Nem todos são de igual força, ainda que todos tenham igual preciosidade, a fé (2 Pe 1.1), pela qual eles se apoderam, e se vestem da perfeita justiça de Cristo. Uma mão fraca pode receber uma rica jóia. Umhas poucas uvas mostrarão que a planta é uma vide, e não um espinheiro. Uma coisa é ser deficiente na graça, e outra é faltar graça juntamente. Deus sabe que, de nós mesmos, nada temos, por conseguinte, no concerto da graça ele não exige mais do que dá, mas dá o que exige, e aceita o que dá: “Se ela não for capaz de trazer um cordeiro, então trará duas rolas” (Lv 12.8, KJV). O que é o evangelho, em si mesmo, senão uma misericordiosa moderação, na qual a obediência de Cristo é considerada

como nossa, e nossos pecados postos sobre ele, em que Deus, de juiz, passa a ser nosso Pai, perdoador dos nossos pecados e aceitando nossa obediência, ainda que débil e defeituosa? Somos agora trazidos ao céu sob a aliança da graça, por um caminho de amor e misericórdia.

Provar-se-á uma ajuda especial saber distinguir a diferença entre a aliança das obras e a aliança da graça, entre Moisés e Cristo. Moisés, sem qualquer compaixão, quebra todos os caniços feridos, e apaga todo pavio que fumega. Pois a lei demanda do coração obediência pessoal, perpétua e perfeita, e isso sob uma terrívelíssima maldição, contudo, não dá força alguma. É um severo capataz, como os de Faraó, requerendo a conta toda dos tijolos, mas não dando palha alguma. Cristo vem com bênção após bênção, mesmo sobre aqueles a quem Moisés havia amaldiçoado, e com bálsamo curador para aquelas feridas que Moisés tinha feito.

As mesmas obrigações são exigidas nos dois pactos, tais como o amor a Deus de todo nosso coração e de toda nossa alma (Dt 6.5). No das obras, isso deve ser cumprido absolutamente, mas, sob a aliança da graça, deve ter um lenitivo evangélico. Um sincero esforço, proporcional à graça recebida, é aceito (e assim se deve entender Josias e outros, quando é dito que fizeram aquilo que era reto aos olhos do Senhor).

A lei é dulcificada pelo evangelho, e se torna delectosa ao homem interior (Rm 7.22). Sob tal graciosa aliança, a sinceridade é a perfeição. Isso é a morte na panela da religião romana, que confunde os dois concertos, e amortece o conforto dos tristes, que não os podem distinguir. E, desse modo, aceitam ser mantidos sob a servidão, quando Cristo os pôs em liberdade, e estar na prisão, quando Cristo abriu as portas diante deles.

Devemos lembrar que a graça, algumas vezes, é tão pequena quanto não discernível a nós. O Espírito, por vezes, tem operações secretas em nós que não conhecemos no presente, mas Cristo conhece. Algumas vezes, na amargura da tentação, quando o espírito batalha com um senso da ira de Deus, somos capazes de pensar que Deus é um inimigo. Uma alma atribulada é como a água agitada: nada podemos ver nela, e, enquanto não for limpa, lançará lama e sujeira. Está cheia de objeções contra si mesma, todavia, na maior parte das vezes podemos discernir alguma coisa da vida oculta, e dessas centelhas sufocadas. Em um dia escuro há tanta luz que podemos saber que é dia, e não noite; assim, há algo em um cristão sob uma nuvem pelo qual pode ser distinguido como sendo um crente verdadeiro e não um hipócrita. Não há meras trevas no estado da graça, mas algum raio de luz por meio do qual o reino das trevas não prevalecerá totalmente.

A PRESENÇA DO FOGO CELESTIAL

Aplicando essas regras, podemos dizer:

Primeiro, se há algum fogo santo em nós, é ele aceso do céu pelo Pai das luzes, “que disse que das trevas resplandecesse a luz” (2 Co 4.6). Assim como se usam recursos para acendê-lo, também assim é alimentado. A luz em nós e a luz na Palavra originam-se uma da outra e ambas do único Espírito Santo. Logo, no caso daqueles que não estimam a Palavra, é “porque não há luz neles” (Is 8.20, ACF). As verdades celestiais devem ter uma luz celestial para discerni-las. Os homens naturais vêem coisas celestiais, não em sua própria luz, mas por uma luz inferior. Em todo homem convertido, Deus põe uma luz no olho de sua alma proporcional à luz das verdades a ele reveladas. Um olho carnal nunca verá coisas espirituais.

Segundo, a mais ínfima luz divina tem calor consigo, em alguma medida. A luz no entendimento produz ardor de amor nas afeições. Na medida em que a compreensão santificada vê uma coisa como sendo verdadeira ou boa, naquela medida a vontade a abraça. Luz fraca produz inclinações fracas, luz forte, inclinações fortes. Uma luz espiritual pequena tem força suficiente para responder às fortes objeções da carne e do sangue, e para ver além de todos os engodos terrenos e dos empecilhos que se opõe, apresentando-os como, de longe, inferiores àqueles celestiais objetivos que ela contempla. Toda luz que não é espiritual, por que lhe falta a força da graça santificadora, rende-se a toda tentaçãozinha, especialmente quando é apropriada e ajustada às inclinações pessoais. Eis a razão por que cristãos que têm luz em pouca quantidade, mas em celestial qualidade, perseveram, enquanto homens de mais amplas noções afundam. Esse prevalecer da luz na alma se dá porque, junto com o espírito de iluminação, vai ali, nos santos, um espírito de poder (2 Tm 1.7) para subjugar o coração à verdade revelada, e para pôr um gosto e deleite no querer, compatível à doçura da verdade; de outra maneira, um desejo meramente natural insurgir-se-á contra as verdades sobrenaturais, visto ter uma antipatia e inimizade contra elas. Nos pios, as verdades santas são trazidas por meio de um sabor; os homens graciosos têm um paladar espiritual tanto quanto um olho espiritual. A graça altera o gosto espiritual.

Terceiro, onde a luz celestial é acesa, ela se dirige no caminho certo. Pois é dada para tal uso, para nos mostrar o melhor caminho, e nos guiar nas passagens particulares da vida; de outro modo, não é senão luz comum, dada somente para o bem de outros. Alguns têm a luz do conhecimento, todavia, não seguem essa luz, mas são guiados por razão e orientação carnis, tais como aquelas de que o profeta fala: “Todos vós, que acendeis fogo... andai entre as labaredas do vosso fogo, e entre as faíscas que

acendestes; isso vos vem da minha mão; e em tormentos jazereis” (Is 50.11). Deus deleita-se em confundir a sabedoria carnal, como inimiga dele, que lhe rouba sua prerrogativa, de que apenas Deus é sábio. Devemos, por conseguinte, andar por sua luz, não pelo fulgor de nosso próprio fogo. Deus deve iluminar nossa candeia (Sl 18.28), ou então permaneceremos em trevas. Aquelas centelhas que não são acesas do céu não são fortes o bastante para nos guardar de estar em tristeza, ainda que elas dêem um maior brilho e demonstração do que a luz de cima, como os homens loucos fazem coisas maiores que os sóbrios, mas por uma falsa força: assim, o excesso do gozo desses homens surge de uma falsa luz. “A luz dos ímpios se apagará” (Jó 18.5). A luz que alguns homens possuem é como relâmpago que, após um súbito clarão, deixa-os em mais escuridão. Eles podem amar a luz enquanto ela brilha, mas a odeiam quando ela os descobre e a eles se dirige. Uma pouca luz santa habilitar-nos-á a guardar a Palavra de Cristo, e a não trair a religião nem negar seu nome, como Cristo fala da igreja de Filadélfia (Ap 3.8).

Quarto, onde esse fogo está, ele separará as coisas de naturezas diversas, e mostrará uma diferença entre tais coisas, como entre ouro e escória. Ele separará entre carne e espírito, e mostrará que isso é da natureza, isso é da graça. Nem tudo é ruim em uma má ação, ou bom em uma boa ação. Há ouro no minério, que Deus e seu Espírito em nós pode distinguir. O coração de um homem carnal é como um cárcere, onde nada é visto senão horror e confusão. Tal luz nos faz prudentes e humildes, na mais clara vista da pureza de Deus e de nossa própria impureza, e nos torna aptos a discernir a obra do Espírito em um outro.

Quinto, tanto quanto é espiritual um homem, tanto é a luz deleitosa para si. Ele fica desejoso de ver qualquer coisa errada que ele possa reformar, e de qualquer serviço adicional que se descubra para que possa executar, por que verdadeiramente odeia o mal e ama o bem. Se ele for contra a luz descoberta, logo se recuperará, porque a luz tem uma parte propícia dentro de si. Portanto, a uma pequena vista de seu erro, ele logo fica aberto ao conselho, como Davi ficou em seu intento de matar Nabal; e ele bendisse a Deus posteriormente, quando foi parado em um mau caminho (1 Sm 25.32).

No caso de um homem carnal, a luz penetra nele, mas ele trabalha para bloquear sua entrada. Ele não tem nenhum prazer em vir à luz. É impossível, antes que o Espírito de graça haja subjugado o coração, que ele não peque contra a luz, seja por resisti-la, seja mantendo-a prisioneira sob vis concupiscências e enterrando-a, por assim dizer, na terra, ou pervertendo-a, e, assim, tornando-a um agente e fator para a carne, ao buscar argumentos para defendê-la, ou abusando daquela pequena medida de luz que os homens têm, de modo a proibir a entrada de uma luz maior,

mais elevada e mais celestial. Desse modo, por fim, eles fazem da luz que possuem um enganoso guia para as trevas totais. E o motivo é porque a luz não tem amizade dentro de si. A alma está numa disposição contrária, e a luz sempre impede aquela paz pecaminosa de que os homens são inclinados a prometer a si próprios. Por isso, vemos que a luz amiúde enraivece mais os homens, como o sol na primavera ocasiona doenças febris quando estimula humores corporais em vez de vencê-los.

Não há nada no mundo mais penoso que o coração de um ímpio forçado a ouvir instrução espiritual, até que, como um ladrão, ele apague a candeia de modo a poder pecar com menos restrição. A luz espiritual é preciosa. Ela apreende o bem espiritual e aplica-o a nós mesmos; mas a luz comum é confusa, e deixa que o pecado esteja aquietado. Onde o fogo está, em qualquer grau, ele combaterá tudo que lhe seja contrário. Deus pôs ódio irreconciliável entre a luz e as trevas desde o princípio; assim também entre o bem e o mal, entre a carne e o Espírito (Gl 5.17). A graça nunca se juntará com o pecado, assim como o fogo com a água. O fogo não se misturará com nada contrário, mas preserva sua própria pureza, e nunca é corrompido como os outros elementos. Logo, aqueles que defendem e tramam por liberdades para a carne demonstram a si mesmos estranhos à vida de Deus. Sentindo esse conflito, os homens graciosos freqüentemente se queixam de não terem nenhuma graça. Porém, contradizem a si próprios em suas queixas, como se um homem que vê deva se queixar que não vê, ou se queixar que esteja dormindo; ao passo que a própria queixa, procedendo de um descontentamento contra o pecado, mostra que há alguma coisa em si oposta ao pecado. Pode um homem morto se queixar? Algumas coisas, ainda que ruins em si mesmas, todavia, revelam algo bom, como a fumaça revela a presença do fogo. Uma violenta reação no corpo mostra o seu vigor. Algumas debilidades mostram maior bem que algumas ações aparentemente belas. Excesso de paixão em se opor ao mal, embora não seja justificada, exhibe, todavia, um espírito melhor do que um temperamento calmo onde há justa causa para se mover. É melhor que a água corra algo barrenta do que não correr em absoluto. Jó tinha mais graça em sua má disposição do que seus amigos em seu comportamento falsamente sábio. Ações manchadas com alguns defeitos são mais aceitáveis do que elogios vãos.

Sexto, o fogo, onde se faz presente, está, em algum grau, ativo. Assim opera a menor medida de graça, enquanto originando-se do Espírito de Deus, o qual, a partir de suas operações, é comparado ao fogo. Mesmo em pecados, quando parece que nada há ali ativo senão corrupção, há um princípio contrário, que quebra a força do pecado, para que não seja ele ilimitadamente pecaminoso, como naqueles que são carnis (Rm 7.13).

Sétimo, o fogo faz com que os metais fiquem flexíveis e maleáveis. Assim também a graça, onde é dada, torna o coração brando e pronto a receber todas as boas impressões. Os espíritos obstinados demonstram que não são como o pavio que fumeja.

Oitavo, o fogo, tanto quanto pode, queima a tudo. Assim também a graça trabalha para produzir uma graciosa impressão em outros, e fazer tanto bem quanto possa fazer. Ela também faz um uso gracioso até das coisas naturais e civilizadas, e as espiritualiza. O que um outro homem faz somente de uma maneira cortês, um homem gracioso fá-lo-á de um modo santo. Onde ele coma ou beba, ou seja o que for que faça, ele tudo faz para a glória de Deus (1 Co 10.31), tornando todas as coisas úteis àquele fim derradeiro.

Nono, por natureza, as fagulhas voam para cima. Assim o Espírito de graça leva a alma ao céu e nos põe diante de metas santas e celestiais. Como ela foi acesa do céu, assim também ela nos leva de volta para lá. A parte acompanha o todo: o fogo se eleva, como toda faísca em seu próprio elemento. Onde o objetivo e a inclinação da alma é em direção a Deus, há graça, embora haja oposição. A menor medida dela é vista em desejos santos, procedendo da fé e do amor, pois não podemos desejar nada que, primeiramente, não acreditemos ser, e o desejo por ela emana do amor. Por isso, os desejos são reputados por uma parte da coisa desejada, em alguma medida. Porém, tais desejos devem ser (1) constantes, pois a constância demonstra que eles são sobrenaturalmente naturais, e não forçados; (2) dirigidos às coisas espirituais, tais como crer, para amar a Deus, não devido a uma emergência particular, em que se pensa poder escapar de algum perigo se se tiver graça, mas como um coração amante é levado à coisa amada por causa de alguma excelência nele; (3) acompanhados com pesar quando o desejo é impedido, de modo a nos incitar a orar: “Oxalá os meus caminhos fossem dirigidos de maneira a poder eu observar os teus estatutos” (Sl 119.5); “Miserável homem que eu sou! quem me livrará?” (Rm 7.24); e (4) tais desejos nos impelem, ainda, como: “Ó, que eu possa servir a Deus com mais liberdade. Ó, que eu esteja mais livre daquelas concupiscências ofensivas, desagradáveis, odiosas!”

Décimo, o fogo, se houver qualquer matéria para alimentá-lo, aumenta a si mesmo e se eleva mais e mais, e, quanto mais alto está, mais pura é a chama. Assim, onde está a verdadeira graça, ela cresce em medida e pureza. O pavio que fumeja aumentará até a uma chama; e, à medida que cresce, também descarta o que é contrário a si e se refina mais e mais. *Ignis, quo magis lucet, eo minus fumat* (à medida que o fogo dá mais luz, dá menos fumaça). Logo, ele argúi um coração falso a nos colocar um baixo padrão de graça e a descansar nos começos, assegurando que Cristo não apagará o

pavio que fuma. Essa misericordiosa disposição em Cristo é ajuntada com a santidade perfeita, mostrada em perfeito ódio ao pecado; pois, em vez de o pecado receber sua merecida punição, ele se torna um sacrifício pelo pecado. Nisso a santidade de seu Pai e a sua própria brilharam mais do que todas. E, além disso, na obra de santificação, ainda que ele favoreça sua obra em nós, todavia, não favorece o pecado em nós; pois nunca retirará a mão de sua obra, até que haja removido o pecado, precisamente em seu próprio ser, de nossas naturezas. O mesmo Espírito que purificou sua santa natureza humana limpa-nos gradualmente para ficarmos compatíveis a uma tão santa Cabeça, e dispõe o julgamento e as afeições de todos a quem ele mostra misericórdia para convergir com sua própria, ao labutar para promover seu fim de abolir o pecado de nossas naturezas.

7. AJUDA PARA O FRACO

Pela meditação nestas regras e sinais, muito consolo pode ser levado às almas dos mais fracos. Para que ele possa ser em maior abundância, deixe-me acrescentar algo para ajudá-los sobre algumas poucas objeções ordinárias e pensamentos secretos contra si mesmos que, entrando no coração, amiúde os deixa abatidos.

TENTAÇÕES QUE IMPEDEM O CONSOLO

1. Alguns pensam que não têm fé em absoluto porque não possuem segurança plena, ao passo que, por mais puro que o fogo possa ser, haverá nele alguma fumaça. As melhores ações terão o cheiro da fumaça. A argamassa sobre a qual tenha se amassado alho sempre terá o seu cheiro; igualmente, nossas ações terão algo do sabor do velho homem.

2. Na fraqueza do corpo, alguns pensam que a graça morre, porque suas realizações são débeis, estando seus espíritos, que são os instrumentos de suas almas, enfraquecidos. Mas não consideram eles que Deus repara nos suspiros ocultos daqueles a quem falta capacidade para expressá-los exteriormente. Aquele mesmo que declara benditos aqueles que estimam o pobre terá uma misericordiosa consideração pelos tais.

3. Alguns, outra vez, são perseguidos com horríveis representações à suas imaginações, e com pensamentos vis e indignos sobre Deus, Cristo, a Palavra, os quais, como moscas ativas, inquietam e molestam a paz deles. Esses são lançados em semelhante incêndio florestal por Satanás, como pode ser discernido pela estranheza, pela força, pela violência e pelo seu caráter, horrendo até à natureza corrupta. Uma alma pia não é mais culpada deles do que Benjamim o era quando o copo de José foi posto dentro do seu saco. Entre outros auxílios recomendados pelos escritores piedosos, tais como odiar a eles e se desviar deles para outras coisas, mesmo que seja uma, queixar-se deles a Cristo, e voar sob as asas de sua proteção, e desejar que ele tome nossa parte contra o inimigo dele e nosso. Não serão todo pecado e blasfêmia do homem perdoados, mas não aqueles pensamentos blasfemos, que têm o diabo por pai, quando Cristo mesmo foi molestado em seu caminho de modo a que pudesse socorrer todas as pobres almas nessa condição?

Porém, há uma diferença entre nós e Cristo nesse caso. Porque Satanás nada tinha de seu em Cristo, suas sugestões não deixaram impressão em sua santa natureza, em hipótese nenhuma, porém, como faíscas caindo no mar, foram imediatamente apagadas. As tentações de Cristo por Satanás foram apenas sugestões da parte do último, mas, da parte de Cristo, somente apreensões da vileza delas. Apreender o mal

sugerido por um outro não é mal. Foi protesto de Cristo, mas pecado de Satanás. Porém, ele assim se entregou para ser tentado, para que pudesse tanto ter pena de nós em nossos conflitos, quanto nos treinar para manejar nossas armas espirituais como ele o fez. Cristo podia sobrepujá-lo pelo poder, mas o fez pelo argumento. Porém, quando Satanás vem a nós, ele encontra algo de seu em nós, que com ele guarda correspondência e dele tem informação. Há a mesma inimizade, em nossa natureza, a Deus e à bondade, em algum grau, que está no próprio Satanás. Portanto, suas tentações fixam, na maioria das vezes, alguma mancha sobre nós. E, se não houvesse nenhum diabo para sugerir, todavia, pensamentos pecaminosos surgiriam de nosso interior, ainda que nenhum tivesse sido lançado de fora para dentro. Tais pensamentos, se a alma se detém neles tanto que sorve ou extrai deles algum deleite pecaminoso, então, eles deixam uma culpa mais pesada sobre a alma, impedem nossa doce comunhão com Deus, interrompem nossa paz e põem um contentamento contrário dentro da alma, dispondo-a a maiores pecados. Todas as ações escandalosas, inicialmente, são apenas pensamentos. Maus pensamentos são como ladrõeszinhos, os quais, rastejando-se para dentro pela janela, abrem a porta a fim de coisas maiores. Pensamentos são como sementes de ações. Essas, especialmente quando recebem impulso auxiliar da parte de Satanás, tornam a vida de muitos bons cristãos quase um martírio. Este é um caso de consolo errôneo que alguns ministram: que maus pensamentos surgem da natureza, e o que é natural é escusável. Devemos saber que a natureza, conforme veio das mãos divinas no princípio, não tem tais sublevações oriundas de si. A alma, enquanto soprada de Deus, não possui tais fôlegos desagradáveis. Porém, visto que traiu a si mesma pelo pecado, é, de certa forma, natural para ela forjar imaginações pecaminosas, e ser uma fornalha de tais faíscas. E isso é uma provocação da pecaminosidade da corrupção natural, que está tão profundamente arraigada e tão geralmente espalhada em nossa natureza.

Provoca humilhação saber toda a largura e a profundidade do pecado. Mas o fato de que nossa natureza agora, visto que não é renovada, é, infelizmente, tão frutífera em maus pensamentos, ela contribui com esse conforto, pois não é nosso caso apenas, como se nossa condição nisso fosse diferente da de outros, como alguns são tentados a pensar, até quase ao ponto do desespero. Ninguém, dizem eles, têm uma natureza tão repugnante como a que tenho. Isso procede da ignorância da expansão do pecado original, pois o que pode provir de uma coisa imunda senão o que é imundo? “Como na água o rosto corresponde ao rosto, assim o coração [poluído] do homem ao homem” (Pv 27.19), onde a graça não tenha feito alguma diferença. Como nos aborrecimentos de Satanás, também aqui o melhor caminho é nos abrirmos em queixas a Cristo, e bradar com Paulo: “Miserável homem que eu sou! quem me livrará do corpo desta morte?”

(Rm 7.24). Ao dar vazão à sua tristeza, ele prontamente achou consolo, pois que irrompe em ações de graças: “Dou graças a Deus”. E é bom tirar proveito disso, odiar mais esse repulsivo corpo de morte, e se aproximar de Deus, como aquele santo homem o fez após seus “tolos” e “bestiais” pensamentos (Sl 73.22 e 28, KJV), e, assim, manter nossos corações mais pertos de Deus, habituando-os com meditações celestiais pela manhã, armazenando boa porção, de modo que nosso coração possa ser um bom tesouro, enquanto imploramos a Cristo pelo seu Espírito Santo para parar aquele amaldiçoado fluxo e a ser uma fonte viva de pensamentos melhores em nós. Nada humilha mais os espíritos dos homens santos do que o desejo por se deleitar em Deus, após haverem eles escapado das profanações comuns do mundo, do que essas emanações impuras do espírito, visto ser das mais contrárias a Deus, que é um Espírito puro. Mas o próprio enfadar-se deles produz matéria para consolo contra eles. Eles forçam a alma a todos os exercícios espirituais, à vigilância e a um caminhar mais próximo de Deus, e a se elevar para pensamentos de uma natureza mais alta, tais como aqueles que a verdade divina, as obras de Deus, a comunhão dos santos, o mistério da piedade, o terror do Senhor, e a excelência do estado de um cristão e relações adequadas a isso, abundantemente provêem. Eles descobrem para nós uma necessidade de limpeza diária e graça perdoadora, e de busca para ser achado em Cristo e, assim, trazer o melhor, amiúde sobre joelhos.

Nosso principal conforto é que nosso bendito Salvador, assim como mandou Satanás apartar-se de si, após ter dado caminho, por um instante, a sua insolência (Mt 4.10), também o mandará ir de nós, quando isso nos for bom. Ele deve ir embora com uma palavra. E Cristo pode e vai, da mesma maneira, a seu próprio tempo, censurar as excitações rebeldes e extravagantes de nossos corações e trazer todos os pensamentos do homem interior em sujeição a si mesmo.

4. Alguns pensam, quando ficam mais atribulados com a fumaça de corrupção do que ficavam antes, logo, estão piores do que estavam. É verdade que as corrupções aparecem agora mais do que antes, mas são em menor quantidade.

Pois, em primeiro lugar, quanto mais o pecado é visto, mais é odiado, e, portanto, tem em menor quantidade. As partículas de pó estão em uma sala antes que o sol brilhe, mas só então aparecem.

Em segundo lugar, quanto mais próximos os contrários estão um do outro, mais agudo é o conflito entre eles. Ora, de todos os inimigos, o espírito e a carne são os que ficam mais pertos um do outro, estando ambos na alma de um homem regenerado, nas faculdades da alma, e em toda ação que procede daquelas faculdades e, logo, não é de se maravilhar que a alma,

o lugar de tal batalha, assim dividida contra si própria, seja um pavio que fumege.

Terceiro, quanto mais graça há, mais espiritual é a vida, e quanto mais espiritual a vida, maior a antipatia para com o que é contrário. Portanto, ninguém está tão ciente da corrupção quanto aqueles cujas almas são as mais vivas.

Quarto, quando os homens se entregam à autocomplacência, suas corrupções não os atormentam, visto não estarem presos e amarrados; porém, uma vez que a graça suprime tais excessos extravagantes e licenciosos, então a carne fica agitada, como desdenhando de ser restringida. Todavia, eles estão melhores agora do que estavam antes. Aquela matéria que dá fumaça estava na tocha antes que ela fosse acesa, mas não é ofensiva até a tocha começar a queimar. Que os tais saibam que, se a fumaça lhes for, de imediato, ofensiva, é um sinal de que há luz. É melhor desfrutar o benefício da luz, ainda que com fumaça, do que estar todo no escuro.

Nem é a fumaça tão ofensiva a nós quanto nos é agradável a luz, já que ela dá uma evidência da verdade da graça no coração. Logo, ainda que seja incômodo no conflito, todavia, é consolador como evidência. É melhor que a corrupção nos ofenda agora do que, ao se abandonar a ela para ganhar um pouco de paz, perder o conforto posteriormente. Portanto, que os tais que são contrários e têm desavenças com suas corrupções repute este texto como sua porção de consolo.

A FRAQUEZA NÃO DEVE NOS AFASTAR DO DEVER

Isto deve nos encorajar ao dever, que Cristo não apagará o pavio que fumege, mas soprará sobre ele até inflamar. Alguns estão relutantes para fazer o bem porque sentem seus corações se rebelando, e as obrigações resultam ruins. Não devemos evitar as boas ações devido às fraquezas que as acompanham. Cristo olha mais para o bem nelas, o qual tem em vista acalantar, do que ao seu mal, o qual pretende abolir. Ainda que comer aumente uma doença, um homem enfermo ainda comerá, de modo que a natureza possa ganhar vigor contra a moléstia. Assim, embora o pecado se apegue ao que fazemos, todavia, deixa-nos fazer, visto que temos de tratar com um Senhor tão bom, e quanto mais luta encontrarmos, mais aceitação teremos. Cristo gosta de saborear os bons frutos que vêm de nós, ainda que tenham sempre sabor da nossa velha natureza.

Um cristão se queixa que não pode orar. “Ó, estou atribulado com tantos pensamentos desviantes, e agora, mais do que nunca!” Mas ele pôs dentro de seu coração um desejo de orar? Então ele ouvirá os desejos de seu

Espírito em ti. “Não sabemos o que havemos de pedir como convém” (nem como fazer qualquer coisa a mais que convenha), mas o Espírito ajuda nossas fraquezas com “gemidos inexprimíveis” (Rm 8.26), os quais não podem ser ocultados de Deus. “O meu gemido não te é oculto” (Sl 38.9). Deus pode extrair sentido de uma oração confusa. Tais desejos clamam mais alto em seus ouvidos do que teus pecados. Algumas vezes, um cristão tem pensamentos confusos tais que nada pode dizer, senão, tal como uma criança, gritar: “Ó Pai”, incapaz de expressar do que ele carece, como Moisés no Mar Vermelho. Tais agitações do espírito tocam o coração de Deus e o derretem em compaixão para conosco, quando provêm eles do Espírito de adoção, e de uma luta para ser melhor.

“Ó, mas é possível”, pensa o coração receoso, “que um Deus tão santo aceite uma tal oração?” Sim, ele aceitará aquilo que é seu, e perdoará aquilo que é nosso. Jonas orou na barriga do peixe (Jn 2.1), estando oprimido pela culpa do pecado, todavia, Deus o ouviu. Que as fraquezas, por conseguinte, não nos desencorajem. Tiago afasta essa objeção (Tiago 5.17). Alguns podiam objetar: “Se eu fosse tão santo quanto Elias, então minhas orações poderiam ser consideradas”. “Mas”, diz ele, “Elias era um homem sujeito às mesmas paixões que nós”. Ele tinha suas paixões tal como nós, ou julgamos que Deus o ouvia porque ele não tinha culpa? Certamente que não. Mas veja as promessas: “Invoca-me no dia da angústia; eu te livrarei” (Sl 50.15). “Pedi, e dar-se-vos á” (Mt 7.7) e outras como essas. Deus aceita nossas orações, ainda que fracas, porque somos seus filhos, e elas provêm de seu próprio Espírito; porque elas são segundo sua própria vontade; e porque elas são oferecidas na mediação de Cristo, e ele as recebe, e as mistura com seu próprio incenso (Ap 8.3).

Nunca há um suspiro santo, nem uma lágrima que vertemos, que seja perdida. E, como toda graça aumenta pelo exercício de si mesma, assim também a graça da oração. Pela oração, nós aprendemos a orar. Assim, da mesma forma, devemos ter cuidado quanto a um espírito de desencorajamento em todas as outras santas obrigações, visto termos um tão gracioso Salvador. Oremos o quanto pudermos, ouçamos o quanto pudermos, empenhemo-nos o quanto pudermos, façamos o quanto pudermos, conforme a medida da graça recebida. Deus em Cristo lançará um olho gracioso sobre aquele que é seu.

Paulo não fazia nada por não poder fazer o bem que queria? Não, ele prosseguia “para o alvo”.

Não sejamos cruéis a nós mesmos enquanto Cristo é tão gracioso. Há uma certa brandura de espírito pela qual rendemos graças a Deus por qualquer capacidade em absoluto, e repousemos sossegados com a medida de graça recebida, visto que é o bom prazer de Deus que deva ser assim, que

dá o querer e o fazer, todavia, não de modo a descansar de esforços adicionais. Mas quando, com esforço fiel, não alcançamos o que queríamos ser, e o que os outros são, então saibamos, para nosso consolo, que Cristo não apagará o pavio que fumeja, e que a sinceridade e a verdade, como dissemos antes, com esforço por crescimento, é nossa perfeição.

O que Deus diz do filho de Jeroboão é consolador: “Somente ele entrará na sepultura, porque nele se achou alguma coisa boa para com o SENHOR Deus de Israel” (1 Reis 14.13, KJV), ainda que apenas “alguma coisa boa”. “Eu creio, Senhor” (Marcos 9.24), com uma fé frágil, todavia, com fé; amo a ti com um amor débil, todavia, com amor; esforço-me de uma maneira fraca, mas esforço-me. Um foguinho é fogo, todavia, solta fumaça. Visto que tu tomaste-me para dentro de tua aliança para ser teu, eu que era seu inimigo, lançar-me-ás fora por essas doenças, que, assim como te descontentam, também são elas a tristeza do meu próprio coração?

8. DEVERES E DESENCORAJAMENTOS

Do que foi dito não será difícil, com uma pequena discussão adicional, resolver esta questão em que muitos requisitam ajuda, a saber, se devemos cumprir os deveres quando nossos corações estão com total aversão a eles. Para satisfazer este ponto, devemos levar em conta certas coisas.

DEVEMOS PERSISTIR NOS DEVERES

1. Nossos corações, de si mesmos, são relutantes em desistir de sua liberdade, e só com dificuldade são trazidos sob o jugo da obrigação. Quanto mais espiritual ela é, mais relutância há. A corrupção ganha terreno, na maioria das vezes, em toda negligência. É como remar contra a maré, uma remada da qual se haja descuidado não será ganha em três; e, por conseguinte, é bom manter nossos corações perto do dever, e não ouvir as desculpas as quais estão eles prontos para idear.

2. À medida que damos início à obrigação, Deus reforça a influência que ele tem em nós. Achamos um calor de coração e aumento de vigor, o Espírito indo junto conosco e nos erguendo gradualmente, até nos deixar, por assim dizer, no céu. Deus, amiúde, deleita-se em se aproveitar de nossa aversão, para que possa manifestar sua obra o mais claramente, e que toda a glória da obra possa ser sua, como é seu todo o poder.

3. Obediência é mais direta quando não há nada mais para suavizar a ação. Ainda que o sacrifício seja imperfeito, todavia, a obediência com a qual é oferecido é aceita.

4. O que é ganho como espólio de nossas corrupções terá, depois, um tão grande grau de consolo quanto tem de obstrução para o presente. Sentimento e liberdade de espírito são freqüentemente retidos até que a obrigação seja quitada. A recompensa segue-se à obra. Em e após o dever achamos aquela experiência da presença de Deus, a qual, sem obediência, podemos por muito tempo esperar e, todavia, sair sem ela. Isso não impede a liberdade do Espírito em soprar sobre nossas almas quando lhe agrade (Jo 3.8), pois só falamos de um tal estado da alma quando está acalmada e deve remar, por assim dizer, contra a correnteza. Assim como no velejar a mão deve estar no timão e o olho na estrela, também aqui devemos expor aquela pequena força que temos para o dever e procurar por assistência, a qual o Espírito, tão livre quanto oportunamente, fornecerá.

Todavia, nestes deveres que exigem tanto o corpo quanto a alma pode haver uma interrupção até o vigor ser restaurado. Amolar uma ferramenta não estorva, mas prepara. Em paixões súbitas, também, deve

haver um tempo para ajustar e acalmar a alma, e pôr as cordas na tonalidade. O profeta pediu um menestrel para preparar sua alma (2 Reis 3.15, KJV).

VENCENDO OS DESENCORAJAMENTOS

O sofrimento traz desencorajamentos, devido à nossa impaciência. “Ai!”, lamentamos, “nunca chegarei ao fim de uma tal prova”. Porém, se Deus nos traz para dentro da provação, ele será conosco, e finalmente nos tirará dela, mais refinados. Não perderemos coisa alguma senão escórias (Zc 13.9). De nosso próprio vigor não podemos suportar a menor tribulação, contudo, pela assistência do Espírito, podemos agüentar as maiores. O Espírito dar-nos-á seus ombros para nos ajudar a suportar nossas fraquezas. O Senhor dará sua mão para nos suster (Sl 37.24). “Ouvistes qual foi a paciência de Jó”, diz Tiago (5.11). Ouvimos da sua impaciência também, mas aprouve a Deus, misericordiosamente, passar por cima disso. Isso nos dá conforto também em condições desoladoras, tais como doenças contagiosas e outras do tipo, nas quais ficamos mais imediatamente sob a mão divina, para que, então, Cristo tenha um trono de misericórdia do nosso lado e conte nossas lágrimas e nossos gemidos. E, para chegar à matéria que ora aludimos, o Sacramento¹, ele não foi ordenado para os anjos, mas para os homens; e não para homens perfeitos, mas fracos; e não para Cristo, que é a própria verdade, para comprometê-lo, mas porque estamos prontos, devido à nossa culpa e aos nossos corações incrédulos, para desafiar a mesma verdade.

Logo, não era bastante, por sua bondade, deixar-nos muitas preciosas promessas, mas ele nos dá sinais confirmadores para nos fortalecer. E, mesmo se não estamos tão preparados como deveríamos estar, todavia, oremos como Ezequias: “O Senhor, que é bom, faça reconciliação com aquele que tem preparado o seu coração para buscar ao Senhor, Deus, o Deus de seus pais, ainda que não esteja purificado segundo a purificação do santuário” (2 Cr 30.18,19). Então chegamos com consolo a esse santo sacramento, e com muito fruto. Isso deve nos conduzir por todas as obrigações com muita alegria, para que, se odiamos nossas corrupções e lutamos contra elas, elas não devem ser contadas como nossas. “Não sou eu que faço isto”, diz Paulo, “mas o pecado que habita em mim” (Rm 7.17). Pois o que nos desagrade nunca nos machucará, e seremos estimados por Deus para ser o que amamos, desejamos e labutamos para ser. O que desejamos ser seremos, e o que desejamos verdadeiramente conquistar, conquistaremos, pois Deus cumprirá o desejo daqueles que o temem (Sl 145.19). O desejo é um penhor da coisa desejada. Quão pouco encorajamento nos trará para os negócios desta vida! E, todavia, todos os

¹ Uma nota marginal nas edições primitivas lê: “Isso era pregado no Sacramento” (N. do E. inglês).

auxílios que Deus oferece dificilmente prevalecerão com nossas naturezas relutantes.

A FONTE DOS DESENCORAJAMENTOS

De onde, então, tais desencorajamentos provêm?

1. Não provêm do Pai, pois ele se ligou em aliança para se compadecer de nós como um pai se compadece de seus filhos (Sl 103.13) e, como pai, aceitar nossos fracos esforços. E o que está faltando na força do dever, ele nos dá permissão, aceitando em sua graciosa indulgência. Desse modo, veneraremos essa graça na qual ele se deleita tanto quanto em realizações mais perfeitas. *Possibilitas tua mensura tua* (O que é possível a ti é o que te medirá).

2. Não provêm de Cristo, pois ele, por ofício, não apagará o pavio que fumeja. Vemos como Cristo concede os melhores frutos de seu amor sobre pessoas que são humildes em condição, fracas em capacidade, e ofensivas por suas fraquezas, aliás, ofensivas por deslizes mais crassos. E isso ele faz, primeiro, porque assim lhe agrada confundir o orgulho da carne, que comumente mede o amor de Deus por alguma excelência exterior; e, em segundo lugar, dessa maneira ele se deleita em exhibir a liberdade de sua graça e confirmar sua prerrogativa real de que “aquele que se gloria, glorie-se no Senhor” (1 Co 1.31).

No décimo-primeiro capítulo de Hebreus, entre aquela nuvem de testemunhas, vemos Raabe, Gideão e Sansão alinhados com Abraão, o pai dos fiéis (Hb 11.31,32). Nosso bendito Salvador, assim como era a imagem de seu Pai, também nisso tinha a mesma mente dele, glorificando seu Pai por revelar o mistério do evangelho aos homens simples, negligenciando aqueles que levavam a reputação principal de sabedoria neste mundo (Mt 11.25, 26).

Não é indigno de ser registrado o que Agostinho fala de um homem simples em sua época, destituído quase que de todo do uso da razão, o qual, embora fosse pacientíssimo para com todas as injúrias feitas para si, todavia, por reverência à religião, ele não suportava qualquer injúria feita ao nome de Cristo, tanto que atirava pedras naqueles que blasfemavam, nem mesmo poupando seus próprios governantes. Isso mostra que ninguém tem faculdades tão escassas para não estar debaixo da graciosa consideração de Cristo. Onde lhe agrada fazer sua escolha e exaltar sua misericórdia, ele não é, em nenhum grau, passível de compreensão, ainda que nunca tão simples.

3. Nem provêm os desencorajamentos do Espírito. Ele ajuda nossas fraquezas e, por ofício, é um consolador (Rm 8.26; Jo 14.16). Se ele convence do pecado e, assim, nos humilha, é para que possa abrir caminho para seu

ofício de nos confortar. Então, os desencorajamentos devem provir de nós mesmos e de Satanás, que trabalha para pôr sobre nós um desgosto pelo dever.

ALGUNS ESCRÚPULOS REMOVIDOS

Entre outras causas de desencorajamento, alguns são muito afligidos com escrúpulos, mesmo contrários aos melhores deveres; em parte pela enfermidade do corpo, ajudada pela malícia de Satanás em lançar pó em seus olhos no caminho deles para o céu; e, também, por algum resto de ignorância, a qual, como trevas, gera temores — em especial, ignorância dessa misericordiosa disposição em Cristo, a persuasão da qual facilmente baniria os falsos receios. Eles concebem a si como alguém de vigília contra todos os abusos contrários, nos quais podem ver como não só eles são errados, mas sua bondade também. Tal escrupulosidade, na maior parte, é um sinal de uma alma piedosa, como algumas ervas o são de um solo bom. Portanto, eles são dos que mais se deve compadecer, pois é uma pesada aflição, o fundamento dela não é tanto de tribulação de consciência quanto de uma imaginação desordenada. A finalidade da vinda de Cristo foi nos libertar de todos os temores sem fundamentos como os tais. Há ainda em alguns tal ignorância daquela confortável condição sob a qual estamos debaixo do pacto da graça que os desencorajam grandemente. Logo, devemos entender que:

1. As fraquezas não quebram o pacto com Deus. Elas não quebram o pacto entre marido e mulher, e nos tornaremos mais compassivos que Cristo, que faz de si mesmo um padrão de amor a todos os outros maridos?

2. As fraquezas não nos privam da misericórdia; antes, elas inclinam mais Deus para conosco (Sl 78.39). A misericórdia é uma parte da herança marital da igreja. Cristo promete desposá-la “em misericórdias” (Os 2.19). O marido é obrigado a suportar sua esposa como sendo o “vaso mais fraco” (1 Pe 3.7), e pensaremos nós que Cristo se isentará de sua própria regra, e não agüentará sua esposa fraca?

3. Se Cristo não fosse misericordioso para com nossas fraquezas, não teria um povo para servi-lo. Suponhamos, portanto, que somos mui fracos, todavia, conquanto não sejamos encontrados entre os maliciosos opositores e aqueles que solapam a verdade de Deus, que não demos caminho aos pensamentos desesperadores; temos um Salvador misericordioso.

Porém, para que não lisonjeemos a nós mesmos sem bons fundamentos, devemos saber que as fraquezas devem ser julgadas, ou como imperfeições que se apegam às nossas melhores ações, ou como ações procedentes da imaturidade em Cristo, enquanto somos bebês, ou como os

efeitos da falta de vigor, onde a capacidade é pequena, ou por súbitas irrupções não intencionais, contrárias à nossa inclinação e propósito gerais, enquanto nosso julgamento é obscurecido com a nuvem de uma tentação súbita, após a qual sentimos nossa debilidade, entristecemos-nos por ela e por causa dela, lamentamos e, ao lamentar, lutamos e labutamos para nos corrigirmos; finalmente, ao labutar, fazemos algum progresso contra nossa corrupção.

As fraquezas, assim consideradas, ainda que sejam uma matéria de humilhação e o objeto de nossa mortificação diária, todavia, podem ser consistentes com a ousadia para com Deus, ou não é uma boa obra, quer por elas extinguida, quer corrompida de modo a perder toda a aceitação com Deus. Mas pleitear por uma fraqueza é mais do que uma fraqueza; tolerar a nós mesmos em fraqueza é mais do que uma fraqueza. A justificação do mal fecha nossas bocas, de modo que a alma não pode chamar Deus de Pai com liberdade filial, ou desfrutar da doce comunhão com ele, até a paz ser realizada envergonhando a nós mesmos, e renovando a nossa fé. Aqueles que sempre são feridos pelo pecado, se caem, logo são restabelecidos. Pedro o foi com um gracioso olhar de Cristo, Davi, pelas palavras de Abigail. Se você disser a um ladrão ou a um vagabundo que ele está fora do caminho, ele não dará atenção nenhuma, porque seu alvo não é andar em um caminho qualquer, salvo se isso se adequar a seu intento.

QUAIS SÃO OS PECADOS DE FRAQUEZA?

Para esclarecer isso mais adiante, devemos entender que:

1. Toda vez que pecados de fraqueza estão em uma pessoa, ali a vida de graça deve ter começado. Não pode haver fraqueza alguma onde não há vida nenhuma.

2. Deve haver uma sincera e geral tendência às melhores coisas. Ainda que um homem piedoso possa ser subitamente atraído ou levado para longe em alguns particulares, todavia, por causa daquele interesse que nele tem o Espírito de Cristo, e porque suas aspirações estão corretas no principal, ele, ou irá se recuperar por si próprio, ou cederá ao conselho de outros.

3. Deve haver um reto julgamento, consentindo com os melhores caminhos, caso contrário, o coração está apodrecido. Então ele infundirá corrupção para dentro de todas as relações, para que todas as ações dos homens fiquem infectadas na fonte. Eles então justificam a frouxidão e condenam os caminhos de Deus como sendo de demasiado rigor. Seus princípios, por meio dos quais operam, não são bons.

4. Deve haver um amor conjugal a Cristo, a fim de que não haja estipulações sobre as quais mudem seu Senhor e marido, e se entreguem de forma absolutamente total para serem governados por suas próprias concupiscências, ou as concupiscências de outros.

O comportamento de um cristão para com Cristo pode, em muitas coisas, ser mui ofensivo, e causar algum alheamento; todavia, ele reconhecerá a Cristo, e Cristo a ele; não concordará com qualquer caminho no qual saiba ser preciso romper relações com Cristo. Onde o coração está, com respeito a isso, assim qualificado, devemos conhecer isto, que Cristo reputa honra sua passar por muitas fraquezas, aliás, nelas ele aperfeiçoa seu poder. Há algumas delas quase invencíveis, tais como esquecimento, abatimento de espírito, paixões súbitas e temores que, embora naturais, todavia, no mais das vezes estão viciados com o pecado. E os pequenos pecados, quando Deus despertar a consciência e “em sua ordem”, põem-nos diante de nós (Sl 50.21), provar-se-ão grandes fardos, e não apenas para ferir um caniço, mas para chacoalhar um cedro. Todavia, os filhos de Deus nunca pecam com vontade plena, porque há uma lei contrária em suas mentes pela qual o domínio do pecado é quebrado, a qual sempre tem alguma operação secreta trabalhando contra a lei do pecado. Entretanto, pode haver tanta vontade em uma ação pecaminosa que pode, depois, destruir nosso conforto a um grau notável e nos manter por muito tempo na tortura de uma consciência desassossegada, e levar Deus, em sua dispensação paternal, a suspender o senso de seu amor. A medida em que abrimos caminho ao nosso querer no pecar, é a medida em que nos colocamos à distância do consolo. O pecado contra a consciência é como uma falha de escurimento na candeia, que estraga nosso gozo, e por meio da qual nosso vigor se enfraquece. Temos de saber, portanto, que as brechas voluntárias na santificação em muito impedirão o senso de nossa justificação.

Qual curso os tais devem tomar para restabelecer sua paz? Eles devem se condenar contundentemente, e ainda se lançar sobre a misericórdia de Deus em Cristo, como em sua primeira conversão. E então devem abraçar a Cristo mais firmemente, à medida que vêm mais carência em si próprios; e lembrem-se eles aqui da brandura de Cristo, que ele não apagará o pavio que fumega. Nós vemos amiúde que, após uma profunda humilhação, Cristo fala mais de paz do que outrora, para testificar a verdade dessa reconciliação, porque ele conhece as iniciativas de Satanás em lançar os tais mais para baixo, porque estão extremamente humilhados em si mesmos e envergonhados de olhar a Cristo na face, pela ingratidão deles.

Nós vemos que Deus não apenas perdoou Davi, mas, após muito ferir, deu-lhe o sábio Salomão para sucedê-lo no reino. Vemos em Cantares de

Salomão 6.4 que, após a igreja haver sido humilhada por seu descaso por Cristo, ele docemente a entretém outra vez, e começa a elogiar sua beleza. Devemos saber para nosso conforto que Cristo não foi ungido a essa grande obra de Mediador só pelos pecados menores, mas pelos maiores também, se temos ao menos uma centelha da verdadeira fé para apossar-se dele. Logo, se houver qualquer caniço ferido, que ele não faça de si mesmo uma exceção, quando Cristo não faz dele uma exceção. “Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados” (Mt 11.28, ARA). Por que não devemos fazer uso de uma tão graciosa disposição? Somos pobres apenas por esta razão, que não conhecemos nossas riquezas em Cristo. Na hora da tentação, creia em Cristo em vez de no diabo. Creia na verdade pela verdade mesma. Não escute a um mentiroso, inimigo e assassino.

9. CREIA EM CRISTO, NÃO EM SATANÁS

Visto que Cristo é assim agradavelmente exposto a nós, que não creiamos nas representações dele feitas por Satanás. Quando somos atribulados na consciência por nossos pecados, a maneira de Satanás é, então, apresentar Cristo à alma afligida como um severíssimo juiz armado de justiça contra nós. Mas, então, apresentemo-lo a nossas almas como oferecidas à nossa vista por Deus mesmo, mantendo firme um cetro de misericórdia e estendendo seus braços para nos receber.

COMO DEVEMOS PENSAR EM CRISTO

Quando pensamos em José, Daniel, João Evangelista, com deleite os concebemos como sendo pessoas meigas e suaves. Muito mais quando pensamos em Cristo, devemos concebê-lo como um espelho de toda brandura. Se a delicadeza de todas as flores estivesse em uma, quão delicada não seria tal flor? Em Cristo, todas as perfeições da misericórdia e do amor se encontram. Quão grande, então, deve ser essa misericórdia que mora em um tão gracioso coração? Seja qual for a ternura que esteja espalhada em marido, pai, irmão, cabeça, tudo é senão um raio de luz dele; ela está nele na maneira mais eminente. Somos fracos, mas somos seus; somos deformados, todavia, carregamos sua imagem sobre nós. Um pai não olha tanto para os defeitos de seu filho quanto para a sua natureza nele; assim também Cristo acha porção daquele seu amor em nós. Ele vê sua própria natureza em nós: estamos enfermos, mas ainda somos membros dele. Quem já negligenciou seus próprios membros por estarem doentes ou fracos? Ninguém jamais odiou sua própria carne. Pode a cabeça esquecer os membros? Pode Cristo esquecer a si mesmo? Somos sua plenitude, como ele é a nossa. Ele era o próprio amor revestido com a natureza do homem, a qual ele uniu tão perto de si mesmo, para que pudesse nos comunicar sua bondade da mais livre forma. E ele não tomou nossa natureza quando ela estava em seu melhor, mas quando humilhada, com todas as fraquezas naturais e comuns a que ela estava sujeito.

Portanto, aborreçamos todos os pensamentos de suspeita, como introduzidos ou acalentados por aquele espírito eternamente condenado que, assim como labutou para dividir por ciúmes o Pai e o Filho, ao dizer: “Se tu és o Filho de Deus” (Mt 4.6), também diariamente estuda como causar divisões entre nós e o Filho gerando-nos falsas opiniões sobre Cristo, como se não houvesse nele tal amor terno para os tais que somos. Desde o princípio, a manha de Satanás foi causar dúvidas sobre Deus no homem, ao questionar o amor dele para com nosso primeiro pai Adão. Seu sucesso então ainda o faz preparar essa arma.

QUANDO CRISTO PARECE SER UM INIMIGO

“Mas, por causa disso tudo, eu não sinto Cristo assim para comigo”, diz o pavio que fumeja, “mas antes, completamente o contrário. Ele parece ser um inimigo para mim”. Vejo e sinto evidências de seu justo desagrado:

Cristo pode atuar como parte inimiga por um pouco de tempo, como José o fez, mas é para abrir caminho para desempenhar sua parte de misericórdia em um tempo mais oportuno. Ele não pode restringir suas entranhas de misericórdia por muito tempo. Ele parece lutar conosco, como com Jacó, mas ele supre-nos com poder escondido para prevalecer no fim. A fé tira para fora a máscara de sua face e vê um coração de amor debaixo das aparências contrárias. *Fides Christo larvam detrahit* (A fé arranca a máscara de Cristo). Primeiro ele não respondeu com palavra alguma à mulher de Canaã que estava clamando atrás dele. Em seguida, ele lhe deu uma negativa. Depois disso, deu uma resposta que tendia a exprobrá-la, chamando-a de cachorrinho, por estar de fora do concerto. Não obstante, ela não foi rechaçada assim, pois considerou o intento da vinda dele. Como seu Pai nunca esteve mais perto dele em força para sustentá-lo do que quando estava mais longe no sentido de favorecê-lo com conforto, assim também Cristo nunca está mais perto de nós em poder para nos sustentar do que quando parece esconder ao máximo de nós a sua presença. A influência do Filho da justiça penetra mais fundo do que sua luz. Em tais casos, seja qual for a atitude de Jesus para conosco, oponhamos a natureza e o ofício dele junto dela. Ele não pode negar a si mesmo, não pode senão desempenhar o ofício que seu Pai pôs sobre si. Vemos aqui que o Pai se comprometeu a não apagar “o pavio que fumeja”, e Cristo se encarregou ainda de nos representar junto ao Pai, aparecendo diante dele por nós até nos apresentar inculpáveis diante dele (João 17.6,11). O Pai nos deu a Cristo, e Cristo nos deu de novo ao Pai.

QUANDO A DÚVIDA NOS ASSALTA

“Seria bom consolo isto”, diz alguém, “se eu fosse apenas um pavio que fumeja”.

É bom que tal objeção se apegue a ti, e não a Cristo. É bom que tu dêes a ele a honra de sua misericórdia para com outros, ainda que não para ti mesmo. Todavia, não sejas injusto para com a obra de seu Espírito em nosso coração. Satanás, assim como faz calúnias de Cristo para nós, também nos calunia a nós mesmos. Se tu não és como um pavio que fumeja, então porque não renuncias ao teu interesse em Cristo, e não repudia a aliança da graça? Isso tu não ousas fazer. Por que não te entregas por inteiro a outros prazeres? Esse teu espírito não te permitirá agir assim. De onde esses incansáveis gemidos e lamentos vêm? Ponha teu presente estado lado a lado

com o ofício de Cristo para tal, e não desprezes a consolação do Todo-Poderoso nem rejeites tua própria misericórdia. Lança-te aos braços de Cristo e, se pereceres, pereças ali. Se não fizeres, é certo que perecerás. Se há um lugar onde se deve encontrar misericórdia, é lá.

Nisto aparece o cuidado de Cristo para contigo, que te haja dado um coração, em alguma medida, sensível. Ele poderia haver te entregado à dureza, confiança e profanação de coração para com todos os maiores julgamentos espirituais. Aquele que morreu por seus inimigos, recusará aqueles, cujo desejo da alma é voltado para ele? Aquele que, por seus mensageiros, deseja-nos para sermos reconciliados, repelir-nos-á quando ardentemente buscarmos isso em sua mão? Não, indubitavelmente, quando ele vai adiante animando santos desejos em nós, ele está pronto para nos encontrar em seus caminhos. Quando o pródigo se dispôs a voltar para seu pai, esse não esperou por ele, mas o encontrou no caminho. Quando ele prepara o coração para buscar, ele faz com que seu ouvido ouça (Sl 10.17). Ele não pode admitir em seu coração esconder-se por muito tempo de nós. Se Deus nos trazer para dentro de uma tão negra condição a ponto de não podermos ver luz alguma dele mesmo ou da criatura, então, lembremos o que ele diz pelo profeta Isaías: “Quem há entre vós” que ande “em trevas”, e não tenha “luz?”, nenhuma luz de conforto, nenhuma luz da face divina, “confie no nome do Senhor, e firme-se sobre o seu Deus” (Is 50.10). Jamais podemos estar em uma condição tal que haja justa causa para o desespero absoluto. Por conseguinte, façamos como os marinheiros, que lançam âncora na escuridão. Cristo sabe como se condoer de nós nesse caso. Veja que conforto ele sentiu de seu Pai quando foi quebrantado (Is 53.5). Isso é o que sentiremos dele mesmo em nossa machucadura.

Os suspiros de um coração ferido levam em si um relato, tanto da nossa afeição a Cristo, quanto de seu cuidado por nós. Os olhos de nossas almas não podem se voltar para ele a menos que ele primeiramente lance um gracioso olhar sobre nós. O menor amor que tenhamos por ele é senão um reflexo de seu amor primeiro brilhando sobre nós. Como Cristo fez, em seu exemplo para nós, tudo o que nos impôs para fazer, também ele sofreu em sua própria pessoa tudo o que nos chama para sofrer, de modo a melhor poder aprender a nos aliviar e de nós compadecer em nossos sofrimentos. Em seu abandono no jardim e na cruz ele estava satisfeito em estar sem aquela inefável consolação que a presença de seu Pai lhe dava, tanto para agüentar a ira do Senhor por nós por um tempo, quanto, da mesma forma, conhecer o melhor jeito de nos confortar em nossos maiores apertos. Deus julga conveniente que provemos daquele cálice do qual seu Filho tão completamente bebeu, para que possamos sentir um pouco do que o pecado é, e o que foi o amor de seu Filho. Mas nosso conforto é que Cristo sorveu o copo até a última gota por nós, para que nossos espíritos não

possam fracassar totalmente sob esse gostinho de seu desprazer, o qual sentimos. Ele não se tornou só um homem, mas uma maldição, um homem de dores, por nós. Ele foi quebrantado para que não fôssemos quebrantados; ele foi atribulado, para que não ficássemos desesperadamente atribulados; ele virou uma maldição, para que não fôssemos amaldiçoados. Tudo o que possa ser anelado em um todo-suficiente consolador, é tudo que é achado em Cristo:

1. Autoridade do Pai. Todo poder lhe foi dado (Mt 28.18).
2. Força em si mesmo. Seu nome é “O poderoso Deus” (Is 9.6, KJV).
3. Sabedoria, e essa de sua própria experiência, para como e quando ajudar (Hb 2.18).
4. Boa vontade, visto ser osso de nossos ossos e carne de nossa carne (Gn 2.23; Ef 5.30).

10. NÃO EXTINGAIS O ESPÍRITO

Agora temos de observar várias espécies de homens que escandalizam profundamente essa misericordiosa disposição de Cristo.

FALSO DESESPERO QUANTO À MISERICÓRDIA DE CRISTO

Há aqueles que prosseguem em todos os maus cursos da vida com base neste pretexto, que seria inútil ir a Cristo, por serem suas vidas tão ruins; ao passo que, tão logo olhamos para o céu, todos os encorajamentos estão prontos para nos encontrar e nos puxar para frente. Entre outras, essa é uma atração, que Cristo está pronto para bem nos acolher e nos conduzir adiante. Ninguém está condenado eternamente na igreja, senão aqueles que estão determinados para ser, incluindo os que persistem em ter pensamentos desonrosos de Cristo, para que possam ter alguma aparência de razão para buscar contentamento de outras coisas, como aquele servo inútil (Mt 25.30) que precisava adotar a opinião de que seu senhor era um homem duro, pelo que lisonjeia a si próprio em seus caminhos infrutíferos, ao não aprimorar o talento que possuía.

FALSA ESPERANÇA QUANTO À MISERICÓRDIA DE CRISTO

Há aqueles que, de si mesmo, assumem uma esperança de que Cristo aturará que andem nos caminhos para o inferno e, todavia, tra-los-á ao céu; ao passo que todo conforto deveria nos aproximar de Cristo. De outro modo, é um conforto mentiroso, seja em si próprio ou em nossa aplicação dele.

RESISTINDO À MISERICÓRDIA DE CRISTO

Há aqueles que tomam sobre si o lançar água sobre aquelas centelhas que Cristo labuta para acender neles, para não serem aborrecidos com a luz delas. Os tais devem saber que o Cordeiro pode ficar irado, e que aqueles que estão debaixo de seu cetro de misericórdia devem ser feitos em pedaços por seu cetro de poder (Sl 2.9). Embora ele graciosamente cuidará e manterá a menor fagulha da graça verdadeira, todavia, onde ele não encontra a centelha de graça, mas a oposição ao seu Espírito lutando com eles, sua ira, uma vez acendida, queimará até o inferno. Não há mais justa provocação do que quando a amabilidade é vulgarmente recusada.

Quando Deus queria ter curado Babilônia, e ela não o quis, então foi entregue à destruição (Jr 51.9). Quando Jerusalém não quis ser reunida sob a asa de Cristo, então sua habitação é deixada desolada (Mt 23.37,38). Quando a sabedoria estende sua mão e os homens a recusam, então ela se rirá da destruição deles (Pv 1.26). A salvação mesma não salvará aqueles

que estragam o remédio e repelem o emplastro. É um caso lastimável, quando esse compassivo Salvador se deleitar na destruição; quando aquele que criou os homens não tiver misericórdia alguma deles (Is 27.11).

Ó, dizem os rebeldes da época, Deus não nos fez para nos condenar eternamente. Sim, se tu não encontrases Cristo nos caminhos da misericórdia dele, é apropriado que comas “do fruto do seu caminho”, e se farte “dos seus próprios conselhos” (Pv 1.31). Isso será o inferno do inferno, quando os homens pensarem que amavam seus pecados mais do que suas almas; quando pensarem que o amor e a misericórdia fazem-se cumprir sobre si e, todavia, perecerem. Quanto mais cúmplices formos em atrair julgamento sobre nós mesmos, mais a consciência ficará confundida em si mesma. Então, eles reconhecerão que Cristo não tem qualquer culpa, sem qualquer desculpa para eles mesmos.

Se os homens apelarem a suas próprias consciências, elas contar-lhes-ão que o Espírito Santo tem amiúde batido à porta de seus corações, como que disposto a acender alguns santos desejos neles. Como então se pode deles dizer que resistem ao Espírito Santo, senão que o Espírito estava mais pronto para atraí-los a um grau superior de bondade do que era consistente com seus próprios desejos? Logo, aqueles na igreja que estão condenados estão antes autocondenados. De modo que aqui não precisamos nos elevar a motivos maiores, quando os homens carregam motivo suficiente em seus próprios seios.

ABUSANDO A MISERICÓRDIA DE CRISTO

E os melhores dentre nós podem cometer escândalo contra essa disposição misericordiosa, caso não estejamos vigilantes contra aquela liberdade que nossa disposição carnal estará pronta para dela tirar. Desse modo, arrazoamos, se Cristo não apagará o pavio que fumega, que necessidade temos de reear que qualquer negligência de nossa parte possa nos trazer para uma condição sem conforto? Se Cristo não apagará, o que poderá fazê-lo?

Tu conheces a interdição do apóstolo, qual seja, “não extingais o Espírito” (1 Ts 5.19). Tais cautelas para não apagar são santificadas pelo Espírito como meio de não apagar. Cristo desempenha seu ofício de não apagar excitando adequados esforços em nós; e ninguém há mais solícito no uso dos meios do que aqueles que estão mais certos de seu bom êxito. A razão é esta: os meios que Deus reservou para o efetuar de qualquer coisa estão inclusos no propósito que ele tem de fazer aquilo se suceder. E isso é um princípio tido por certo, mesmo nas matérias civis; pois quem, se de antemão soubesse que este seria um ano frutífero, penduraria pois seu arado e descuidaria da lavoura?

Por isso, o apóstolo estimula-nos a partir da expectativa certa de uma bênção (1 Co 15.57,58), e tal encorajamento, que parte do bom desfecho da vitória, é pensado para nos incitar, e não para nos dissuadir. Se formos negligentes no exercício da graça recebida e do uso dos meios prescritos, permitindo que nossos espíritos sejam oprimidos com muitos e variados cuidados desta vida, e não tivermos cuidado com os desencorajamentos momentâneos, em razão desse tipo de descuido, Deus, em seu sábio cuidado, permite que freqüentemente caiamos em uma condição pior em nossos sentimentos do que aqueles que nunca foram tão iluminados. Todavia, em misericórdia ele não tolerará que sejamos tão inimigos de nós mesmos a ponto de inteiramente negligenciar essas faíscas uma vez acendidas. Caso fosse possível que devêssemos abandonar todo esforço em absoluto, então poderíamos procurar por não outro resultado senão apagar; porém, Cristo tomará o cuidado dessa fagulha e nutrirá essa sementinha, para que ele sempre preserve na alma algum grau de cuidado.

Se fizermos um confortador uso disso, devemos considerar todos aqueles meios pelos quais Cristo preserva a graça iniciada; tais como, primeiro, a santa comunhão, pela qual um cristão aquece outro. “Melhor é serem dois do que um” (Ec 4.9). “Não ardia em nós o nosso coração?”, disse os discípulos (Lucas 24.32). Em segundo lugar, muito mais comunhão com Deus nos santos deveres, tais como meditação e oração, que não apenas acende como agrega um lustre à alma. Em terceiro lugar, sentimos por experiência o sopro do Espírito ir junto com o de seus ministros. Por essa razão o apóstolo entrelaça esses dois versículos em um: “Não extingais o Espírito. Não desprezeis as profecias” (1 Ts 5.19,20). Natã, por poucas palavras, assoprou as centelhas que definhavam em Davi. Em vez de Deus aceitar que seu fogo em nós se extinga, ele enviará algum Natã ou outro, e algo é sempre deixado em nós para juntar com a Palavra, desde que da mesma natureza dela; como um carvão que tem fogo em si rapidamente ajunta mais fogo para si. O pavio que fumeja facilmente pegará fogo. Em quarto lugar, a graça é fortalecida pelo seu exercício: “Levanta-te, pois, e faz a obra, e o Senhor seja contigo” (1 Cr 22.16), disse Davi a seu filho Salomão. Estimula a graça que está em ti, pois desse modo santas moções viram resoluções, resoluções, prática, e prática, uma preparada prontidão para toda boa obra.

Não obstante, que lembremos que a graça é aumentada, no seu exercício, não em virtude do exercício em si, mas por Cristo, que, pelo seu Espírito, flui na alma e nos traz mais próximos de si próprio, a fonte, assim instilando tal conforto que o coração é mais adiante dilatado. O coração de um cristão é o jardim de Cristo, e suas graças são como tantas doces especiarias e flores as quais, quando seu Espírito sopra sobre elas, emitem um aroma agradável. Portanto, mantenha a alma aberta para acolher o

Espírito Santo, pois ele introduzirá continuamente forças adicionais para vencer a corrupção, e isso, sobretudo, no dia do Senhor. João estava no Espírito no dia do Senhor, precisamente em Patmos, o lugar de seu banimento (Ap 1.10). Então, os golpes de vento do Espírito soprarão de modo mais forte e meigo.

Como vimos, portanto, para o consolo dessa doutrina, que não favoreçamos nossa preguiça natural, mas antes nos exercitemos na piedade (1 Tm 4.7), e labutemos para manter esse fogo sempre queimando sobre o altar de nossos corações. Que preparemos nossas lâmpadas diariamente, e ponhamos dentro óleo novo, e alcemos nossas almas mais e mais alto ainda. Descansar em uma boa condição é contrário à graça, que não pode senão promover a si para uma medida ainda maior. Que ninguém torne essa graça “em lascívia” (Judas 4). As fraquezas são uma razão de humildade, não uma justificativa à negligência nem um encorajamento à presunção. Longe estejamos de sermos maus, pois que Cristo é bom para que aquelas brasas de amor nos derretam. Logo, aqueles em quem a consideração de tal ternura de Cristo não opera dessa forma bem podem suspeitar de si próprios. Certamente, onde a graça está, a corrupção é “como vinagre para os dentes, como fumo para os olhos” (Pv 10.26). E, por conseguinte, eles labutarão, considerando o seu próprio conforto e, da mesma forma, o mérito da religião e a glória de Deus, para que a luz deles possa irromper. Se uma centelha de fé e amor é tão preciosa, que honra será ser rico em fé! Quem não prefere antes andar na luz, e nos confortos do Espírito Santo, a viver em um estado sombrio, confuso? E a velejar a todo pano para o céu a ser agitado sempre com medos e dúvidas? A presente dificuldade no conflito contra um pecado não é tanta quanto aquela perturbação que qualquer corrupção favorecida trará sobre nós posteriormente. A paz verdadeira está em conquistar, não em se entregar. O conforto tencionado neste texto é para aqueles que querem fazer melhor, porém, descubrem que suas corrupções os obstruem; que estão em uma tal bruma, que amiúde não podem dizer o que pensar de si mesmos; que querem acreditar e, todavia, com frequência temem que não acreditam; e que pensam que não pode ser que Deus seja tão bom para miseráveis tais como eles, e, contudo, não permitem tais receios e dúvidas em si próprios.

BUSCANDO UMA OUTRA FONTE DE MISERICÓRDIA

Outros, como fazem mal a si mesmos e a ele para que tenham outros mediadores para com Deus que não ele! Há alguém mais compassivo do que aquele que se tornou homem para esta finalidade, para que pudesse ter compaixão da sua própria carne? Que todos, em todos os tempos, dirijam-se a esse meigo Salvador, e coloquemos todas as nossas petições em seu nome eficaz. Que necessidade temos de bater em qualquer outra porta?

Pode alguém ser mais terno para conosco que Cristo? Que encorajamento temos para recomendar a ele, pelas nossas orações, o estado da igreja em geral, ou de quaisquer cristãos de corações quebrantados, de quem podemos falar a Cristo, como falaram de Lázaro: “Senhor, a igreja que tu amaste, e deste a ti mesmo por ela, está em aperto”; “Senhor, este pobre cristão por quem tu foste ferido (Is 53.5) está ferido e mui abatido”. Não pode senão tocar seu coração quando a miséria daqueles tão caros a si é exposta diante dele.

MALTRATANDO OS HERDEIROS DA MISERICÓRDIA

Outra vez, considerando essa graciosa natureza em Cristo, que pensemos conosco mesmos: uma vez que ele nos é tão amável, seremos cruéis contra ele em seu nome, em sua verdade, em seus filhos? Como aqueles que se deleitam em ser tão terríveis aos “mansos da terra” (Sf 2.3) esperarão olhar para um tão gracioso Salvador na face? Aqueles que são tão rudes para com a esposa dele saberão um dia que tinham de tratar com ele mesmo em sua igreja. Assim, não pode senão cortar o coração daqueles que sentem esse amor de Cristo ouvir aquele que é a vida de suas vidas, e a alma de suas almas, magoado. Isso faz aqueles que experimentaram misericórdia chorar por Cristo, a quem traspassaram com seus pecados. Não pode haver senão uma simpatia mútua e viva entre a cabeça e os membros. Quando somos tentados a qualquer pecado, se não nos condoermos de nós mesmos, todavia, devemos poupar Cristo, em não colocá-lo em novos tormentos. O apóstolo não podia descobrir um argumento mais capaz de quebrantar coração, para nos obrigar ao sacrifício de nós mesmos a Deus, do que nos lançar o apelo à “compaixão de Deus” em Cristo (Rm 12.1).

CONTENDA ENTRE OS HERDEIROS DA MISERICÓRDIA

Tal misericórdia de Cristo deve ainda nos mover a ter comiseração pelo estado da pobre igreja, dilacerada pelos inimigos de fora, e se despedaçando por divisões internas. Não pode senão comover qualquer alma que sinta conforto de Cristo considerar que maviosa súplica o apóstolo faz à concordância mútua no julgamento e na afeição. “Se há algum conforto em Cristo, se alguma consolação de amor, se alguma comunhão no Espírito, se alguns entranháveis afetos e paixões, completai o meu gozo, para que sintais o mesmo” (Fp 2.1), como se dissesse: “A menos que você desaprove toda consolação em Cristo, trabalhe para manter a unidade do Espírito no vínculo da paz”. Que espetáculo jubiloso é esse para Satanás e sua facção, ver aqueles que são separados do mundo espedaçarem-se entre si! Nossa dissensão é a melodia de nosso inimigo.

Os que mais devem ser censurados são aqueles que, para objetivos particulares, afetam diferenças em relação a outros, e não admitem fechar as feridas da igreja e reuni-las juntamente. Isso não deve ser entendido como se os homens devessem dissimular seu julgamento em qualquer verdade onde há justa causa para se expressarem; pois a menor verdade é de Cristo e não nossa e, portanto, não devemos tomar liberdade para afirmar ou negar a nosso prazer. Dever algo como um pêni é tanto quanto dever uma libra, logo, devemos ser fiéis na mínima verdade, quando a hora o exigir. Então, nossas palavras serão “como maçã[s] de ouro em salvas de prata” (Pv 25.11). Uma palavra dita em seu tempo fará mais bem do que mil fora do seu. Porém, em alguns casos, mediante ter nossa fé em nós mesmos diante de Deus (Rm 14.22), é de maior consequência do que a discutível descoberta de algumas coisas que tomamos por verdadeiras, considerando que a fraqueza da natureza do homem é tal que dificilmente pode haver uma descoberta de qualquer diferença em opinião sem alguma desavença de afeição. Enquanto os homens não forem de uma só mente, dificilmente serão de um só coração, exceto onde a graça e a paz divinas tenham grande domínio no coração (Co 3.15). Por conseguinte, a exibição franca de divergência é somente boa quando é precisa, ainda que alguns, por um desejo de ser alguém, tornem-se assim e rendam-se a um espírito de contradição em si mesmos. Todavia, se Paulo puder ser juiz disso, eles ainda são “carnais” (1 Co 3.3). Se for sabedoria, é sabedoria de baixo: pois a de cima, visto ser pura, também é pacífica (Tg 3.17). Nosso bendito Salvador, quando estava para partir do mundo, o que ele impôs mais a seus discípulos do que paz e amor? E, em sua última oração, com que ardor ele implorou a seu Pai para que todos pudessem ser “um”, como ele e o Pai eram um (Jo 17.21). Mas, pelo que ele orou na terra, só desfrutaremos perfeitamente no céu. Que isso torne a meditação daquele tempo a mais meiga para nós.

APROVEITANDO-SE DO FERIDO

Além disso, para desmascarar escandalizadores dessa espécie, de que espírito pensaremos ser quem se aproveita das pisaduras e debilidades dos espíritos dos homens para aliviá-los com falsa paz para seus próprios motivos mundanos? Um espírito magoado desfaz-se de qualquer coisa. A maioria das coisas úteis do papado, tais como confissão, satisfação, mérito e purgatório, surgem dali, mas eles são médicos de valor nenhum, ou carrascos, e em nenhuma hipótese médicos. É uma bênção maior ficar liberto da picada de tais escorpiões (Ap 9.5) do que sermos gratos pela bênção. A tirania espiritual é a maior das tiranias, e especialmente quando está onde mais misericórdia deve ser demonstrada; todavia, precisamente ali alguns, como cirurgiões cruéis, deliciam-se em fazer longos tratamentos, para se servirem da miséria dos outros. Traz os homens debaixo de uma

terrível maldição quem “não se lembrou de usar de misericórdia; antes perseguiu o varão aflito e necessitado”, para que pudessem “matar” o quebrantado de coração (Sl 109.16).

Da mesma maneira, aos tais que produzem vantagem temporal para si próprios da miséria espiritual de outros, devemos incluir os que elevam sua posição social traindo a igreja, e são infiéis ao que lhes foi confiado, quando os filhos clamam pelo pão da vida, e não há ninguém para lhes dar, trazendo assim, sobre o povo de Deus, aquele pesado julgamento de um Cristo com fome e subalimentado em seus membros. Retribuiremos assim um tão bom Salvador que conta o amor e a misericórdia demonstrados em alimentar seus cordeiros (João 21.15) como demonstrados para consigo mesmo?

DESPREZANDO OS MEIOS SIMPLES SE MISERICÓRDIA

Por fim, portam-se mui indelicadamente para com Cristo quem tropeça em sua inclinação para conosco em seu governo e ordenanças, que estão envergonhados da simplicidade do evangelho, que reputam como tolice a pregação. Eles, do orgulho de seus corações, acham que podem fazer bem o bastante sem a ajuda da Palavra e dos sacramentos, e pensam que Cristo não toma suficiente dignidade sobre si; e, por conseguinte, não precisam consertar a questão com seus estratagemas, de modo a poderem dar melhor satisfação à carne e ao sangue, como no papado. Que maior ingratidão pode haver do que desprezar qualquer auxílio que Cristo, em misericórdia, provê para nós? Nos dias de sua carne, os orgulhosos fariseus ficaram ofendidos com sua conversa familiar com homens pecadores, ainda que somente agisse assim como um médico, para curar as almas deles. Quais defesas Paulo foi levado a tomar para si, por sua clareza em expor o evangelho? Quanto mais Cristo, em si mesmo e em seus servos, descer para nos exaltar, mais devemos, com toda humildade e presteza, nutrir aquele amor e exaltar a bondade de Deus, que colocou a grande obra da nossa salvação, e pôs o governo sobre um tão gentil Salvador, que se portará tão amorosamente em todas as coisas em que ele tem que tratar entre Deus e nós, e nós e Deus. Quanto mais baixo Cristo descer até nós, mais alto elevemo-lo em nossos corações. Assim farão todos aqueles que acharem a experiência da obra de Cristo em seus corações.

II. O JULGAMENTO E A VITÓRIA DE CRISTO

Chegamos agora à última parte de nosso texto, concernente ao progresso constante do poder gracioso de Cristo, até que haja ele estabelecido um governo absoluto em nós, que prevaleça sobre todas as corrupções. É dito aqui que ele acalentará seus inícios de graça em nós até que produza “juízo para vitória” (Mt 12.20, KJV).

O JUÍZO DE CRISTO DEMONSTRADO EM NÓS

Por juízo aqui se quer dizer o reino da graça em nós, aquele governo por meio do qual Cristo estabelece um trono em nossos corações. Os governantes entre os judeus foram primeiramente chamados juizes, depois reis, de onde esse governo interior é chamado juízo, visto que concorda com o julgamento da Palavra, que o Salmista, com freqüência, denomina juízo (como no Salmo 72.1,2), pois concorda com o julgamento divino. Os homens podem ler seus próprios destinos na Palavra de Deus. O que ela julga deles, é o que Deus julga. Por esse julgamento estabelecido em nós, o bem é discernido, permitido e realizado; o pecado é julgado, condenado e justificado. Nosso espírito, estando debaixo do Espírito de Cristo, é por ele governado e, visto ser governado por Cristo, ele nos governa graciosamente.

Cristo e nós somos de um juízo e de uma vontade. Ele possui seu querer em nós, e seus julgamentos estão tão investidos de autoridade em nós que se tornam em nosso julgamento, carregando nós sua lei em nossos corações, escrita ali por seu Espírito (Jr 31.33). A lei no homem interior e a lei escrita são mutuamente correspondentes.

O sentido, então, é que a graciosa disposição de santidade posta em nossos corações pelo Espírito de Cristo irá adiante até que todo poder contrário esteja subjogado. O espírito de justiça será um espírito de ardor (Is 4.4) para consumir tudo o que a corrupção contrária corrói na alma como ferrugem. Se os construtores de Deus caem em erro, e fazem um edifício de palha sobre uma boa fundação, o Espírito divino, como fogo espiritual, revelará isso no dia (1 Co 3.13), e destruí-lo-á. Os edificadores devem, por um espírito de juízo, condenar seus próprios erros e procedimentos. A obra inteira da graça em nós é exposta sob o nome de juízo, e por vezes sabedoria, pois juízo é a parte principal e dominante naquela, de modo que a graciosa obra de arrependimento é chamada mudança da mente, e depois sabedoria. Por outro lado, na linguagem culta, as palavras que expressam sabedoria indicam também um gosto e um sabor geral de toda a alma e, antes, mais o julgamento do paladar do que da vista ou de qualquer outro sentido, porque esse é o sentido mais necessário, e que demanda uma aplicação mais próxima do objeto do que todos os outros. Assim, na vida espiritual, é mais necessário que o Espírito altere o

apetite da alma para que ela possa provar as coisas do Espírito tão profundamente que todas as outras coisas não sejam deleitosas.

E, como é verdadeiro de todo cristão em particular que o juízo de Cristo nele será vitorioso, assim da mesma forma do corpo inteiro dos cristãos, a igreja. O governo de Cristo, e sua verdade, por meio da qual ele governa como por um cetro, por fim será vitorioso, a despeito de Satanás, do anticristo e de todos os inimigos. Cristo, montando em seu cavalo branco (Ap 6.2), tem um arco e vai adiante conquistando, no ministério, para que possa sobrepular seja pela conversão ou pela confusão. Porém, eu faço juízo principalmente em prol do reino de Cristo e de seu governo dentro de nós, primeiramente, porque Deus, especialmente, exige a sujeição da alma e da consciência enquanto seu trono verdadeiro; e, em segundo lugar, porque, se o juízo domina em todos os outros ao nosso redor e não em nossos próprios corações, ele não nos dá conforto; e, por conseguinte, é a primeira coisa que desejamos quando oramos, “Venha... o teu reino”, para que Cristo venha e reine em nossos corações. O reino de Cristo em suas ordenanças serve senão para introduzir Cristo em seu lugar, os nossos corações.

Estando assim explicadas as palavras, que o juízo aqui inclui o governo da mente, da vontade e das afeições, há várias conclusões que naturalmente surgem delas.

A BRANDURA DE CRISTO E SEU GOVERNO

A primeira conclusão tirada da conexão dessa parte do versículo com a anterior é que Cristo é meigo, como temos visto, para que possa então estabelecer seu governo naqueles sobre os quais é tão gentil e terno. Ele assim perdoa para que seja obedecido como rei; ele nos toma para ser sua esposa para que seja obedecido como marido. O mesmo Espírito que nos convence da necessidade de sua justiça para nos cobrir, convence a nós também da necessidade de seu governo para nos reger. Seu amor para conosco move-o a nos moldar para ser como ele mesmo, e nosso amor para com ele nos estimula a ser tais em que ele possa se deleitar, e não temos fé nem esperança além do interesse que temos de ser purificados, tal como ele é puro. Ele nos torna governantes subalternos, sim, reis debaixo de si próprio, dando-nos graça, não apenas para lutar, mas ainda para, em certa medida, subjugar nossas afeições vis. É um dos principais frutos da exaltação de Cristo podermos, cada um de nós, desviar de nossa maldade (Atos 3.26). “Foi para isso que morreu Cristo, e tornou a viver, para ser Senhor, tanto dos mortos, como dos vivos” (Rm 14.9). Deus comprometeu-se, por juramento, a nos conceder que o servíssemos “sem temor, em santidade e justiça perante ele” (Lucas 1.75), e não apenas perante o mundo.

O PERDÃO LEVA À OBEDIÊNCIA

Isto pode servir por prova para discernir quem pode ter justo direito à misericórdia de Cristo. Somente aqueles que tomarem seu jugo e reputarem por maior felicidade estar debaixo de seu governo a gozar qualquer liberdade da carne; que tomarem a Cristo todo, e não só ao que pode se ajustar ao presente contentamento deles; que não separarem de Jesus o Senhor e, assim, fazerem um Cristo de si próprios, podem reclamar tal direito. Ninguém jamais desejou verdadeiramente misericórdia para perdão, mas desejou misericórdia para cura. Davi ora por um espírito novo, tanto quanto por um sentido da misericórdia perdoadora (Sl 51.10).

A JUSTIFICAÇÃO LEVA À SANTIFICAÇÃO

Isso mostra também que estão desencaminhados aqueles que fazem Cristo ser-nos somente justiça e não santificação, exceto por imputação, já que é uma grande parte de nossa felicidade estar sob um tal Senhor, que não somente nos nasceu, e foi para nós dado, mas tem, da mesma forma, o governo sobre seus ombros (Is 9.6,7, ARA). Ele é nosso Santificador tanto quanto nosso Salvador, nosso Salvador também pelo poder eficaz de seu Espírito sobre o poder do pecado, também pelo mérito da morte dele sobre a culpa disso; conquanto que estas coisas sejam lembradas:

1. O primeiro e principal fundamento de nosso conforto é que Cristo, como sacerdote, ofereceu-se como sacrifício a seu Pai por nós. A alma culpada foge primeiramente para Cristo crucificado, feito maldição por nós. Por isso é que Cristo tem direito de nos governar; por isso é que ele nos dá seu Espírito como nosso guia para nos conduzir ao lar.

2. No curso de nossa vida, após estarmos em um estado de graça, se somos surpreendidos em qualquer pecado, devemos lembrar de recorrer primeiro à misericórdia de Cristo para nos perdoar e, então, à promessa de seu Espírito para nos governar.

3. E, quando nos sentirmos frios na afeição e no dever, a melhor maneira é nos aquecermos nesse fogo de seu amor e misericórdia, ao dar a si mesmo por nós.

4. Outra vez, lembre-se disto, que Cristo nos rege por um espírito de amor, de um sentido de seu amor, pelo qual seus mandamentos nos são fáceis. Ele nos conduz por seu livre Espírito, um Espírito de liberdade. Seus súditos são voluntários. A coação que ele põe sobre eles é a de amor. Ele nos atrai docemente com as cordas de amor. Todavia, lembre-se também que ele nos atrai fortemente por um Espírito de poder, pois não é bastante que tenhamos motivos e encorajamentos para amar e obedecer a Cristo daquele seu amor, pelo qual ele se deu por nós para nos justificar; porém, o Espírito

de Cristo precisa, igualmente, submeter nossos corações, e santificá-los para amá-lo, sem o que todos os motivos seriam ineficazes.

Nossa disposição deve ser transformada. Devemos ser novas criaturas. Buscam pelo céu no inferno aqueles que procuram amor espiritual em um coração não mudado. Quando uma criança obedece a seu pai é por motivo da persuasão dele e, igualmente, de uma natureza infantil que corrobora aquela. É natural para um filho de Deus amar Cristo visto ser ele regenerado, não apenas por persuasão da razão para assim amar, mas, igualmente, por um princípio e obra da graça interiores, de onde tais causas têm sua força principal. Primeiro, somos feito participantes da natureza divina, e depois somos facilmente induzidos e guiados pelo Espírito de Cristo às obrigações espirituais.

12. O SÁBIO GOVERNO DE CRISTO

A segunda conclusão tirada da parte final do texto é que o governo de Cristo em sua igreja e em seus filhos é um governo sábio e bem ordenado, porque é chamado juízo, e juízo é a vida e a alma da sabedoria. Dessa conclusão há duas ramificações: a primeira, que o governo espiritual de Cristo está unido com o julgamento e a sabedoria, e a segunda, onde quer que estejam a sabedoria e o juízo espiritual verdadeiros, ali igualmente o Espírito de Cristo introduziu seu gracioso governo.

JULGAMENTO E SABEDORIA

Quanto ao primeiro, uma vida bem guiada pelos preceitos de Cristo mantém-se com a mais forte e elevada razão de todas; e, por isso, os homens santos são chamados “filhos da sabedoria” (Lucas 7.35), e estão aptos a comprovar, tanto pela razão quanto pela experiência, todos os caminhos da sabedoria. As condutas opostas são desatino e loucura. Nisto Paulo diz que “o que é espiritual discerne bem tudo” (1 Co 2.15) que pertence a ele, e não é julgado por ninguém de categoria inferior, porque falta a esse luz e visão espirituais para julgar. Todavia, essa laia de homens julgará e blasfemarão do que não entende (2 Pe 2.12); ela caminha da ignorância ao preconceito e à censura temerária, sem adotar o juízo direito em seus caminhos e, portanto, seu julgamento vem a ser nada. Porém, o juízo de um homem espiritual, visto ser ele espiritual, permanecerá, porque é agradável à natureza das coisas. Como as coisas são em si mesmas, assim são elas no julgamento dele. Como Deus é em si próprio infinito em bondade e majestade, assim lhe é ele. Atribuí a Deus sua divindade e todas as suas excelências. Como Cristo é em si próprio o único Mediador, e tudo em todos na igreja (Cl 3.11), assim lhe é ele, tornando Cristo assim em seu coração. Como todas as coisas são esterco em comparação com Cristo (Fp 3.8), também o são a Paulo, um homem santificado. Como exatamente a pior coisa na religião, “o vitupério de Cristo”, é melhor do que “o gozo do pecado” por um pouco de tempo (Hb 11.25,26), como o é a Moisés, um homem de alta reputação. Um dia nos átrios de Deus é melhor do que mil em outro lugar (Sl 84.10), assim é para Davi, um homem de juízo reformado. Há uma conformidade do julgamento de um homem bom com as coisas como elas são em si próprias, e segundo a diferença ou concordância posta por Deus nas coisas, assim seu julgamento diverge ou concorda.

Verdade é verdade, e erro, erro, e o que é ilícito é ilícito, pensem os homens assim ou não. Deus pôs uma diferença eterna entre a luz e as trevas, o bem e o mal, que nenhum conceito da criatura pode alterar e, por conseguinte, nenhum juízo de homem é a medida das coisas mais do que a concordância com a verdade gravada sobre as coisas mesmas por Deus. Por

essa razão, porque o julgamento de um homem sábio concorda com a verdade das coisas, dele pode, em certo sentido, ser dito que é a medida das coisas, e o juízo de um santo homem sábio, ser preferido em vez de mil outros. Tais homens, comumente, são inamovíveis como o sol em seu curso, porque pensam e falam e vivem pelo preceito. Um Josué e sua casa servirão a Deus (Js 24.15), seja o que for que os outros façam, e correrá numa direção oposta à do mundo, porque seus julgamentos os conduzem a um caminho contrário. Por isso é que Satanás tem malquerença pelo olho da alma, o juízo, para extingui-lo pela ignorância e falsa razão, pois ele não pode governar nele até que haja, ou retirado, ou pervertido o julgamento. Ele é príncipe das trevas, e rege na escuridão do entendimento. Portanto, ele tem de ser lançado fora do entendimento pelo predomínio da verdade e por sua implantação na alma. Aqueles, portanto, que são inimigos do conhecimento, auxiliam Satanás e o anticristo, cujo reino, como o de Satanás, é um reino de trevas, para erigir o trono deles. Por isso é prometido por Cristo que o Espírito Santo convenceria o mundo da justiça ou juízo (João 16.8); isto é, que ele está resolvido a estabelecer um trono de governo, porque o grande senhor da desordem, Satanás, “o príncipe deste mundo”, está julgado pelo evangelho, com o Espírito seguindo-o. Suas imposturas estão descobertas, seus feitos, expostos. Portanto, quando o evangelho foi disseminado, os oráculos cessaram, Satanás caiu do céu como um raio (Lc 10.18). Os homens foram transportados do reino dele para o de Cristo. Onde se prevalece pelas mentiras, a revelação é vitória: “não irão, porém, avante; porque a todos será manifesto o seu desvario” (2 Tm 3.9). De modo que a manifestação do erro dá uma parada a ele, pois ninguém será enganado voluntariamente. Que a verdade tenha pleno alcance, sem empecilho ou restrição, e que Satanás e seus instrumentos façam o pior, eles não prevalecerão, como diz Jerônimo dos pelagianos em sua época: “A manifestação de vossas opiniões é a sua derrota, vossas blasfêmias aparecem à primeira vista”.

A NECESSIDADE DA LUZ CELESTIAL

Por isso, aprendemos a necessidade de que o entendimento deve estar alicerçado em conhecimento cuja natureza é de cima.

1 Jerônimo (c.347-419) em sua Epístola a Ctesiphon:

para uma bem ordenada vida cristã. Deve haver luz para descobrir um fim além da natureza, devido ao que somos cristãos, e uma regra apropriada para dirigir àquele fim, que é a vontade de Deus em Cristo, descobrindo seu bom prazer para conosco, e nossa obrigação para com ele. E, em virtude dessa descoberta, fazemos tudo o que fazemos que possa de qualquer maneira promover o que reconhecemos ser verdadeiro. O olho deve primeiro ser simples e, então, o corpo todo e a disposição da nossa conduta serão luz (Mt 6.22); de outro modo, tanto nós quanto o curso de nossa vida nada são senão trevas. A conduta inteira de um

cristão é nada mais senão conhecimento reduzido à vontade, afeição e prática. Se a digestão do alimento no estômago não for boa, o trabalho do fígado não pode ser bom; assim, se houver erro no julgamento, ele põe a perder a prática por inteiro, como o faz um erro na fundação de um edifício. Deus não quer ter sacrifícios falsos, nem rituais irracionais, mas nos quer ter para amá-lo com toda nossa mente (Rm 12.2), ou seja, com a parte do nosso entendimento, tanto quanto com nossos corações (Lc 10.27), isto é, a parte do sentimento da alma.

Tal disposição do governo de Cristo pelo juízo é agradável à alma, e Deus se deleita em preservar a maneira de operar peculiar ao homem, ou seja, fazer o que faz pelo julgamento. Como a graça supõe a natureza, visto que está baseada nela, assim, a disposição da graça preserva a estrutura da natureza no homem. E, por conseguinte, Cristo efetua tudo o que é bom na alma através do juízo, e isso tão suavemente que muitos, por um erro perigoso, pensam que aquele bem que está neles e deles emana é de si próprios, e não da poderosa obra da graça. Assim é no mal, onde o diabo tão sutilmente nos conduz, de acordo com o fluxo de nossa natureza, que os homens pensam que Satanás não está metido em seu pecado; mas aqui um engano é de pouco perigo, porque somos, de nós mesmos, maus, e o diabo somente promove o mal que encontra em nós. Mas não há semente alguma de bondade sobrenatural em nós, em hipótese nenhuma. Deus nada acha em nós senão inimizade, a não ser que tenha gravado em nossa natureza uma inclinação geral àquilo que julgamos ser bom. Ora, quando ele revela claramente o que é bom em particular, somos atraídos a ele; e, quando ele nos mostra de modo convincente o que é mal, nós o aborrecemos tão livremente quanto o abraçamos anteriormente.

Disso, podemos saber se trabalhamos como devemos trabalhar ou não. Ou seja, quando fazemos o que fazemos por princípios íntimos, quando não escolhemos o que é bom apenas porque somos assim educados, ou porque tal e tal a quem respeitamos age assim, ou porque queremos manter um partido, assim tornando a religião uma facção; mas do juízo, quando o que fazemos de bom, primeiro julgamos em nós mesmos ser assim; e, do que nos abtemos que seja mal, primeiro julgamos ser mal por um juízo interior. Um cristão sadio, visto que desfruta da melhor parte, como Maria, primeiro fez essa escolha (Lc 10.42). Ele estabelece todo propósito por conselho (Pv 20.18, KJV). De fato, Deus usa os homens carnis para o próprio bom serviço, mas sem uma completa alteração e convicção do juízo deles. Ele opera por eles, mas não neles. Logo, eles nem aprovam o bem que fazem nem odeiam o mal de que se abstêm.

ONDE O GOVERNO DE CRISTO ESTÁ ESTABELECIDO

A segunda ramificação dessa conclusão é que, seja onde for que estiver a sabedoria e o juízo verdadeiros, ali Cristo estabeleceu seu governo, porque, onde está a sabedoria, ela nos dirige, não somente para compreender, mas para ordenar nossos caminhos da maneira direita. Onde Cristo, como profeta, ensina por seu Espírito, ele igualmente, como rei, subjuga o coração, por seu Espírito, à obediência do que é ensinado. Esse é aquele ensinamento que é prometido por Deus, quando, não somente o cérebro, mas o próprio coração é instruído; quando os homens não apenas

conhecem o que devem fazer, mas lhes são ensinados o próprio fazer. Não somente são ensinados que devem amar, temer e obedecer, mas são ensinados o amor, o temor e a obediência em si mesmos. Cristo estabelece seu trono no próprio coração e altera seu rumo, fazendo assim com que seus súditos sejam bons, ao mesmo tempo em que os ensina a serem bons. Outros príncipes podem fazer boas leis, mas não podem escrevê-las nos corações de seu povo (Jr 31.33). Esta é a prerrogativa de Cristo: ele infunde em seus súditos seu próprio Espírito. Sobre ele não apenas repousa o espírito de sabedoria e de conhecimento, mas também o espírito de temor do Senhor (Is 11.2). O conhecimento que temos dele, que vem dele mesmo, é um conhecimento transformador (2 Co 3.18). O mesmo Espírito que ilumina a mente inspira inclinações graciosas para a vontade e as afeições e infunde vigor ao homem inteiro. Como um homem gracioso julga como ele julgaria, assim tende a julgar, e julga como ele julga. Sua vida é um comentário sobre seu homem interior. Há uma doce harmonia entre a verdade de Deus, seu julgamento e suas relações inteiras.

COMO CRISTO NOS GOVERNA

O coração de um cristão é como Jerusalém quando estava em seu auge, uma cidade compacta em si mesma (Sl 122.3, ARA), onde estão os tronos do juízo (Sl 122.5). O julgamento deve ter um trono no coração de todo cristão. Não que o juízo sozinho operará uma transformação. Deve haver graça para alterar o pendor e domínio do querer antes que ele ceda para ser trabalhado pelo entendimento. Mas Deus tão juntamente reuniu esses que, sempre que ele resplandece salvificamente sobre o entendimento, ele produz um coração brando e flexível. Pois, sem uma obra no coração pelo Espírito de Deus, ele seguirá sua inclinação àquilo que ele ama, seja o que for que o julgamento diga em contrário. Não há proporção natural alguma entre um coração não santificado e um juízo santificado. Pois o coração inalterado não dá permissão ao julgamento, de maneira fria e sóbria, concluir o que é melhor, como um homem enfermo, enquanto sua doença febril corrompe seu paladar, prefere antes agradar a esse a escutar ao que o médico possa dizer. O juízo não tem poder algum sobre si mesmo, onde a vontade não está submetida, pois ela e as afeições o subornam para lhes dar sentença favorável, quando qualquer benefício ou prazer entre em disputa com o que somente o julgamento em geral cuidará ser bom. E, conseqüentemente, na maioria das vezes, está no poder do coração o que o entendimento julgará e determinará nas coisas em particular. Onde a graça subjugou o coração, as paixões desenfreadas não lançam uma névoa tal diante do entendimento que ele não perceba o que é melhor em situações particulares. As considerações vis, brotando do amor próprio, não alteram a situação e não influenciam o julgamento de uma forma contrária; mas

aquilo que é bom em si próprio será bom para nós, ainda que atravesse nossos interesses mundanos particulares.

OS EFEITOS DISSO NA PRÁTICA

A correta compreensão disso tem uma influência sobre a prática, o que me leva a uma mais completa explanação. Essa nos ensinará o método certo da piedade: começar com julgamento e, depois, implorar a Deus, simultaneamente com a iluminação, santas inclinações de nossa vontade e afeições, para que um tão perfeito governo possa ser constituído em nossos corações, e que nosso conhecimento possa ser “em todo julgamento” (Fp 1.9, KJV), isto é, com experiência e sentimento. Quando o julgamento de Cristo é posto em nossos julgamentos, e daí, pelo Espírito de Cristo, introduzido em nossos corações, então ele está em seu lugar e trono apropriados. Até então, a verdade não nos faz bem algum, mas ajuda a nos condenar. A vida de um Cristão é uma vida regular, e aquele que caminha pela regra (Gl 6.16) da nova criatura, a paz estará sobre si. Aquele que despreza o caminho de Deus e ama viver à vontade, visando toda liberdade para a carne, morrerá (Pv 19.16). E isso é confirmado por Paulo: “se viverdes segundo a carne, morrereis” (Rm 8.13).

Aprendemos, outrossim, que os homens de vida mal governada não têm nenhum juízo verdadeiro. Nenhum homem ímpio pode ser um homem sábio. Sem o Espírito de Cristo, a alma está em confusão, sem beleza e forma, como todas as coisas estavam no caos antes da criação. A alma toda está desconjuntada até que seja endireitada outra vez por ele, cujo ofício é restaurar “todas as coisas”. A parte mais baixa da alma, que deve ficar submetida, rege tudo e subjuga o pouco de verdade que existe no entendimento, mantendo-o cativo às afeições vis. E Satanás, pela corrupção, toma todos os porões da alma, até que Cristo, mais forte que ele, venha e o expulse, apossando-se de todos os poderes e partes da alma e do corpo para serem armas de justiça, para servi-lo. Então se torna verdade que “novos senhores, novas leis”. Cristo, como um novo conquistador, muda as leis fundamentais do velho Adão e estabelece um governo próprio, seu.

13. A GRAÇA REINARÁ

A terceira conclusão tirada da parte final do texto é que o governo de Cristo será vitorioso. Vejamos as razões para isso.

POR QUE O REINO DE CRISTO TEM QUE DOMINAR

1. Cristo conquistou tudo em sua pessoa primeiro, e ele é “sobre todos, Deus bendito eternamente” (Rm 9.5) e, por conseguinte, sobre o pecado, a morte, o inferno, Satanás e o mundo. E, como ele os venceu em si mesmo, também ele os vence em nossos corações e consciências. Geralmente dizemos que a consciência torna um homem augusto ou desprezível, porque é implantada em nós para julgar por Deus, seja a nosso favor ou contra nós. Ora, se a consciência natural é tão forte, o que será ela quando, além da sua própria luz, tiver a luz da verdade divina introduzida? Indubitavelmente prevalecerá, seja para fazer com que ergamos nossas cabeças com audácia ou nos humilhemos debaixo de nós mesmos. Se ela se sujeita, pela graça, à verdade de Cristo, então encara ousadamente a morte, o inferno, o juízo e todos os inimigos espirituais, porque então Cristo estabelece seu reino na consciência e a torna uma espécie de paraíso.

O mais agudo conflito que a alma tem é entre a consciência e a justiça de Deus. Ora, se a consciência, espargida com o sangue de Cristo, prevalece sobre os ataques vindos da justiça divina, agora satisfeita por Cristo, ela prevalecerá sobre quaisquer outras oposições.

2. Temos de encarar inimigos amaldiçoados e condenados para a eternidade; por conseguinte, se eles começam a cair diante do Espírito em nós, eles cairão. Se eles se levantarem outra vez, é para terem queda maior.

3. O Espírito de verdade, cuja guarda Cristo delegou à sua igreja, e a verdade do Espírito, que é o cetro de Cristo, duram para sempre; portanto, a alma gerada pela semente imortal do Espírito (1 Pe 1.23), e essa verdade, deve não só viver para sempre, mas também prevalecer sobre todos que a ela se oponham, pois tanto a Palavra quanto o Espírito são poderosos em efeito (Hb 4.12). E, se o espírito mal nunca está ocioso naqueles a quem Deus resgatou para si, não podemos pensar que o Espírito Santo ficará ocioso naqueles cuja liderança e governo estão confiados a ele. Ora, assim como mora neles, também ele desalojará tudo que se insurja contra si, até que ele seja tudo em todos.

O que é espiritual é eterno. A verdade é um raio de luz do Espírito de Cristo, tanto em si mesma quanto gravada na alma. Por isso ela, e a graça por ela operada, ainda que pouca, prevalecerá. Uma coisa pequena na mão

de um gigante fará grandes coisas. Uma pequena fé fortalecida por Cristo operará maravilhas.

4. “A qualquer que tiver será dado” (Mt 25.29). A vitória sobre a corrupção ou a tentação é um penhor da vitória final. Como disse Josué quando pôs seu pé sobre os cinco reis que conquistou: “Assim fará o Senhor a todos os vossos inimigos” (Js 10.25). O céu já é nosso, apenas lutamos até que tomemos plena posse dele.

5. Como rei, Cristo introduz uma luz dominante na alma, curva o pescoço e molifica o tendão de ferro do homem interior; e onde ele começa a reger, ele rege para sempre, “e o seu reino não terá fim” (Lc 1.33).

6. O propósito da vinda de Cristo foi destruir as obras do diabo, tanto por nós quanto em nós; e o propósito da ressurreição foi tanto selar para nós a certeza de sua vitória, como também (1) vivificar nossas almas da morte no pecado; (2) livrar nossas almas de tais armadilhas e tristezas da morte espiritual que acompanham a culpa do pecado; (3) fazer com que essas fiquem mais consoláveis, tal como o sol que irrompe mais gloriosamente de uma espessa nuvem; (4) fazer-nos ficar mais fortes dos deslizes e falhas particulares; (5) reviver-nos de todas as condições incômodas e escuras dessa vida; e (6) por fim, levantar nossos corpos da poeira. Pois o mesmo poder que o Espírito exibiu ao ressuscitar a Cristo, nossa Cabeça, das ânsias da morte e do mais baixo grau de seu aviltamento, esse poder, obtido de Deus pela morte de Cristo, agora propiciado por aquele sacrifício, o Espírito mostrará na igreja, que é seu corpo, e em todo membro particular.

E esse poder é trazido pela fé, pela qual, após a união com Cristo em ambos os estados de humilhação e exaltação dele, vemos nós mesmos, não apenas mortos com Cristo, mas elevados e assentados junto com ele nos lugares celestiais (Ef 2.6). Ora, nós, entendendo que estamos mortos e levantados e, portanto, vitoriosos sobre todos os nossos inimigos em nossa Cabeça, e entendendo que seu escopo em tudo isso é nos conformar a si mesmo, somos por tal fé transformados em sua imagem (2 Co 3.18), e assim somos conquistadores sobre todos os nossos inimigos espirituais, assim como ele é, por aquele poder que derivamos dele, que é o depósito de todo vigor espiritual para todo seu povo. Cristo, finalmente, cumprirá seu propósito em nós, e a fé repousa segura disso, e tal segurança é mui operosa, incitando-nos a aliarmos-nos com Cristo em seus intentos.

E assim, quanto à igreja em geral, por Cristo ela terá sua vitória. Cristo é aquela pequena pedra “cortada sem mão” que quebrou em pedaços a enorme imagem (Dn 2.34), isto é, todo governo contrário, até que veio a ser “um grande monte, e encheu toda a terra” (Dn 2.35). De modo que a pedra que foi cortada do monte torna-se um monte mesmo por fim. Quem

és tu então, ó monte, que julgas resistir a esse monte? Tudo ficará achatado e nivelado diante dele.² Ele derribará todos os pensamentos montanhosos, elevados e exaltados, e humilhará o orgulho de toda carne. Quando a palha peleja contra o vento, ou o restolho contra o fogo, quando as patas de trás escoiceiam contra os ferretes, quando o caco do vaso de barro luta contra o oleiro, quando o homem luta contra Deus, é fácil saber qual lado terá a vitória. Os ventos podem sacudir o navio em que Cristo está, mas não o virará. As ondas podem bater contra a rocha, mas elas somente quebrarão a si mesmas contra ela.

POR QUE O INIMIGO PARECE VITORIOSO

Objeção: Se assim é, por que se dá desse modo com a igreja de Deus, e com muitos cristãos graciosos? Pois a vitória parece estar com o inimigo.

Para compreender isso, devemos lembrar, primeiramente, que os filhos de Deus, habitualmente, em suas tribulações, vencem pelo sofrimento. Aqui os cordeiros vencem leões, e pombas, águias, pelo sofrimento, para que nisso eles possam ser passíveis de serem conformados a Cristo, que conquistou mais quando sofreu mais. Junto com o reino de paciência de Cristo houve um reino de poder.

Em segundo lugar, tal vitória dá-se gradualmente e, por isso, são de espírito demasiadamente apressado aqueles que querem triunfar tão logo dêem o primeiro golpe, e estar no fim da corrida logo na primeira partida. Os israelitas estavam certos da vitória em seu percurso a Canaã, todavia, eles tinham de combater. Deus não nos quer que esqueçamos depressa que cruéis inimigos Cristo venceu por nós. “Não os mate, para que o meu povo se não esqueça”, diz o Salmista (Sl 59.11), de modo que, pela experiência daquele dissabor que temos por causa deles, possamos ser mantidos em temor de virmos para debaixo do poder deles.

Em terceiro lugar, Deus amiúde opera pelos opostos: quando ele pretender dar vitória, permitirá que sejamos inicialmente derrotados; quando pretender consolar, primeiramente apavorará; quando pretender justificar, primeiro condenar-nos-á; quando pretender nos tornar gloriosos, humilhar-nos-á no início. Um cristão conquista, mesmo quando é conquistado. Quando é conquistado por alguns pecados, ele obtém vitória sobre outros mais perigosos, tais como orgulho e segurança espirituais.

Em quarto lugar, a obra de Cristo, tanto na igreja quanto nos corações dos cristãos, freqüentemente vai para trás para que possa ir para frente melhor. Como a semente estraga no chão no período do inverno, mas depois surge melhor, e quanto mais rigoroso o inverno mais florescente a

² Alusão a Isaías 40.3 (N. do T.)

primavera, também aprendemos a ficar de pé pelas quedas, e a nos revigorar pela fraqueza descoberta: *virtutis custos infirmitas* (a fraqueza é a guardiã da virtude). Enraizamo-nos mais profundamente pelo chacoalhar. E, como as tochas se inflamam mais brilhantemente ao se moverem, assim agrada a Cristo, de sua liberdade, dessa maneira manter seu governo em nós. Que labutemos nisso para exercitar nossa fé, para que possa ela corresponder ao jeito de Cristo tratar conosco. Quando malograrmos, creiamos que venceremos; quando tivermos caído, creiamos que nos ergueremos outra vez. Jacó, após receber uma pancada que o deixou coxo, todavia, não cessou da pugna (Gn 32.25) até que obtivesse a bênção. Assim, que nunca desistamos, porém, em nossos pensamentos, teçamos o princípio, progresso e fim juntamente e, então, ver-nos-emos no céu fora do alcance de todos os inimigos. Que nos asseguremos de que a graça de Deus, mesmo em seu estado imperfeito, é mais forte do que o livre arbítrio do homem no estado de perfeição original. Ela está ora fundada em Cristo, o qual, assim como é autor, também é consumidor de nossa fé (Hb 12.2). Nós estamos sob um mais gracioso concerto.

O que alguns dizem da fé arraigada, *fides radicata*, que ela continua, enquanto a fraca pode resultar em nada, parece ser contraditado por essa Escritura; pois, assim como a fé mais forte pode ser abalada, também a mais fraca, onde há a verdade, é de longe tão enraizada que prevalecerá. A fraqueza com vigilância se sustém, enquanto a força com demasiada confiança fracassa. A fraqueza, com o reconhecimento de si, é o mais adequado lugar e sujeito para Deus nela aperfeiçoar sua força; pois a consciência das nossas fraquezas nos leva de nós mesmos para ele, em quem jaz nossa força.

Disso se segue que a fraqueza pode ser coerente com a certeza da salvação. Os discípulos, não obstante todas as suas fraquezas, são ordenados a se regozijarem por seus nomes estarem escritos no céu (Lc 10.20). Os fracassos, com conflito, na santificação não devem enfraquecer a paz de nossa justificação e certeza de salvação. Não importa tanto que maldade existe em nós, quanto o que é bom; não quais corrupções, mas como as reputamos; não o que nossos fracassos particulares são tanto quanto o fio e o teor de nossas vidas são, pois a aversão de Cristo àquilo que está errado em nós não se torna em ódio por nossas pessoas, mas na vitoriosa submissão de todas as nossas debilidades.

Alguns, após o conflito, maravilham-se da bondade de Deus, que uma tão pequena e tremante fé os tenha sustentado em tão grandes combates, quando Satanás os havia quase capturado. E, realmente, é de se maravilhar que quão pequena graça prevaleça com Deus para aceitação, e sobre nossos

inimigos para vitória, se o coração for reto. Tal é a bondade de nosso doce Salvador, que se deleita até mostrar sua força em nossa fraqueza.

CONSOLO PARA OS CRISTÃOS FRACOS

O primeiro emprego disso é para a grande consolação dos cristãos pobres e fracos. Que saibam que uma centelha do céu, ainda que acesa embaixo de lenho verde que estrala e fuma, todavia, no final será de todo consumido. O amor, uma vez aceso, é forte como a morte. As muitas águas não podem apagá-lo e, por conseguinte, ele é denominado uma chama veemente,³ ou chama de Deus (Cantares de Salomão 8.6), acendida no coração pelo Espírito Santo. Aquele pouco que está em nós é alimentado com uma fonte eterna. Como o fogo que desceu do céu no tempo de Elias (1 Rs 18.38) lambeu toda a água, para mostrar que veio de Deus, assim tal fogo consumirá toda nossa corrupção. Nenhuma aflição exterior ou corrupção interior apaga-lo-á. Pela manhã amiúde vemos nuvens juntarem-se em redor do sol, como se o ocultassem, mas o sol as vence pouco a pouco, até atingir sua plena força. Inicialmente, receios e dúvidas impedem a irrupção desse fogo, até que finalmente fique acima de todos eles, e Cristo prevaleça. E então ele sustenta suas graças em nós. A graça nos conquista primeiro, e nós, por ela, conquistamos tudo o mais; seja corrupções dentro de nós, seja tentações fora de nós.

A igreja de Cristo, gerada pela Palavra da verdade, tem a doutrina dos apóstolos por sua coroa, e calca a lua, isto é, o mundo e todas as coisas mundanas, “debaixo dos seus pés” (Ap 12.1). Todo aquele que é “nascido de Deus vence o mundo” (1.ª de João 5.4). A fé, por meio da qual Cristo particularmente governa, eleva tanto a alma que despreza todas as outras coisas por serem mui baixas, havendo representado para si, pelo Espírito de Cristo, riquezas, glória, beleza e prazeres de uma natureza mais alta.

EVIDÊNCIAS DA REGRA DE CRISTO EM NÓS

Ora, para que não fiquemos aquém do consolo pretendido, há duas coisas em especial para serem notadas por nós: primeiramente, se há um juízo ou governo tal estabelecido em nós, a quem tal promessa de vitória é feita e, em segundo lugar, como devemos nos conduzir de modo a que o julgamento de Cristo em nós possa realmente ser vitorioso.

As provas pelas quais vimos a conhecer que o juízo de Cristo em nós é tal que será vitorioso são:

1. Sendo pela experiência capazes de justificar todos os caminhos de Cristo, digam a carne e o sangue o que puderem dizer em contrário, e de

³ Na tradução da *King James Version* (N. do T.)

bom grado aderir àquele curso que Deus adotou em Cristo para nos trazer ao céu, aprovando ainda uma medida adicional de graça em relação àquela que atingimos, e por ela fazendo projetos e planos. Nenhum outro homem pode justificar seus caminhos, quando sua consciência é despertada.

2. Tendo conosco as razões de religião as mais fortes das razões, predominando mais do que as trazidas da atitude mundana.

3. Sendo tão verdadeiros aos nossos objetivos e firmes à nossa regra para que nenhuma expectativa ou medo possa nos distrair de outro modo, mas ainda nos inquirindo sobre o que concorda ou discorda da nossa regra.

4. Sendo capazes a nada fazer “contra a verdade, senão pela verdade” (2 Co 13.8), a verdade nos sendo mais cara a nós que as nossas vidas. A verdade não tem tal soberania no coração de qualquer homem carnal.

5. Caso tenhamos liberdade para escolher debaixo de que governo viver, de um deleite no homem interior ao governo de Cristo, escolhendo a ele é para nos governar antes de qualquer outro. Isso indica que somos da mesma mente de Cristo, um povo livre e voluntário, e não compelido ao serviço de Cristo por nenhuma outra forma que não pela doce compulsão do amor. Quando estamos de longe mui satisfeitos com o governo do Espírito de Cristo que ficamos dispostos a renunciar a si próprios para ele em todas as coisas, então seu reino é vindo a nós, e nossas vontades são trazidas à vontade dele. É o pendor de nossas vontades que nos torna bons ou maus.

6. Tendo uma vida bem ordenada e uniforme, não consistindo de trancos e barrancos, demonstra um coração bem ordenado; como em um relógio, quando o gongo dá as badaladas satisfatoriamente, e o ponteiro do mostrador aponta da maneira devida, é um sinal de que as engrenagens estão corretamente instaladas.

7. Quando a vontade de Cristo entra em competição com qualquer perda ou ganho terreno, e mesmo assim, nesse caso em particular, tendo o coração desejoso de se rebaixar a Cristo, é um sinal autêntico; pois a prova mais verdadeira do poder da graça é em casos especiais que nos tocam mais de perto, pois ali nossa corrupção faz o maior progresso. Quando Cristo foi ao âmago com o mancebo no evangelho, ele perdeu um discípulo (Mt 19.22).

8. Sendo aptos a praticar obrigações que agradem a Cristo, conquanto opostas à carne e ao curso do mundo, e aptos a vencer a nós mesmos naquele mal ao qual nossa natureza está propensa e permanece tão inclinada, e que concorda com a paixão dominante dos tempos, sob a qual outros estão cativados, tal como desejo de vingança, ódio aos inimigos,

objetivos particulares etc., isso mostra que a graça em nós está acima da natureza, o céu acima da terra, e a vontade tem a vitória.

Para tornar isso mais claro, e nos ajudar em nossa provação, devemos saber que há três graus de vitória: primeiro, quando resistimos ainda que estejamos derrotados; segundo, quando a graça logra o seu melhor, embora com conflito; e terceiro, quando toda corrupção é perfeitamente submetida. Quando temos vigor apenas para resistir, podemos saber que o governo de Cristo em nós será vitorioso, porque o que é dito do diabo é verdadeiro sobre todos os nossos inimigos espirituais: “Resisti ao diabo, e ele fugirá de vós” (Tg 4.7); porque “maior é o que está em vós”, que toma parte de sua graça, “do que o que está no mundo” (1.^a de João 4.4). E, se podemos esperar por vitória da simples resistência, o que não podemos esperar quando o Espírito venceu a disputa?

14. MEIOS PARA TORNAR A GRAÇA VITORIOSA

Quanto a instruções sobre como temos de nos conduzir para que o juízo de Cristo em nós possa ser deveras vitorioso, devemos conhecer que, conquanto Cristo se tenha incumbido de tal vitória, todavia, ele a realiza treinando-nos para lutar as batalhas dele. Ele vence em nós fazendo-nos “sábio [s] para a salvação” (2 Tm 3.15); e, na medida em que cremos que Cristo conquistará, esforçar-nos-emos pela sua graça para podermos conquistar, pois a fé é uma graça obediente e sábia. Cristo nos faz sábios para ponderar e sopesar as coisas, e classificá-las e ordená-las de acordo, de modo que possamos fazer a escolha mais apropriada do que é melhor. Estas são algumas regras para nos ajudar no julgamento:

REGRAS PARA O RETO JULGAMENTO

Devemos julgar as coisas quanto a se ajudam ou embaraçam nosso propósito principal; se promovem ou estorvam nosso julgamento; se nos fazem mais ou menos espiritual, e desse modo nos trazem mais para perto da fonte de bondade, Deus mesmo; se no final nos trazem paz ou tristeza; se nos recomenda mais ou menos a Deus, e se são a coisa na qual nós mais nos aprovaremos para com ele. Devemos também julgar as coisas agora como faremos daqui em diante quando a alma estiver melhor para julgar, como quando estivermos sob qualquer calamidade pública, ou na hora da morte, quando a alma se recolhe de todas as outras coisas para si mesma. Devemos olhar de volta à experiência anterior e ver o que lhe é mais agradável, e o que foi melhor em nossos piores períodos. Se a graça é ou foi melhor então, é melhor agora. Devemos também trabalhar para julgar as coisas como aquele que deve nos julgar, e como os santos homens guiados pelo Espírito julgam. Mais particularmente, devemos julgar em conformidade com aqueles que julgam sem ter interesse algum em qualquer benefício que possa advir da coisa em questão; pois coisas externas cegam os olhos até dos sábios. Vemos que os papistas são mais corruptos naquelas coisas onde a honra, a comodidade ou o lucro deles esteja envolvido; porém, na doutrina da Trindade, que não toca em tais coisas, eles são sádios. Porém, não é suficiente que o julgamento seja reto. Ele também deve ser pronto e forte.

MANTENDO O NOSSO JULGAMENTO PURO

1. Onde Cristo estabelece seu governo, ele inspira cuidado para conservar o juízo puro e são, pois enquanto que o julgamento permanece honesto e firme, a disposição inteira da alma continua forte e inexpugnável. O julgamento verdadeiro em nós antecipa a Cristo, e Cristo antecipa-lo-á. Todo pecado ou é oriundo de falsos princípios, ou de ignorância, ou de falta

de reflexão, ou de descrença do que é verdadeiro. Por falta de consideração e fraqueza de assentimento, Eva perdeu sua segurança no começo (Gn 3.6). É bom, por isso, armazenar princípios verdadeiros em nossos corações, e renová-los com frequência, para que, em virtude deles, nossos afetos e ações possam ser mais vigorosos. Quando o juízo é fortalecido, o mal não acha nenhuma entrada, mas as boas coisas têm uma parte dentro de nós para acolhê-los. Enquanto a verdadeira luz que convence continuar, não faremos o menor mal pecaminoso para o maior mal punitivo. “Debalde se estenderia a rede perante os olhos de qualquer ave” (Pv 1.17). Enquanto a alma for mantida em cima, há pouco perigo de ciladas embaixo. Precisamos perder nossa alta estima das coisas antes que possamos ser arrastados a algum pecado.

2. E porque o conhecimento e a afeição se ajudam mutuamente, é bom cultivar nossos afetos de amor e deleitar-se por todos os doces incentivos e encorajamentos divinos; pois o que o coração mais gosta, a mente estuda mais. Aqueles que podem levar seus corações a deleitar-se em Cristo conhecem mais de seus caminhos. A sabedoria ama aquele que a ama.⁴ O amor é o que mais nutre a verdade; e quando não é nutrida no amor a ela (2 Ts 2.10), fagueira como é, ela deixa o coração, e não mais permanecerá. É um meio bem sucedido de corromper o julgamento, começar por retirar amor, porque, como amamos, assim tendemos a julgar. E, por conseguinte, é duro ser afetuoso e sábio nas coisas terrenas. Mas, nas coisas celestiais, onde há um correto esclarecimento do julgamento antes, quanto mais nossas afeições crescem, melhor e mais puros serão nossos juízos, porque nossas afeições, embora fortes, jamais podem se elevar alto o bastante para alcançar a excelência das coisas. Vemos nos mártires, quando a doce doutrina de Cristo tinha uma vez ganho seus corações, que ela não podia ser removida novamente por todos os tormentos que o engenho da crueldade podia inventar. Uma vez que Cristo tem possuído as afeições, não é desalojado dele outra vez. Um fogo no coração sobrepuja todos os fogos de fora.

3. A sabedoria também ensina-nos onde jaz nossas fraquezas, e a força de nosso inimigo. Por tais meios um temor zeloso é incitado em nós, pelo qual somos preservados; pois desse piedoso ciúme abtemo-nos daqueles reptos, que são ativos e operantes, daquilo que é passivo e sedutor em nós, como afastamos o fogo da pólvora. Aqueles que desejam impedir a geração de criaturas prejudiciais primeiramente impedirão a concepção, conservando afastados macho e fêmea. Esse zeloso cuidado será mais promovido observando estritamente o que ajuda ou estorva um temperamento gracioso em nós, e fará com que tomemos cuidado para que

⁴ Pv 8.17. (N. do T.)

não consultemos a carne e o sangue ⁵ em nós mesmos ou em outros. De outra forma, como podemos achar que Cristo nos conduzirá à vitória, quando tomamos conselho com os inimigos dele e nossos?

4. Cristo também nos torna vigilantes para usar todos os expedientes pelos quais pensamentos e afeições renovados possam ser estimulados e preservados em nós. Cristo tanto honra o uso dos recursos, e o cuidado que ele concede a nós, que imputa ambas preservação e vitória ao nosso cuidado em conservar a nós mesmos. “O que de Deus é gerado conserva-se a si mesmo” (1.^a de João 5.18), ainda que não por si mesmo, mas pelo Senhor, na dependência dele, no emprego dos meios. Só estamos salvos quando sabiamente fazemos uso de todas as boas vantagens a que temos acesso. Ao sair dos caminhos de Deus, estamos saindo de seu governo, e assim perdemos nossa boa disposição de mente, e nos descobrimos rapidamente dominados com uma disposição oposta. Quando nos achegamos a Cristo (Tg 4.8), em suas ordenanças, ele se achega a nós.

5. Devemos manter a graça em exercício. Não são hábitos adormecidos, mas a graça em exercício que nos preserva. Enquanto a alma estiver em algum emprego secular ou sagrado, as corrupções dentro de nós ficam mui suprimidas, e os meios de Satanás se aproximar de nós são interrompidos. O Espírito então tem um caminho aberto para estender a sua influência em nós, e semelhantemente a proteção dos anjos fica então mais perto de nós. Esse curso sempre prevalece mais contra nossos inimigos espirituais do que a oposição direta. Cristo está comprometido a manter em honra aqueles que estão em sua obra.

6. Seguindo todas essas instruções, devemos olhar para Cristo, o Espírito vivificador, e fazer nossas resoluções em seu poder. Ainda que sejamos exortados a nos apegar ao Senhor com pleno propósito de coração (At 11.23), todavia precisamos orar com Davi: “Conserva isto para sempre no intento dos pensamentos do coração de teu povo, e encaminha o seu coração para ti” (1 Cr 29.18). Nossos corações, de si mesmos, são muito frouxos e inconstantes. “Une o meu coração ao temor do teu nome” (Sl 86.11), ou então, sem ele, nossos melhores intentos cairão por terra. É uma agradável solicitação, vinda do amor a Deus, rogar por uma tal disposição de mente, para que ele possa nela se deleitar; e por isso, no uso de todos os expedientes, devemos remeter a ele nossos desejos e queixas por vigor e ajuda, e depois podemos estar certo de que ele “enviará juízo para vitória”.⁶

7. Por último, ele ajuda o estado da alma para saber em qual disposição ela está, para que assim possamos ordenar nossas almas em conformidade. Devemos sempre estar aptos para a comunhão com Deus, e a

⁵ Mt 16.17. (N. do T.)

⁶ Mt 12.20, KJV. (N. do T.)

ser celestialmente dispostos nos negócios terrenos, e a estar desejosos a ser dele retirados para remir o tempo⁷ por coisas melhores. Devemos estar prontos em todo tempo para partir daqui, e a viver em uma condição tal que fiquemos contentes de nela morrer. Devemos ter corações preparados para todo bom dever, aberto a todas as boas oportunidades, e fechados a todas as tentações, mantendo nossa guarda, e estando sempre prontamente armados. Na medida em que não alcançamos essas coisas, nós temos justa causa para ficarmos humilhados e, todavia, insistir em avançar, para ganhar mais sobre nós mesmos, e tornarmos tais coisas mais familiares e amáveis para nós. E, quando descobrimos nossas almas de todo declinantes, é melhor erguê-las imediatamente por algumas meditações estimulantes, tais como as da presença de Deus, do exigente conceito que temos que fazer de nós mesmos, do infinito amor de Deus em Cristo e dos seus frutos, da excelência de uma vocação cristã, do curto e incerto tempo dessa vida, de quão pouco bem todas aquelas coisas que roubam nossos corações farão em breve, e de como será para sempre conosco no futuro, enquanto passamos esse curto período bem ou mal. Quanto mais abrimos caminho para tais considerações nelas mergulharem nossos corações, mais nos alçaremos àquele estado de alma que gozaremos no céu. Quando nos tornamos negligentes em conservar nossas almas, então o Senhor recupera nosso gosto pelas boas coisas novamente por cruces ásperas. Desse modo Davi, Salomão e Sansão foram recuperados. Esse gosto das coisas boas é muito mais fácil de se manter do que de ser recuperado.

RAZÕES PARA A APARENTE FALTA DE PROGRESSO

Objeção: Mas, não obstante minha luta, pareço permanecer estático.

1. A graça, como a semente na parábola, cresce, não sabemos como. Todavia, por fim, quando Deus entende mais apropriado, perceberemos que todo nosso esforço não foi em vão. A árvore cai no último golpe, todavia, todos os golpes ajudam o trabalho a avançar.

2. Algumas vezes a vitória é interrompida porque algum Acã não é encontrado, ou porque não somos humildes o bastante, como Israel teve o pior contra os benjamitas até que jejuasse e orasse (Jz 20.26); ou porque traímos nossos auxílios, e não ficamos de guarda, e não cedemos logo às moções do Espírito, que põe em nossas mentes sempre as melhores coisas, se considerarmos sua sugestão. Nossas consciências nos contarão, se lhes dermos trela para falar, que algum favorecimento pecaminoso de nós próprios é a causa. A maneira de prevalecer nesse caso é, primeiramente, obter a vitória sobre o orgulho da nossa natureza envergonhando-nos de nós mesmos, em humilde confissão a Deus; e então, em segundo lugar,

⁷ Ef 5.16. (N. do T.)

vencer a descrença de nossos corações sujeitando-nos à promessa de perdão; e depois, em terceiro lugar, confiando na assistência de Cristo, colocarmo-nos contra aqueles pecados que têm dominado sobre nós. Prevalecendo assim sobre nós próprios, facilmente sobrepujaremos todos os nossos inimigos, e conquistaremos todas as condições em que seremos introduzidos.

TODOS DEVEM ADERIR A CRISTO

O segundo uso da verdade que Cristo terá a vitória é firmar o fato de que o melhor rumo para as nações e os estados é beijar “o Filho” (Sl 2.12), e abraçar a Cristo e sua religião; tomar partido de Cristo, e concordar com sua causa no mundo. Seu partido provar-se-á o mais forte partido no final. Felizes somos se Cristo nos honra tanto que emprega nossa ajuda para lutar sua batalha “contra os poderosos” (Jz 5.23, KJV). A verdadeira religião em um estado é como a coluna principal de uma casa e a estaca de uma tenda, as quais sustentam-nas todas. Assim também para as famílias, que Cristo seja o principal governante da família. E que cada um seja como uma casa de Cristo, para ele nele habitar com familiaridade e governá-lo. Onde Cristo está, toda a felicidade deve se seguir. Se Cristo for, tudo irá. Onde o governo de Cristo, em suas ordenanças e Espírito está, ali todo governo subordinado prosperará. A religião inspira vida e graça em todas as outras coisas. Todas as outras virtudes sem ela são senão como um belo retrato sem uma cabeça. Onde as leis de Cristo estão escritas no coração, ali todas as outras boas leis são mais bem obedecidas. Ninguém despreza a lei do homem a não ser aqueles que desprezam primeiro a Cristo. *Nemo humanam auctoritatem contemnit, nisi qui divinam prius contempsit* (Ninguém despreza a autoridade humana sem que primeiro despreze a divina). De todas as pessoas, um homem guiado por Cristo é a melhor; e de todas as criaturas no mundo, um homem guiado meramente pela vontade e pela afeição, próximo ao diabo, é a pior. A felicidade das coisas mais fracas reside em ser governadas pelas mais fortes. É melhor para um homem cego ser guiado por ele do que ter vista. É melhor para as ovelhas, e outras criaturas débeis, serem guiadas pelo homem. E é mais feliz para o homem ser guiado por Cristo, porque seu governo é tão vitorioso que nos liberta do medo e do perigo de nossos maiores inimigos, e tende a nos trazer à felicidade maior do que o que a nossa natureza é capaz. Isto deve nos fazer jubilar, quando Cristo reina em nós. Quando Salomão foi coroado, o povo regozijou-se de modo que a cidade se alvoroçou (1 Reis 1.45). Muito mais devemos nos regozijar em Cristo, nosso rei.

E da mesma maneira para aqueles cujas almas são caras a nós, nosso esforço deve ser para que Cristo possa reinar neles também, que eles possam ser batizados por Cristo com esse fogo (Mt 3.11), para que tais

centelhas possam ser acendidas neles. Os homens labutam para acalentar o espírito e o ânimo, como eles denominam, daqueles que eles treinam, porque pensam que farão uso disso nos diversos negócios e problemas dessa vida. Ó, que acalentemos apenas as centelhas de graça neles; pois um espírito natural nas grandes tribulações fracassará, mas tais centelhas torná-los-ão conquistadores sobre os maiores males.

O terceiro uso da verdade da vitória de Cristo é observar que, se o julgamento de Cristo for vitorioso, então o papismo, sendo uma estrutura contrária, estabelecida pela sabedoria do homem para manter imponente frivolidade, deve cair. E já está caído nos corações daqueles em quem a luz de Cristo brilhou. É uma mentira, e fundado sobre uma mentira, sobre o infalível juízo de um homem sujeito ao pecado e ao erro. Quando aquilo que é confundido por um princípio de verdade se torna um princípio de erro, quanto mais confiança nele, mais perigo há.

15. O PÚBLICO TRIUNFO DE CRISTO

Não é somente dito que o juízo será vitorioso, mas que Cristo o trará com manifesta vitória.⁸ Disso observamos que a graça tornar-se-á em glória e aparecerá à vista de todos. Agora Cristo conquista, e logra seus objetivos, mas ele assim age, até certo ponto, de modo invisível. Seus inimigos em e fora de nós parecem prevalecer. Mas ele com vitória trará julgamento, à plena vista de todos. Os ímpios que ora fecham seus olhos para isso vê-lo-ão para tormento deles. Não estará no poder dos homens astutos ver ou não ver o que desejam. Cristo terá poder sobre seus corações; e, assim como sua ira imediatamente apoderar-se-á de suas almas contra suas vontades, também ele terá poder sobre os olhos de suas almas, para que eles possam ver e conhecer o que aumentará a miséria deles. A dor prender-se-á a todos os seus sentidos, e seus sentidos, à dor.

Então, todos os falsos vernizes de que eles revestem as coisas será tirado. Os homens são desejosos de ter a reputação de bons e, não obstante, a doçura do mal; nada é tão de coração oposto por eles como aquela verdade que os põe escancarados a si mesmos e aos olhos dos outros, a principal precaução deles sendo como enganar o mundo e suas próprias consciências. Porém, virá o tempo em que serão tirados de seu paraíso de tolo, e quanto mais astuta tiver sido a manipulação das coisas, mais será a sua vergonha.

A GLÓRIA EVIDENTE DE CRISTO EM SEUS MEMBROS

Cristo, a quem Deus elegeu para expor a principal glória de suas excelências, está agora encoberto em relação a seu corpo, a igreja, mas em breve virá para ser glorioso em seus santos (2 Ts 1.10), e não deixar passar a manifestação clara de todos os seus atributos. Ele declarará a todo o mundo o que ele é, e então não haverá glória alguma senão aquela de Cristo e sua esposa. Aqueles que atualmente são como pavios que fumegam brilharão então como o sol no firmamento (Mt 13.43), e o julgamento deles será manifesto como ao meio-dia (Sl 37.6).

A imagem de Deus em Adão tinha uma majestade dominante em si, de modo que todas as criaturas o reverenciavam. Muito mais a imagem de Deus em sua perfeição exigirá respeito de todos. Mesmo agora há um secreto terror posto dentro dos corações dos maiorais para com aqueles em quem vêem alguma graça brilhar. Foi assim que Herodes temeu João Batista; mas o que será isso no dia de sua manifestação, a qual é chamada “a manifestação dos filhos de Deus” (Rm 8.19)?

⁸ Is 42.1,3. Também Sl 37.6 e Mq 7.9. (N. do T.)

Haverá tempos mais gloriosos, quando os reinos deste mundo forem os reinos de nosso Senhor e de seu Cristo (Ap 11.15), e ele reinará para sempre. Então o juízo e a verdade terão a sua vitória. Então Cristo pleiteará sua causa. A verdade não mais será chamada heresia e cisma, nem heresia a doutrina católica.⁹ A impiedade não mais ficará mascarada e disfarçada. A bondade aparecerá em seu próprio esplendor, e brilhará em todos os seus raios. As coisas serão o que são, “porque nada há encoberto que não haja de revelar-se” (Mt 10.26).

A iniquidade não mais prosseguirá oculta em mistério. Hipócritas sagazes, que pensam esconder seus conselhos do Senhor, não mais caminharão invisíveis como nas brumas. Assim como Cristo não apagará a menor fagulha acesa por si mesmo, também ele molhará a mais bela flama das belas aparências que não são de cima.

SIGA A SINCERIDADE E A VERDADE

Se isso fosse crido, os homens dariam mais demonstração de sinceridade, a qual, sozinha, outorgar-nos-á ousadia, e não procurará por capas para sua vergonha, a confiança na qual, assim como faz dos homens agora mais presunçosos, também os exporá no futuro à maior vergonha.

Se o juízo será trazido com vitória, então aqueles que têm sido governados por seus enganosos corações¹⁰ e por um espírito de erro¹¹ serão trazidos à desgraça. O Deus que honrosamente juntou graça e verdade,¹² juntou pecado e vergonha no fim. Toda a inteligência e o poder do homem não serão capazes de separar o que Deus juntamente ligou. A verdade e a piedade podem ser calcadas por um tempo, mas tal como as duas testemunhas (Ap 11.11), após serem assassinadas, ressuscitaram, e ficaram em pé, assim também tudo o que é de Deus no fim ficará de pé sobre seu alicerce. Haverá uma ressurreição, não somente de corpos, mas de reputações. Podemos nós pensar que aquele que arrojou os anjos do céu permitirá pó e comida de vermes para seguir um rumo contrário, e para continuar assim para sempre? Não, tão verdadeiramente quanto Cristo é “Rei dos reis e Senhor dos senhores” (Ap 19.16), também ele esmigalhará todas aquelas partes da terra que se levantarem contra ele “como a um vaso de oleiro” (Sl 2.9). Existiu alguém sempre feroz contra Deus que prosperou (Jó 9.4)? Não, indubitavelmente a cólera do homem redundará em louvor de Cristo (Sl 76.10). O que foi dito de Faraó será dito de todos os inimigos capitosos, que preferem antes perder suas almas a suas vontades, que

⁹ Católica no sentido de universal, que é a verdadeira significação original desse termo vindo do grego. (N. do T.)

¹⁰ Jr 17.9. (N. do T.)

¹¹ 1 Jo 4.6. (N. do T.)

¹² Jo 1.14, 17. (N. do T.)

apenas são levantados por Cristo para obter glória para si próprio na confusão deles.

Tomemos cuidado, então, para que não sigamos os caminhos daqueles homens cujos fins nos causam estremecimento. Não há um julgamento mais temível que possa suceder à natureza do homem do que ser dado a um réprobo julgamento de pessoas e coisas, posto que está sob desgraça: “Ai dos que ao mal chamam bem, e ao bem mal” (Is 5.20).

Quão carregados de maldições serão um dia aqueles que abusam do julgamento de outros por sofisma e lisonja, “enganando e sendo enganados” (2 Tm 3.13)? Então a queixa de nossa primeira mãe Eva será adotada, mas infrutiferamente: “A serpente me enganou” (Gn 3.13); Satanás me ludibriou em tal e tal coisa; o pecado ludibriou-me; um coração tolo ludibriou-me. É um dos pontos mais altos da sabedoria considerar sobre que base arriscamos nossas almas. Serão homens felizes aqueles que possuem, pela luz de Cristo, um reto juízo das coisas, e aceitam que o julgamento prevaleça sobre seus corações.

As almas da maioria dos homens estão afogadas em seus sentidos, e levadas com opiniões fracas, elevadas por enganos vulgares e sombras das coisas. E Satanás está pronto para aumentar a imaginação do bem e do mal externos, e torná-los maiores do que são, e menores as coisas espirituais, apresentando-os por meio de falsos óculos. E assim os homens, confiando na vaidade, derrotam a si mesmos em suas compreensões. Uma condição lamentável, quando tanto nós quanto aquilo que altamente estimamos juntamente se desvanecerem. E tal será, tão verdadeiramente quanto o juízo de Cristo chegará à vitória; e na proporção em que o vão coração do homem aumentou para conceber um bem maior nas coisas deste mundo do que há, a alma será aumentada para ficar mais a par da miséria quando ela vir seu erro. Essa é a diferença entre um homem piedoso e sábio e um mundano iludido: aquilo que um ora julga ser vão, o outro perceberá ser assim no futuro, quando for tarde demais. Contudo, tal é a vaidade das nossas naturezas, que, ainda que sobremaneira evitemos ser enganados e equivocados nas coisas do presente, todavia, nas maiores questões de todas estamos de bom grado ignorantes e desencaminhados.

SÓ CRISTO FAZ AVANÇAR ESSE GOVERNO

Uma conclusão adicional é esta, que esse governo é estabelecido e apressado por Cristo apenas. Ele traz julgamento com vitória. Lutamos ambos e prevalecemos “na força do seu poder” (Ef 6.10). Nós vencemos pelo Espírito, obtido pelo “sangue do Cordeiro” (Ap 12.11).

É somente ele que instrui nossas mãos para a guerra e nossos dedos para a luta (Sl 144.1). A natureza, visto que corrompida, favorece seu próprio ser, e manter-se-á contra o governo de Cristo. A natureza, simplesmente considerada, não consegue se elevar acima de si própria para ações que sejam espirituais e de uma ordem e natureza mais altas. Por isso, o poder divino de Cristo é necessário para nos carregar acima de toda nossa força, especialmente nos deveres em que nos deparamos com maior oposição; pois ali, não apenas a natureza faltará conosco, mas ainda a graça ordinária, a menos que haja uma provisão mais forte e nova. Ao tomar um fardo que é mais pesado do que o comum, se não houver uma proporção maior de força do que peso, quem dele se encarrega ficará estendido debaixo do fardo; assim, para todo embate forte tem de haver um novo suprimento de força, como no caso de Pedro que, quando foi assaltado com uma mais forte tentação, não estando sustentado e apoiado por uma mão mais forte, malgrado a força anterior, tolamente caiu (Mt 26.69, 74). E, ficando caídos, em nosso reerguer, é Cristo que deve fazer a obra, (1) removendo, ou (2) enfraquecendo, ou (3) suspendendo os empecilhos contrários; e (4) levando adiante o poder de sua graça em nós, a um grau além daquele em que antes caímos. Logo, quando caímos, e pelas quedas somos feridos, vamos a Cristo imediatamente para nos ligar outra vez.

NÃO DEVEMOS OLHAR PARA NÓS MESMOS

Saibamos, por conseguinte, que é perigoso procurar em nós mesmos aquilo que devemos ter de Cristo. Desde a queda, todo nosso vigor jaz nele, como o de Sansão, em seu cabelo (Jz 16.17). Somos apenas agentes subordinados, movendo-nos enquanto somos movidos, e trabalhando enquanto somos primeiro trabalhados, livres até o ponto em que somos libertos, não mais sábios nem mais fortes do que ele nos faz ser para o presente em qualquer coisa de que nos incumbimos. É seu Espírito que atua e vivifica, e aplica aquele conhecimento e força que possuímos, caso contrário, isso malogra e fica sem utilidade em nós. Trabalhamos quando trabalhamos devido a um poder disponível de pronto; portanto, espíritos dependentes são os mais sábios e capazes. Nada é mais forte do que a humildade, que sai de si mesma, ou mais fraco que o orgulho, que repousa sobre seu próprio fundamento. *Frustra nititur qui non innititur* (Luta em vão aquele que não é dependente). E isso deve ser especialmente observado porque, naturalmente, aspiramos a uma espécie de divindade, ao dar início a ações na força de nossas próprias habilidades; ao passo que Cristo diz: “Sem mim”, os apóstolos, que estavam em um estado de graça, “nada” podiam “fazer” (Jo 15.5). Ele não diz, vós podeis fazer um pouco, mas nada. De nós mesmos, quão facilmente somos vencidos! Quão fracos somos para

resistir! Somos como canas agitadas com qualquer vento.¹³ Agitamo-nos ao próprio ruído e pensamento de pobreza, desgraça ou perdas. Nós nos entregamos incontinenti. Não temos poder algum sobre nossos olhos, línguas, pensamentos ou emoções, mas deixamos o pecado entrar e sair. Quão logo somos sobrepujados pelo mal, enquanto deveríamos vencer o mal com o bem.¹⁴ Quantos bons propósitos morrem no nascimento, e não têm vigor nenhum para sair, tudo isso demonstrando que nada somos sem o Espírito de Cristo. Vemos quão fracos os apóstolos eram em si próprios, até que foram capacitados com poder do alto. Pedro foi arrebatado com a fala de uma donzela (Mt 20.69), porém, depois que o Espírito de Cristo desceu sobre eles, quanto mais sofriam, mais ficavam encorajados a sofrer. Suas consolações cresciam com suas tribulações. Por conseguinte, em tudo, especialmente nos conflitos difíceis, que elevemos nossos corações a Cristo, que tem Espírito bastante para nós todos, em todas as nossas necessidades, e digamos com o bom Jeosafá: “Porque em nós não há força... e não sabemos o que faremos; porém os nossos olhos estão postos em ti” (2 Cr 20.12); a batalha em que pelejamos é tua, e o poder pelo qual combatemos precisa ser teu. Se tu não saís conosco, é certo que seremos derrotados. Satanás sabe que nada pode prevalecer contra Cristo, ou contra aqueles que confiam em Seu poder. Por isso, sua diligência é em como nos reter em nós mesmos, e na criatura. Mas devemos trazer sempre isso às nossas mentes, que aquilo que começa em autoconfiança termina em vergonha.

CRISTO FAZ-NOS SENTIR NOSSA DEPENDÊNCIA

A maneira de Cristo trazer julgamento com vitória é deixando-nos perceber uma necessidade de dependência nele. Destarte procedem aqueles abandonos espirituais em que ele freqüentemente nos deixa a nós mesmos, tanto no que diz respeito à graça quanto ao consolo, para que possamos conhecer que a nascente desses está fora de nós mesmos. Destarte é que no monte, ou seja, nas extremidades, Deus é mais visto (Gn 22.14). Destarte é que somos salvos pela graça da fé que nos transporta para fora de nós próprios para confiar em um outro; e a fé opera melhor sozinha, quando tem o menor apoio de fora. Destarte é que amiúde fracassamos em conflitos menores e permanecemos firmes nos maiores, porque nos menores descansamos mais em nós mesmos, nos maiores fugimos à rocha da nossa salvação, que é maior que nós (Sl 61.2). Destarte também é que ficamos mais fortes após as derrotas, posto que a corrupção ocultada, não discernida antes, é agora descoberta, e daí somos levados a lançar mão do perdão misericordioso e do apoio poderoso.

¹³ Mt 11.7. (N. do T.)

¹⁴ Rm 12.21. (N. do T.)

Uma razão principal para tal dispensação é que devemos saber que é Cristo quem dá tanto o querer quanto o fazer,¹⁵ e que, como obra voluntária, conforme seu bom prazer. E, portanto, devemos operar nossa salvação em zeloso temor e tremor (Fp 2.12), para que, pela conduta irreverente e presunçosa, não demos a ele motivo para suspender sua graciosa influência e deixar-nos às trevas de nossos corações.

O TRIUNFO DA GRAÇA

Aqueles que estão sob o governo de Cristo têm o espírito de revelação, pelo qual vêem e sentem um poder divino suave e fortemente habilitando-os a preservar a fé quando sentem o contrário, e a esperar em um estado desesperador, e a amar a Deus debaixo de sinais do descontentamento dele, e a possuir inclinação celestial de mente no meio dos assuntos mundanos e atrações que arrastam para um caminho oposto. Eles sentem um poder preservando a paciência, além de gozo, em meio a motivos de pranto, paz interior em meio a assaltos. Por qual razão, quando atacados por tentação e rodeado de dificuldades, permanecemos firmes, senão por um secreto poder que nos sustenta? Tornar tão pequena graça tão vitoriosa sobre um tão grande volume de corrupção requer um espírito sobre-humano. Isso é como preservar fogo no mar, e ainda uma parte do céu, por assim dizer, no inferno. Aqui sabemos onde obter tal poder, e a quem dar o louvor por esse. E é nossa felicidade que esteja tão seguramente escondido em Cristo como Seu, em alguém tão próximo a Deus e a nós. Desde a queda, Deus não confia a nós a nossa salvação, mas ela é tanto adquirida quanto mantida por Cristo para nós, e nós por ela mediante a fé, operada pelo poder de Deus, do qual lançamos mão. Esse poder é gloriosamente apresentado por Paulo: ele é (1) um grande poder; (2) um poder que excede; (3) um poder operante e possante; (4) um poder tal como foi exercido ao ressuscitar a Cristo dos mortos (Ef 1.19, 20). Aquela graça que é senão uma oferta persuasiva e que está em nosso poder receber ou recusar não é a graça que nos leva ao céu. Mas o povo de Deus sente uma poderosa obra do Espírito, não somente revelando-nos nossa miséria e libertação através de Cristo, mas esvaziando-nos de nós próprios, como estando redimidos de nós próprios, e infundindo-nos nova vida, e em seguida nos fortalecendo e avivando quando desfalecemos e nos abatemos, nunca nos deixando até que conquistemos o que é perfeito.¹⁶

¹⁵ Fp 2.13. (N. do T.)

¹⁶ 1 Co 13.10. (N. do T.)

16. DO CONFLITO À VITÓRIA

O texto também sugere que o domínio do governo de Cristo não será sem luta. Não pode haver vitória alguma onde não há combate algum. Em Isaías é dito: “Ele produzirá juízo para verdade” (Is 42.3, KJV). Em Mateus é dito que ele “enviará julgamento para vitória” (Mt 12.20, KJV). A palavra “enviar” tem um sentido mais forte no original: lançar com força; mostrando que, onde seu governo está em verdade, ele terá oposição, até que consiga o controle. Nada é tão rechaçado como Cristo e seu governo, tanto dentro quanto fora de nós; e dentro de nós, principalmente em nossa conversão. Embora a corrupção não prevaleça a ponto de tornar nula a poderosa obra da graça, contudo, não só há uma possibilidade de oposição, mas uma inclinação a se opor, e não só uma inclinação, mas uma real resistência à obra do Espírito de Cristo, e isso em toda ação. Todavia, não há reação que prevaleça a ponto de inutilizar a obra da graça, mas a corrupção, no final, rende-se à graça.

Dá muito trabalho introduzir Cristo no coração, e estabelecer um tribunal para ele ali julgar. Há um exército de concupiscências em motim contra ele. A força máxima da maioria dos esforços e habilidades dos homens é dirigida para evitar que Cristo governe na alma. A carne ainda labuta para manter seu governo e, portanto, diminui o mérito de qualquer coisa que a atravesse, tal como as abençoadas ordenanças de Deus, e preza altamente qualquer coisa, ainda que tão morta e vã como nunca, se ela permitir a liberdade da carne.

PORQUE O GOVERNO DE CRISTO SOFRE OPOSIÇÃO

E não maravilha que o governo espiritual de Cristo seja tão hostilizado:

Primeiro, porque é governo, e isso limita o curso da vontade e lança um freio sobre suas imaginações. Tudo que é natural resiste ao que se lhe opõe; assim, a vontade corrupta trabalha para rebaixar à força todas as leis, e reputa uma coisa nobre o não ficar atemorizada, e um argumento de um espírito deprimido ter medo de alguém, ainda de Deus mesmo, até que o perigo inevitável apanhe os homens. Então, aqueles que menos tinham medo quando fora de perigo temem mais no perigo, como vemos no caso de Belsazar (Dn 5.6).

Segundo, é governo espiritual e, por conseguinte, a carne o tolerará menos ainda. O governo de Cristo leva os próprios pensamentos e desejos, que são as mais imediatas e livres emanações da alma, à obediência. Conquanto um homem seja de tal comportamento controlado que sua vida inteira esteja livre de ofensas exteriores, todavia, aos olhos de Cristo, ter

inclinação carnal ou mundana é morte (Rm 8.6). Ele observa com atenção uma mente mundana com uma repulsa maior do que qualquer outra ofensa em particular.

Pode-se dizer: “Mas o Espírito de Cristo está naqueles que estão com um certo grau de inclinação terrena”. Verdade, mas não como aprovador e mantenedor, mas como opositor, persuasor e, no fim, como conquistador. Os homens carnis gostariam de trazer Cristo e a carne juntamente, e ficariam contentes, com alguma reserva, em se submeterem a ele. Contudo, Cristo não será de modo algum serviçal de qualquer afeição vil e, portanto, onde há concessão de nós mesmos a qualquer desejo pecaminoso, é um sinal de que as chaves nunca foram dadas a Cristo para nos governar.

Terceiro, esse julgamento é resistido, porque é julgamento, e os homens não gostam de ser julgados e censurados. Ora, Cristo, em sua verdade, acusa-os, dá-lhes sentença contrária e os liga ao juízo do grande dia e, por isso, eles se opõem a julgar aquela verdade que deve julgá-los. Mas a verdade será forte demais para eles. O homem tem agora um dia, que Paulo denomina “dia do homem” (1 Co 4.3¹⁷), no qual ele se põe sobre seu tribunal e usurpa um julgamento sobre Cristo e seus caminhos; mas Deus tem um dia no qual ele porá tudo de modo direito, e seu julgamento permanecerá. E os santos terão sua vez, quando se sentarem em juízo sobre aqueles que os julgam agora (1 Co 6.2). No meio tempo, Cristo regerá no meio de seus inimigos (Sl 110.2), precisamente no meio de nossos corações.

DEVEMOS ESPERAR POR OPOSIÇÃO

Logo, não é sinal algum de uma boa condição encontrar tudo tranqüilo, sem oposição nenhuma; pois podemos achar que a corrupção, que é o elemento mais velho em nós, e Satanás, o homem forte que tem muitas influências controladoras sobre nós¹⁸, cederá a posse sossegadamente? Não, não há sequer um pensamento de bondade achado por ele, mas ele junta com corrupção para matá-lo no nascedouro. E, assim como a crueldade de Faraó foi em especial contra as crianças do sexo masculino, também a malícia de Satanás é especialmente contra as resoluções mais religiosas e varonis.

Isto, então, devemos sempre esperar, que, aonde Cristo vem, haverá oposição. Quando Cristo nasceu, toda Jerusalém ficou perturbada¹⁹; assim, quando Cristo nasce em qualquer homem, a alma fica em um tumulto, e

¹⁷ Tradução alternativa a “tribunal” ou “juízo” humano, como aparece nas versões mais correntes da Bíblia. A edição Almeida Revista e Atualizada aponta essa opção, em nota de rodapé. (N. do T.)

¹⁸ Lc 11.21, KJV. (N. do T.)

¹⁹ Mt 2.3. (N. do T.)

tudo porque o coração não está disposto a se entregar a Cristo para governá-lo.

Onde quer que Cristo chegue, ele traz divisão, não apenas entre o homem e si próprio, mas entre homem e homem, e entre igreja e igreja; de cujo distúrbio Cristo não é a causa mais do que o remédio o é do problema em um corpo enfermo. Agentes nocivos são a real causa, pois a finalidade do remédio é trazer saúde. Mas Cristo julga adequado que os pensamentos dos corações dos homens sejam revelados, e está posto tanto para a queda quanto para o levantamento de muitos em Israel (Lc 2.34).

Desse modo, a desesperada loucura dos homens é descoberta, para que possam antes estar debaixo da orientação de suas próprias concupiscências e, em consequência, de Satanás mesmo, para destruição sem fim deles, do que porem seus pés nas cadeias de Cristo e seus pescoços sob seu jugo; ainda que, de fato, o serviço de Cristo seja a única liberdade verdadeira. Seu jugo é um jugo suave,²⁰ seu fardo é apenas como o fardo das asas para um pássaro, as quais fazem com que ele voe mais alto. O governo de Satanás é antes uma escravidão que um governo, à qual Cristo entrega aqueles que sacodem para fora o seu, então, por causa disso, ele dá a Satanás e seus agentes poder sobre eles. Visto que eles “não receberam o amor da verdade” (2 Ts 2.10), prenda-os, jesuíta, prenda-os, Satanás, cegai-os e atai-os e levai-os à perdição. Aqueles que tomam a maior liberdade para pecar são os maiores escravos, porquanto os mais voluntários escravos. O querer é a melhor ou a pior parte em tudo. Quanto mais longe os homens vão em um rumo intencionado, mais profundamente eles afundam na rebelião; e quanto mais opõem-se a Cristo, fazendo o que querem, mais eles um dia sofrerão o que não queriam. No meio tempo, eles ficam prisioneiros em suas almas, presos em suas consciências para o juízo após a morte de quem cujo julgamento não aceitavam em suas vidas. E não é justo que descubram-no um severo juiz para condená-los quando não quiseram tê-lo como um meigo juiz para governá-los?

NOSSA VITÓRIA EM CRISTO É CERTA

Em conclusão, e como aplicação geral para nós próprios de tudo que foi dito, vemos o conflitante, não obstante seguro e esperançoso, estado do povo de Deus. A vitória não repousa em nós, mas em Cristo, que tomou sobre si tanto o conquistar por nós quanto o conquistar em nós. A vitória não está nem em nossa força para obtê-la, nem na de nossos inimigos para frustrá-la. Se ela repousasse em nós, poderíamos com justiça rezear. Porém, Cristo manterá seu governo em nós e tomará nosso partido contra as nossas corrupções. Elas são inimigas tanto dele quanto nossas. Portanto,

²⁰ Mt 11.30 (N. do T.)

“fortalecei-vos no Senhor, e na força do seu poder” (Ef 6.10). Que não olhemos tanto quem são nossos inimigos quanto quem é nosso juiz e capitão, nem ao que eles ameaçam, mas ao que ele promete. Temos mais por nós do que contra nós. Qual covarde não pelejaria quando está certo da vitória? Aqui, ninguém é vencido senão aquele que não luta. Por conseguinte, quando alguma vil fraqueza nos apanhar, que coloquemos a culpa onde ela deva ser colocada.

Desalento oriundo de incredulidade e do mau relatório trazido sobre a boa terra pelos espias moveu Deus a, em sua ira, jurar que eles não entrariam em seu repouso.²¹ Que tomemos cuidado para que um espírito de descorçoamento, originando-se da aparente dificuldade e opróbrio implicado nos bons caminhos de Deus, não o provoque para nos afastar do céu. Vemos aqui o que podemos buscar do céu. Ó amado, é uma coisa consolável ter a idéia correta de Cristo, conhecer que amor, misericórdia e vigor temos posto para nós no seio de Cristo. Uma boa opinião do médico, dizemos, é metade da cura. Que lancemos mão dessa misericórdia e poder seus todo dia em nossos combates cotidianos: “Senhor Jesus, tu prometes não apagar o pavio que fumeja, nem quebrar o caniço ferido. Nutra tua graça em mim; não me deixes a mim mesmo; a glória será tua”. Que não permitamos Satanás transformar Cristo para nós, para torná-lo outro que não aquele que ele é para os seus. Cristo não nos deixará até que tenha nos tornado como ele mesmo, totalmente gloriosos por dentro e por fora, e apresentado a nós imaculados perante seu Pai (Jd 24).

Que conforto é esse em nossos conflitos com nossos corações indisciplinados, que ele não ficará assim para sempre! Que porfiemos um pouco de tempo, e sejamos felizes para sempre. Que pensemos, quando estamos atribulados com nossos pecados, que Cristo está encarregado disso por seu Pai, que ele não “apagará o pavio que fumeja” até que haja submetido tudo. Isso põe um escudo em nossas mãos para rebater “todos os dardos inflamados do maligno” (Ef 6.16). Satanás objetará: “Tu és um grande pecador”. Podemos responder: “Cristo é um forte Salvador”. Mas ele objetará: “Tu não tens nenhuma fé, nenhum amor”. “Sim, uma fagulha de fé e amor”. “Mas Cristo não considerará isso”. “Sim, ele não apagará o pavio que fumeja”. “Mas esse é tão pequeno e fraco que sumirá e será reduzido a nada”. “Ao contrário, Cristo dele cuidará, até que haja trazido julgamento com vitória”. E isto já temos para muito conforto nosso, que, precisamente quando primeiro cremos, conquistamos a Deus mesmo, por assim dizer, crendo no perdão de todos os nossos pecados, malgrado a culpa de nossas consciências e sua justiça absoluta. Ora, havendo prevalecido com Deus, o que se colocará contra nós, se pudermos aprender a lançar mão da nossa fé?

²¹ Nm 13 e 14 com Hb 3.11. (N. do T.)

Ó, que confusão isto é para Satanás, que ele labute para extinguir uma pobre centelha e, no entanto, não seja capaz de apagá-la; que um grão de mostarda ²² seja mais forte do que as portas do inferno; ²³ que ele seja capaz de remover montanhas de oposições e tentações lançadas por Satanás e nossos corações rebeldes entre Deus e nós. Abimeleque não podia agüentar que fosse dito, “uma mulher o matou” (Jz 9.54); e deve ser um tormento para Satanás que uma criança fraca, uma mulher, um homem decrépito, por um espírito de fé, ponha-o em fuga.

ENTESOURE O MENOR GRAU DE GRAÇA

Visto que há conforto tal onde há uma pequena verdade da graça, que ela será assim vitoriosa, experimentemos muitas vezes o que Deus tem operado em nós, pesquisemos tanto nosso bem quanto nosso mal, e sejamos gratos a Deus pela menor medida de graça, mais do que por qualquer coisa externa. Será de mais utilidade e conforto do que todo esse mundo que passa e a nada chega. Sim, que sejamos agradecidos por aquela vitória prometida e garantida na qual podemos confiar sem presunção, como Paulo o faz: “Mas graças a Deus que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo” (1 Co 15.57). Vê uma chama em uma centelha, uma árvore em uma semente. Vê grandes coisas em pequenos começos. Não olhes tanto para o início quanto para o aperfeiçoamento, e assim seremos, em certa medida, jubilosos em nós mesmos, e gratos a Cristo.

Nem devemos raciocinar de uma negação de uma grande medida de graça para uma negação de qualquer uma em absoluto em nós, pois fé e graça não consistem em uma quantia indivisível, de modo que quem não tenha tal e tal medida não a tenha em hipótese alguma. Mas, como há uma grande diferença entre uma fagulha e uma chama, assim há uma grande diferença entre a menor e a maior medida de graça; e aquele que tem a menor medida está dentro do âmbito da mercê eterna de Deus. Ainda que não seja ele uma luz brilhante, todavia, é uma mecha fumegante, o qual o terno cuidado de Cristo não permitirá que se apague.

ENCORAJAMENTO PARA VIR A CRISTO

E que tudo que foi falado atraia aqueles que ainda não estão em um estado de graça para vir para debaixo do doce e vitorioso governo de Cristo, pois, embora venhamos a ter muita oposição, todavia, se esforçarmos-nos, ele nos auxiliará. Se cairmos, ele cuidará de nós. Se formos guiados por ele, venceremos. Se vencermos, é certo que seremos coroados. Quanto ao atual estado da igreja, vemos agora quão desolado está, todavia, que nos

²² Mt 17.20. (N. do T.)

²³ Mt 16.18. (N. do T.)

consolemos, que a causa de Cristo prevalecerá. Cristo regerá, até que seus inimigos virem escabelo de seus pés (Sl 110.1), não só para pisá-los, mas para ajudá-lo a se elevar mais altamente em glória. Babilônia cairá, “porque é forte o Senhor Deus que a julga” (Ap 18.8). O juízo de Cristo, não somente em seus filhos, mas também contra seus inimigos, será vitorioso, pois ele é “Rei dos reis e Senhor dos senhores” (Ap 19.16). Deus não aturará para sempre o anticristo e seus protetores rebelarem-se e jactarem-se na igreja como eles fazem.

CRISTO É A ESPERANÇA DA IGREJA

Se olharmos para o presente estado da igreja de Cristo, ela está como Daniel no meio dos leões, como um lírio entre espinhos, como um navio não apenas agitado, mas quase coberto pelas ondas. Está tão baixo que os inimigos julgam que enterraram a Cristo, no que diz respeito ao seu evangelho, no túmulo, e ali acham que o evitam de levantar-se. Mas, tal como Cristo levantou-se em sua pessoa, também ele removerá todas as pedras e ressurgirá em sua igreja. Quão pouco apoio possui a igreja e a causa de Cristo hoje! Quão forte é a conspiração contra ela! O espírito do anticristo agora ascendeu e marcha furiosamente. As coisas parecem se pendurar em uma linha pequena e invisível. Porém, nosso conforto é que Cristo vive e reina, e mantém-se no Monte Sião em defesa daqueles que o apóiam (Ap 14.1); e, quando estados e reinos arremeterem-se uns contra os outros, Cristo terá cuidado de seus filhos e de sua causa, visto que nada há no mundo que ele estime mais. Nesta época mesmo, a libertação da sua igreja e a ruína dos inimigos dele estão em andamento. Não vemos coisa alguma em movimento até que Cristo haja feito sua obra, e então veremos que o Senhor reina.

Cristo e sua igreja, quando estão em seu ponto mais baixo, estão mais próximos de se levantarem. Seus inimigos, quando no apogeu, estão mais pertos de sua queda. Os judeus ainda não estão sob o estandarte de Cristo; mas Deus, que persuade Jafé a adentrar as tendas de Sem (Gn 9.27) persuadirá Sem a adentrar as tendas de Jafé. A “plenitude dos gentios” ainda não veio (Rm 11.25), mas Cristo, que tem as extremidades da terra dadas para si em possessão (Sl 2.8), reunirá todas as ovelhas que seu Pai lhe deu em um aprisco, para que elas sejam um rebanho e tenham um pastor (Jo 10.16). Os judeus fiéis regozijaram-se em pensar no chamado dos gentios: e porque não devemos nos regozijar em pensar no chamado dos judeus?

O curso do evangelho tem sido até aqui como aquele do sol, de leste a oeste, e assim no tempo de Deus ele pode, contudo, ir mais para o ocidente. Criatura nenhuma pode impedir o curso do sol, nem parar a influência do céu, nem obstar o soprar do vento, muito menos embarçar o poder da

verdade divina, até que Cristo haja trazido tudo sob uma cabeça, e então apresentará a todos a seu Pai: “Esses são aqueles que tu me deste; esses são aqueles que me adotaram por Senhor e Rei deles, que sofreram comigo. Minha vontade é que eles possam estar onde eu estiver e reinar comigo: E então ele entregará o reino, precisamente para seu Pai, e deporá toda soberania, e autoridade, e poder” (1 Co 15.24, KJV).

A FÉ PREVALECERÁ

Levemos então nossos corações às santas resoluções, e instiguemo-nos àquilo que é bom, e contra aquilo que é mal, em nós mesmos ou outros, segundo nossas vocações, com este encorajamento, que a graça e o poder de Cristo irá junto conosco. O que teria sido daquela grande obra de reforma da religião na última primavera do evangelho se os homens não estivessem armados com coragem invencível para vencer todos os empecilhos, com essa fé, que a causa era de Cristo, e que ele não falharia em auxiliar a sua própria causa? Lutero francamente confessou que amiúde agia de maneira temerária e movido por várias paixões. Contudo, quando ele reconheceu isso, Deus não o condenou por seus erros, mas, sendo a causa divina, e sendo seus alvos santos, para promover a verdade, e ser um homem poderoso na oração, e forte na fé, Deus por ele acendeu aquele fogo que todo o mundo jamais será capaz de apagar. Conforme a nossa fé, assim é nosso encorajamento para todos os deveres, por isso, que fortaleçamos a fé, para que ela possa fortalecer todas as outras graças. A própria crença de que a fé será vitoriosa é um meio de torná-la assim de fato. Por conseguinte, crê que, embora ela seja muitas vezes como pavio que fuma, todavia, prevalecerá. Se ela prevalece nas provações com Deus mesmo, não prevalecerá sobre todas as outras oposições? Esperemos um tempo: “estais quietos, e vede o livramento do Senhor” (Ex 14.13).

O Senhor revela-se mais e mais para nós na face de seu Filho Jesus Cristo e exalta o poder de sua graça em acalantar aqueles começos de graça no meio de nossas corrupções, e santifica a consideração de nossas fraquezas para humilhar a nós, e de sua terna misericórdia nos encorajar. E ele pode nos persuadir de que, visto que nos introduziu na aliança da graça, ele não nos livrará daquelas corrupções as quais, assim como entristecem seu Espírito, também nos torna vis aos nossos próprios olhos. E, porque Satanás trabalha para obscurecer a glória de sua misericórdia e estorvar nosso conforto por meio de desânimos, o Senhor acrescenta isto ao restante de suas misericórdias, para que, visto que ele é tão gracioso àqueles que se rendem ao seu governo, possamos fazer o uso direito dessa graça, e não percamos porção nenhuma do consolo que está armazenado para nós em Cristo. E possamos nós permitir que o poder persuasivo de seu Espírito em nós seja uma demonstração da verdade da graça iniciada, e um penhor da

vitória final, naquele tempo quando ele será tudo em todos, em todos os seus, por toda a eternidade. Amém.